



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Infraestrutura Verde em Olivais Sul: conexão dos Espaços Verdes
em Olivais Sul com o Espaço Público

Juliana Sofia Simão Banha

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Maria Rosália da Palma Guerreiro, Professora Auxiliar,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Orientadora:

Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, Professora
Associada,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Infraestrutura Verde em Olivais Sul: conexão dos Espaços Verdes
em Olivais Sul com o Espaço Público

Juliana Sofia Simão Banha

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Maria Rosália da Palma Guerreiro, Professora Auxiliar,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Orientadora:

Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, Professora
Associada,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora e professora Rosália Guerreiro, e à minha coorientadora e professora Paula André, pelo entusiasmo, motivação e apoio prestado ao longo de todo o ano. Ao professor José Luís Saldanha pelo conhecimento prestado e disponibilidade.

Aos meus colegas, com quem partilhei experiências, dúvidas e aprendi muito. Um agradecimento especial à Alycie, pela amizade de todos estes anos, pelos momentos de felicidade que tivemos, pelo apoio que foi e pela resiliência que sempre mostrou e me inspirou.

À Eliana e Maíra, que desde o primeiro dia tornaram esta fase mais feliz, leve e guardo os melhores momentos. À Keren e à Vanessa que sempre estiveram lá para mim e rapidamente criei uma amizade que guardo com carinho.

Á Inês, a melhor colega de casa que ao longo de 5 anos partilhámos não só uma casa, mas também uma grande cumplicidade e amizade. A pessoa que me viu muitas noites sem dormir, que me ajudou naquilo que precisava sem hesitar. Fez Lisboa tornar-se casa e para isso não há agradecimento que chegue.

A toda a minha família, por nunca duvidarem das minhas capacidades, por mostrarem-se sempre disponíveis para ajudar e por todo o carinho que deram ao longo destes anos. Aos meus pais, pela força que me deram quando não tinha, por me fazerem acreditar que era capaz e nunca desistirem de mim.

Aos meus amigos de Alcácer do Sal, que partilhei muitos momentos de alegria. Ao André, João e Ricardo que sempre se mostraram disponíveis para ajudar e foram um porto seguro às várias adversidades que tive de enfrentar.

RESUMO

A integração de espaço verde no tecido urbano é relevante para o equilíbrio ambiental e qualidade de vida nas cidades. Os espaços verdes têm a vantagem de terem em abundância recursos ecológicos e paisagísticos, que promovem a atividade física e o bem-estar. Quando a existência de corredores verdes consolidados como zonas de recreio e lazer é apropriada, há um aumento significativo da qualidade de vida da população.

Partindo desta premissa, este ensaio/projeto tem o intuito de explorar os benefícios que uma infraestrutura verde pode trazer à cidade, particularmente a célula habitacional E dos Olivais Sul. Esta área, que integra uma zona industrial e segue as diretrizes do conceito “unidade de vizinhança”, apresenta fragilidades significativas identificadas através de uma análise territorial. Entre estas, evidencia-se i) a fragmentação dos espaços verdes que compromete a ligação com as células circundantes, ii) a escassez de espaço público integrado e consolidado e iii) a fraca conexão com os jardins e a rede de corredores verdes existentes.

A proposta de intervenção centrou-se na criação de uma infraestrutura verde multifuncional articulada com i) um sistema ciclável para melhorar a conectividade, ii) a reestruturação de áreas degradadas, integrando-as como espaços de lazer e iii) o reforçar a identidade local, mantendo a morfologia do território. Deste modo, a intervenção visa valorizar e requalificar a célula E, criando espaços diversificados que promovam a sustentabilidade e coesão urbana, integrados no objetivo de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 no sentido de procurar tornar as cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis.

Palavras-chave: Olivais-Sul; Espaço Verde; Desenho Urbano; Espaço Público

ABSTRACT

The integration of green space into the urban fabric is important for environmental balance and quality of life in cities. Green spaces have the advantage of abundant ecological and landscape resources, which promote physical activity and well-being. When consolidated green corridors exist as recreational and leisure areas, there is a significant increase in the population's quality of life.

Based on this premise, this essay/project aims to explore the benefits that green infrastructure can bring to the city, particularly the E housing cell in Olivais Sul. This area, which includes an industrial zone and follows the guidelines of the “neighborhood unit” concept, has significant weaknesses identified through a territorial analysis. Among these, the following stand out: i) the fragmentation of green spaces, which compromises the connection with surrounding cells, ii) the scarcity of integrated and consolidated public space, and iii) the weak connection with existing gardens and the network of green corridors.

The proposed intervention focused on the creation of a multifunctional green infrastructure linked to i) a cycling system to improve connectivity, ii) the restructuring of degraded areas, integrating them as leisure spaces, and iii) the strengthening of local identity, maintaining the morphology of the territory. In this way, the intervention aims to enhance and redevelop cell E, creating diversified spaces that promote sustainability and urban cohesion, integrated into the sustainable development goal of Agenda 2030 in order to make cities and communities inclusive, safe, resilient, and sustainable.

Keywords: Olivais-Sul; Green Space; Urban Design; Public Space

Índice

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	v
ÍNDICE DE FIGURAS	ix
SIGLAS	xix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 O PLANO DE OLIVAIS SUL	5
1.1 O Terreno e a Malha Urbana	7
1.2 A Forma Circular no Espaço Público	11
1.3 Espaços Verdes	16
1.4 Edificado	17
CAPÍTULO 2 ÁREA DE INTERVENÇÃO: A CÉLULA E E OS OLIVAIS SUL	21
2.1 Análise e Diagnóstico da Situação Existente (SWOT)	22
2.1.1 Espaços Verdes	26
2.1.2 Espaço Público	33
2.1.3 Património Industrial	36
2.2 Enquadramento Legal da Célula E	39
2.3 Quadro Conceptual e Modelos de intervenção	41
2.3.1 Corredores Verdes	43
2.3.2 Colar de Esmeraldas	46
2.3.3 Continuum Naturale	49
2.3.4 Terceira Paisagem	51
CAPÍTULO 3 PLANO DE ESTRUTURA PARA A CÉLULA E	53
3.1 Propostas Plano de Estrutura para a área de Olivais Sul	55
3.2 Proposta da Estufa agrícola na atual Fábrica Barros	59
3.3 Proposta do Parque Urbano na Rua da Centeeira	62
CAPÍTULO 4 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	65

4.1	Plano de Pormenor do Café do Alviela e Anfiteatro	65
4.2	Plano de pormenor Mercado da célula E e a Praça dos Balões-de-São-João.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS		73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		75
ANEXO A - Entrevista a Francisco Silva Dias, no dia 25 de julho de 2025.....		79

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1** – Fotografias da Revista Municipal sobre o tecido urbano de Olivais Sul, retirado da Revista Municipal, nº97, 1963, consultada em 13/10/2015.....6
- Figura 2** - Olivais Sul, Imagens de Portugal 263, Actualidades Cinematográficas, 1962, retirado da Cinemateca e consultado em 13/10/2025 (<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=13979&type=Video>)6
- Figura 3** - Pormenor da maquete do terreno com o traçado dos arruamentos principais, retirado do artigo Olivais Sul, Revista Municipal, nº97, 1963. Consultado em 13/10/2025.....7
- Figura 4** - Olivais Sul, Plano Geral, Urbanização de Olivais Sul, Serviço de Planeamento, GTH Boletim, nº1, Julho-Agosto 1964. Consultado em 13/10/2025.....8
- Figura 5** - Planta de um estacionamento em Olivais Norte da autoria do Arquiteto paisagista Álvaro Dentinho retirada do artigo Arranjos dos espaços exteriores na Revista Arquitetura nº81, pág.17. Consultado 08/06/2025.....11
- Figura 6** - Planta da Praça Álvaro Ponce Dentinho em Olivais Norte da autoria do Arquiteto paisagista Álvaro Dentinho retirada do artigo Arranjos dos espaços exteriores na Revista Arquitetura nº81, pág.17 Consultado em 08/06/2025.....12
- Figura 7** – Desenho do pavimento da Praça Cidade do Luso realizado pelo artista António Alfredo retirado do da Revista ArteTeoria nº5, 2004. p. 92, da autoria de Paula André. Consultado em 08/06/2025.....13
- Figura 8** - Fotografia da planta da Praça Cidade de Salazar, realizada pelo António Alfredo retirada da tese Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública, 2012.p.396, da autoria de Inês Maria Andrade. Consultado em 17/07/2025.....14
- Figura 9**- Fotografia do desenho perspectivado da Praça Cidade de Salazar, realizada pelo António Alfredo retirada da tese Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano,

arquitetura e arte pública, 2012.p.396, da autoria de Inês Maria Andrade. Consultado em 17/07/2025.....14

Figura 10- Fotografia da Praça Cidade São Salvador em 1971, realizada pelo António Alfredo retirada da tese Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública, 2012.p.396, da autoria de Inês Maria Andrade. Consultado em 17/07/2025.....15

Figura 11 - Fotografia atual da Praça Cidade São Salvador. Fotografia da autora, 8/11/20214.....15

Figura 12 - Mapa de Identificação de Olivais-Sul (cor azul), célula E (cor rosa) e a área de intervenção extra (cor laranja) modificada pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) numa base retirada do Google Earth Pro, 10/12/2024.....21

Figura 13 - Mapa de exposições solares dos Olivais-sul, realizado com base na cartografia Silva Pinto de 1911. As cores apresentadas representam os pontos cardeais: Norte (cor azul-escuro), Nordeste (cor azul-claro), Este (cor verde-escuro), Sudeste (cor verde-claro), Sul (cor amarelo), Sudoeste (cor laranja), Oeste (cor vermelho) e Noroeste (cor roxo). Trabalho realizado pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins), georreferenciado na base retirada do Google Satélite através da ferramenta digital Qgis, em 8/11/2024.....22

Figura 14- Mapa de exposições solares da célula E e zona extra de intervenção, realizado com base na cartografia Silva Pinto de 1911. As cores apresentadas representam os pontos cardeais: Norte (cor azul-escuro), Nordeste (cor azul-claro), Este (cor verde-escuro), Sudeste (cor verde-claro), Sul (cor amarelo), Sudoeste (cor laranja), Oeste (cor vermelho) e Noroeste (cor roxo). Trabalho realizado pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins), georreferenciado na base retirada do Google Satélite através da ferramenta digital Qgis, em 8/11/2024.....23

Figura 15 – Carta Solar da área de intervenção (célula E e zona extra de intervenção), realizado numa base 3D da ferramenta digital Revit 2025. Desenho realizado pela autora através da ferramenta digital Adobe Illustrator 2021 em 4/09/2025.....23

Figura 16- Mapa de Festos (cor vermelho) e Talvegues (cor azul), realizado com base na cartografia Silva Pinto de 1911.Trabalho realizado pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins), georreferenciado na base retirada do Google Satélite através da ferramenta digital

Qgis em 2/11/2024. Na célula E e na zona extra de intervenção a situação não difere muito das restantes células.....24

Figura 17– Planta de Layers de rede viária (cor vermelho), espaço verde (cor verde), passeio (cor amarela) e edifícios (cor cinzento) realizado pelo grupo de trabalho (Pedro Franco, Carolina Chalana, Marta Catela e Ian Rodrigues) sobre base desenhada através da ferramenta digital AutoCAD consultado em 14/11/2025.....25

Figura 18 – Mapa da rede de Transportes (metro e autocarro) na célula E nos Olivais Sul, realizado pela autora em 16/11/20215.....26

Figura 19 - Parque Vale do Silêncio, Fotografia da autora,8/11/2024.....29

Figura 20 - Parque Vale do Silêncio, Fotografia da autora,8/11/2024.....29

Figura 21 - Mapa da área dos Olivais Sul com sinalização dos espaços verdes (cor verde) e ciclovias (cor amarelo) já existentes, realizado pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) sobre base retirada do Google Satélite e restante informação do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa, 12/11/2024, realizado na ferramenta digital Qgis.(<https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=4> e <https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ciclovias-2/explore?layer=0>).....30

Figura 22 - Mapa de identificação da Rede de corredores verdes (cor verde) e ciclovias (cor amarelo) já existentes na área de Olivais Sul e adjacentes, realizado pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) sobre base retirada do Google Satélite e restante informação do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa 12/11/2024, realizado na ferramenta digital Qgis. (<https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=2> e <https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ciclovias-2/explore?layer=0>).....30

Figura 23 - Mapa de Tipos de Solo na célula E e zona extra de intervenção, solo basáltico (cor amarelo), solo calcarenítico (cor azul) e solo carbonatados (cor verde), realizado pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) sobre base retirada do Google Satélite e restante informação do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa, 11/11/2024, realizado na ferramenta digital Qgis (https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/5bdfd983be0c46f1b96be1c7bb740691_0/explore).....31

Figura 24- Festos (cor vermelho) e Talvegues (cor azul), realizado com base na cartografia Silva Pinto de 1911. Sobreposição dos espaços verdes existentes (cor verde), informação retirada do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa, em 15/11/20214.Trabalho realizado pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins), georreferenciado na base retirada do Google Satélite através da ferramenta digital Qgis. (https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=4).....	31
Figura 25 - Mapa de arvoredo dos Olivais-sul, com sinalização dos corredores verdes (verde-escuro), espaços verdes (verde-claro) e forma circular a representar o arvoredo (verde-escuro) realizado pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) sobre base retirada do Google Satélite e restante informação do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa, 12/11/2024, realizado na ferramenta digital Qgis. (https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=4 , https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=0 , https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=2).....	32
Figura 26- Mapa identificação tipológica de arvoredo na célula E em Olivais Sul realizada na base referente aos espaços verdes retirada do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa e modificada pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) 8/11/2024 na ferramenta digital Qgis (https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=4 , https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=0)	32
Figura 27- Praça Cidade São Salvador, Fotografia da autora, 8/11/2024.....	33
Figura 28 - Jardim Cidade Porto Alexandre, Fotografia da autora, 8/11/2024.....	33
Figura 29 - Praça Cidade do Luso, Fotografia da autora, 27/03/2025.....	34
Figura 30- Praça Salazar, Fotografia da autora, 27/03/2025.....	34
Figura 31 - Fotografia do arruamento na Célula E nos Olivais Sul. Fotografia da autora, 27/03/2025.....	35

Figura 32 - Fotografia do detalhe da escada pública na Célula E, nos Olivais Sul. Fotografia da autora 27/03/2025.....	35
Figura 33 - Fotografia de caleira na Célula E, nos Olivais Sul. Fotografia da autora 27/03/2025.....	35
Figura 34 - Praça Cidade do Luso, Célula C. Fotografia da autora, 27/03/2025.....	35
Figura 35 – Exemplo de detalhe de Tijolo maciço na fachada do edifício em Olivais Sul. Fotografia da autora, 17/07/2025.....	36
Figura 36 – Exemplo de detalhe de Tijolo maciço no interior do edifício em Olivais Sul. Fotografia da autora, 17/07/2025.....	36
Figura 37 – Exemplo de detalhe de Tijolo maciço na fachada do edifício em Olivais Sul. Fotografia da autora, 17/07/2025.....	36
Figura 38 – Exemplo de escadaria em Tijolo maciço em Olivais Sul. Fotografia da autora, 17/07/2025.....	36
Figura 39 – Fotografia da Fábrica Barros nos Olivais Sul. Fotografia da autora, 28/03/2025.....	38
Figura 40 – Planta do Plano de Urbanização dos Olivais Sul d de 1963, realizado pelo Gabinete Técnico de Habitação, consultado em 25/09/2025 (https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/plano-de-urbanizacao-dos-olivais-sul-14125).....	39
Figura 41 - Planta de Ordenamento - Qualificação do Espaço Urbano de Olivais Sul e zonas adjacentes, 2012. Fonte: Câmara Municipal de Lisboa consultado em 22/03/2025 (https://www.lisboa.pt/temas/urbanismo/plano-diretor-municipal/pdm-em-vigor).....	40
Figura 42 - Diagrama do Quadro Conceptual realizado pela autora em 18/03/2025.....	43

Figura 43 - Mapa do Colar de Esmeraldas (https://arboretum.harvard.edu/about/the-emerald-necklace/) consultado em 20/03/2025.....	47
Figura 44 - Back Bay Fens, Boston. (https://www.tclf.org/landscapes/back-bay-fens) consultado em 20/03/2025.....	47
Figura 45 - Lago Jamaica, Boston. (https://www.tclf.org/landscapes/jamaica-pond) consultado em 20/03/2025.....	47
Figura 46 - Leverett Park, Boston. (https://www.tclf.org/landscapes/olmsted-park) consultado em 20/03/2025.....	48
Figura 47 - Arnold Arboretum, Boston. (https://www.tclf.org/landscapes/arnold-arboretum) consultado em 20/03/2025.....	48
Figura 48 – Desenho do sistema de parques no Norte de Buffalo em Nova Iorque em 1876 realizado pelo Frederick Law Olmsted onde propõe a criação de três parques e a arborização de vias principais (cor verde), retirado do artigo da revista Journal of Planning History volume 12 p. 299. Consultado em 8/06/2025 no site (https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1538513212474227).....	48
Figura 49 – Fotografia do Jardim Da Fundação Calouste Gulbenkian. Autor: Ricardo Oliveira Alves, (https://gulbenkian.pt/fundacao/edificios-e-jardim/) consultado em 27/03/2025.....	50
Figura 50 - Fotografia Parque Henri Matisse, França. (https://visitandojardines.com/2019/07/14/parc-henri-matisse-lille/) consultado em 26/03/2025.....	52
Figura 51 – Fotografia Parque Henri Matisse, Ilha Derborence, França. (https://visitandojardines.com/2019/07/14/parc-henri-matisse-lille/) consultado em 26/03/2025.....	52

Figura 52 – Fotografia Parque Duisburg de Peter Lutz (https://pt.wikipedia.org/wiki/Landschaftspark_Duisburg-Nord) 27/09/2025.....	consultado	em	52
Figura 53 - Fotografia Parque Duisburg de Peter Lutz (https://pt.wikipedia.org/wiki/Landschaftspark_Duisburg-Nord) 27/09/2025.....	consultado	em	52
Figura 54 - Mapa de Identificação das Células B (cor lilás), C (cor amarelo), D (cor verde), E (cor magenta), F (cor azul) e G (cor rosa) presentes em Olivais Sul, com uma base retirada através do Google Satélite na ferramenta digital Qgis e modificado pela autora em 22/03/2025.....			54
Figura 55 - Plano de Estrutura realizado pela autora 1/08/2025.....			55
Figura 56 – Desenho explicativo das estradas existentes (imagem à esquerda) e a sua alteração com base na infraestrutura proposta (imagem à direita), realizado pela autora em 27/09/2025.....			56
Figura 57 – Planta da identificação das plataformas de madeira no percurso proposto no plano de estrutura. Desenho realizado pela autora em 26/06/2025.....			57
Figura 58 – Proposta de plataformas de madeira ancoradas ao circuito verde projetado. Plataforma com bancos como iluminação (à esquerda), plataforma com mesas de madeira (centro) e plataforma com estacionamento de bicicletas. (à direita) Desenho realizado pela autora em 19/06/2025.....			57
Figura 59 - Mapa de proposta das espécies arbóreas por zonas no corredor verde na célula E. Árvore Olaia (cor vermelha), árvore Acer negundo (cor azul), árvore Ligustro (cor amarela) utilizando uma base retirada do Google Earth Pro e alterada na ferramenta digital Photoshop, realizado pela autora a 29/05/2025.....			58
Figura 60 – Mapa sinalizado onde propomos as intervenções conceptuais (Fábrica Barros e fim da Rua da Centeeira). Mapa retirado do Google Earth Pro, modificado pela autora em 27/09/2025.....			59

Figura 61 – Desenho Corte/Alçado do existente da Fábrica Barros realizado pelo Pedro Gouveia através da ferramenta digital AutoCAD e consultado pela autora em 12/02/2025.....	60
Figura 62 - Fotografia da Fábrica Barros nos Olivais Sul. Fotografia da autora, 28/03/2025.....	60
Figura 63 - Planta esquemática da implantação da fábrica com o corredor verde proposto (cor verde) e o sistema ciclável (cor vermelha) realizado na ferramenta digital Adobe Illustrator pela autora em 10/06/2025.....	60
Figura 64 - Planta da intervenção na Fábrica Barros como estufa agrícola e do jardim exterior, realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 26/06/2025.....	60
Figura 65 – Planta da proposta do programa para a Fábrica Barros. Numericamente descrito cada área e a sua funcionalidade. Desenho realizado pela autora na base na ferramenta digital AutoCAD, em 9/9/2025.....	61
Figura 66 - Fotografia do estacionamento, Rua da Centeeira. Fotografia da autora, 27/03/2025.....	62
Figura 67 – Desenho do mobiliário urbano proposta para o Parque Urbano da Rua da Centeeira realizado pela autora através da plataforma Adobe Illustrator e Adobe Photoshop em 28/09/2025.....	62
Figura 68 - Planta da proposta do Parque Urbano com base no desenho do pavimento da Praça Cidade do Luso realizada pelo artista plástico António Alfredo e parque infantil da Rua da Centeeira com o prolongamento da ciclovia (cor vermelho) realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 26/06/2025.....	63
Figura 69 - Desenho do corte referente à proposta do parque urbano e parque infantil localizado no fim da Rua da Centeeira. Realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 26/06/2025.....	63

Figura 70 – Diagrama de Lugar relativo ao espaço público proposto na infraestrutura verde do plano de estrutura. Diagrama realizado pela autora em 30/07/2025.....	64
Figura 71 – Mapa explicativo da situação existente das duas áreas de intervenção pormenorizadas. Fotografia retirada do Google Earth Pro, editada pela autora em 29/09/2025.....	65
Figura 72 - Mapa da proposta para a fábrica Barros e a restante área do lado esquerdo. Sinalização da ciclovia (cor vermelha) e dos caminhos pedonais (cor amarela) realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 28/04/2025.....	66
Figura 73 – Corte do café proposto para a envolvente da fábrica Barros, realizado pela autora em 30/06/2025.....	66
Figura 74 – Detalhe do pilar de madeira do café proposto realizado pela autora em 26/06/2025.....	67
Figura 75 – Desenho de corte que mostra a relação da estrutura de madeira e a plataforma com o anfiteatro proposto e a Fábrica Barros, realizado pela autora em 27/06/2025.....	67
Figura 76 – Isometria do Mercado da célula E proposto que mostra a métrica da estrutura e a materialidade da mesma e das divisórias amovíveis. Realizado pela autora em 27/06/2025.....	68
Figura 77 – Perspetiva do anfiteatro e a sua relação com o café, realizado pela autora em 28/06/2025.....	68
Figura 78 - Planta da proposta da nova implantação do Mercado da célula E e da praça realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 1/05/2025.....	69
Figura 79 – Desenho perspetivado da materialidade do pavimento e do mobiliário urbano proposto na praça do mercado da célula E, realizado pela autora em 27/06/2025.....	70

Figura 80 - Detalhe do solo proposto para a praça do mercado da célula E, realizado pela autora em 27/06/2025.....70

Figura 81 – Corte da Praça dos Balões-de-São-João e do Mercado da Célula E proposto, realizado pela autora em 27/06/2025.....71

Figura 82 – Isometria do Mercado da célula E proposto que mostra a métrica da estrutura e a materialidade da mesma e das divisórias amovíveis. Realizado pela autora em 27/06/2025.....71

Figura 83 - Planta da proposta do programa para o Mercado da Célula E. Descrição cromática de cada área e a sua funcionalidade. Desenho realizado pela autora na base na ferramenta digital AutoCAD, em 9/9/2025.....72

Figura 84 – Corte da Praça dos Balões-de-São-João e do Mercado da Célula E proposto, realizado pela autora em 28/06/2025.....72

SIGLAS

GEU – Gabinete de Estudos de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa

GTH – Gabinete Técnico de Habitação

ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável

OS – Olivais Sul

ON – Olivais Norte

INTRODUÇÃO

O presente Projeto Final de Arquitetura (PFA), aborda a temática “Desenho Urbano & Paisagem”, centrando-se na relação entre o espaço público e os espaços naturais. O seu objetivo é delinear uma estratégia de intervenção à escala urbana que promova a qualidade de vida dos seus habitantes e combata as alterações climáticas visando assim uma cidade sustentável.

Esta problemática de bastante pertinência na atualidade enquadra-se na Agenda 2030 da ONU, que aborda 17 objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS). O projeto encontra-se com concordância com a ODS 11, que procura cidades e comunidades sustentáveis, inclusivas e acessíveis. Neste sentido, para a materialização destes objetivos é fundamental a promoção de uma rede de transportes acessíveis e sustentáveis, aumento da urbanização inclusiva e sustentável, proteção do património cultural e natural, acesso a espaços públicos e verdes inclusivos para todas as faixas etárias.

O estudo do presente ensaio incide sobre o Bairro dos Olivais Sul, em Lisboa, localizado na zona oriental da cidade, e caracterizado por uma vasta área de espaço verdes entre blocos habitacionais. O bairro foi desenhado em 1960 por uma equipa de urbanistas, arquitetos, arquitetos paisagistas e artistas plásticos. Esta colaboração criou um bairro que privilegiou a vivência dos habitantes para além do contexto laboral e doméstico, através de uma forte consolidação dos espaços públicos e verdes nas suas células.

A conceção urbanística deve-se a figuras fundamentais como os arquitetos José Rafael Botelho, Carlos Duarte, a arquitetura da conceção de um vasto conjunto de arquitetos, enquanto a criação dos espaços verdes foi pensada e desenhada pelos arquitetos paisagistas, Álvaro Ponce Dentinho e Gonçalo Ribeiro Telles.

Apesar do planeamento inovador, a célula E apresenta-se como um dos espaços menos concretizados em relação ao que estava planeado. Este facto deve-se por um lado à existência de uma zona industrial desativada e por outro à falta de desenho da zona desportiva. Consequentemente a área de intervenção, procura resolver estas fragilidades bem como a fraca consolidação dos espaços verdes e a articulação com o tecido urbano.

A intervenção proposta visa requalificar estas áreas, reforçando a estrutura ecológica e criando conexões pedonais e cicláveis procurando integrar e articular o bairro com a cidade. Esta integração materializar-se-á através da promoção da ligação da rede de Corredores Verdes existente (Corredor verde Central, Oriental, dos Olivais e o Ribeirinho) com os Parques e Jardins (Parque Vale do Silêncio, Parque Vale do Fundão e Jardim do Cabeço das Rolas).

Assim, a proposta central consiste numa infraestrutura verde que consolide os espaços verdes com o equipamento escolar das células C, D e E (Escola Básica Fernando Pessoa, Escola secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico de Eça de Queirós, Escola Básica Olivais e Escola Básica Sarah Afonso). Esta infraestrutura irá conectar as células até ao Parque Vale do Silêncio, potenciando zonas de espaço público e reforçando-as com pontos de paragem na área circundante às escolas. Para além desta infraestrutura verde, pontualmente intervém-se na célula E, em três locais e diretrizes estratégicas: i) zona do Mercado da Célula E e a área envolvente; ii) a requalificação do património industrial da Fábrica Barros e da sua envolvente e iii) requalificação do fim da Rua da Centeeira. Procura-se que estes espaços passem a dispor de espaços públicos e áreas de recreio.

O projeto desenvolveu-se em três fases metodológicas: i) Análise Territorial, realizada coletivamente (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) que consistiu numa análise e diagnóstico da situação existente; ii) Plano de Estrutura, definido pela infraestrutura verde proposta, articulada com os equipamentos educativos existentes, com os parques e com os jardins; iii) Plano de Pormenor, que propõe detalhadamente duas das áreas de intervenção na célula E, requalificando por um lado o mercado da célula E existente e a sua área circundante, e por outro requalificando a envolvente da Fábrica Barros.

No seu conjunto a proposta é sustentada por um quadro conceptual que envolve quatro conceitos principais: Corredores Verdes, Colar de Esmeraldas, *Continuum Naturale* e Terceira Paisagem. Os conceitos apresentados foram fundamentais para a consolidação da proposta e o entendimento das temáticas estudadas.

O presente ensaio está estruturado do seguinte modo:

No capítulo 1, Plano de Olivais Sul, procede-se à contextualização temporal do território em estudo, clarificando como surgiu o Plano de Urbanização dos Olivais Sul e a sua estruturação. Os respetivos subcapítulos desenvolvem temáticas pertinentes para sustento da proposta apresentada, centrando-se no terreno e malha urbana, no espaço público, espaço verde e edificado existentes no território.

No capítulo 2, Área de intervenção: a célula E e os Olivais Sul, desenvolve-se uma análise e diagnóstico da situação existente (SWOT). O diagnóstico abrange o contexto natural, nomeadamente o estudo da exposição solar, linhas de água, tipos de solo e áreas verdes. Para além deste contexto apresentamos uma reflexão da situação existente do espaço público e património industrial. Os subcapítulos seguintes dedicam-se ao enquadramento legal da célula E, quadro conceptual e modelos de intervenção.

No capítulo 3, Plano de Estrutura para a célula E, apresenta-se a ideia-base da proposta de intervenção. Os seus subcapítulos esclarecem a intervenção da infraestrutura verde proposta para a área dos Olivais Sul as duas intervenções conceptuais para a Fábrica Barros e Rua da Centeeira.

No capítulo 4 Plano de Pormenor, apresentam-se as propostas de desenho à escala pormenorizada, no caso, a área envolvente da fábrica Barros e a área circundante do mercado da Célula E.

Finalmente as considerações finais, as referências bibliográficas e o anexo com a entrevista realizada ao arquiteto Francisco Silva Dias.

CAPÍTULO 1 | O PLANO DE OLIVAIS SUL

Na sequência do Plano Director de Urbanização de Lisboa (1938-1948), realizado sob a orientação do urbanista Étienne de Groer, a unidade habitacional de Olivais Sul foi construída ao abrigo do Decreto-lei nº 42454 de 1959, de acordo com o Plano de Urbanização elaborado pelo Gabinete de Estudos de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa (GEU) e posteriormente revisto pelo Gabinete Técnico de Habitação (GTH). Segundo palavras do seu diretor Jorge Carvalho Mesquita sobre o GTH recaía “a responsabilidade de fazer doutrina em muitos aspetos e de assegurar simultaneamente a sua realização”¹.

Cabia ao GTH a preparação de programas de trabalho, a elaboração de planos de urbanização, de projetos de infraestruturas e de edifícios e a direção e fiscalização das obras. O arquiteto Carlos Duarte que dirigia a equipa do GTH, na qual trabalharam Mário Bruxelas, Celestino Castro, António Freitas entre outros, salienta que havendo “um problema de urgência, resultante da necessidade de apresentar para aprovação superior planos de construção de fogos em tempo útil, conforme as especificações do Decreto-lei”, para além dos arquitetos que integravam o GTH, foram convidados “arquitectos na actividade liberal para executarem projectos nos seus ateliers”².

Segundo o arquiteto Carlos Duarte o GTH e os OS foram a consolidação da responsabilidade dos arquitetos no campo da habitação social e das ideias modernas revistas no campo da habitação e do urbanismo, e que no fundo eram as grandes exigências dos arquitetos no Congresso de 1948. Considerando que se tratou de um Plano Experimental que resultou numa experiência consolidada³. Na verdade, foi um repensar da cidade tradicional, traduzida na “constante presença dos verdes junto à habitação, do estacionamento próximo, dos espaços de recreio infantil e de convívio”, assim como também visível na “preocupação da variedade das arquitectura, dos conjuntos dispostos organicamente, em bandas, definindo espaços diversificados, pracetas intimistas, propiciadoras de relações de vizinhança”⁴.

Carlos Duarte lembra que na altura vivia-se o entusiasmo das realizações inglesas do pós-guerra, e o arquiteto Silva Dias lembra também que “no termino da década de 50 assim como nos primeiros anos da década de 60, a imagem da cidade transmitida pela Carta de Atenas permaneceria presente na mente e nas pranchetas dos urbanistas portugueses”, denotando-se a influência de alguns planos

¹ ANDRÉ, Paula – Mobilário Urbano em Olivais-Sul: do desenho às realizações, **Arte Teoria**, nº 5, 2004, p.84.

² ANDRÉ, Paula – Mobilário Urbano em Olivais-Sul: do desenho às realizações, **Arte Teoria**, nº 5, 2004, p.84.

³ Isabel Colaço, Manuel Graça Dias, **Olivais Sul**, Ver Artes, RTP 2, 1994, (05:50-19:40), <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/olivais-sul/>

⁴ GUIMARÃES, Helder Tércio; RODRIGUES, Elias Cachado – Olivais e Chelas, um percurso, **GTH Boletim**, nº 50/51, 1986, p. 210, citado por ANDRÉ, Paula – Mobilário Urbano em Olivais-Sul: do desenho às realizações, **Arte Teoria**, nº 5, 2004, p. 86.

estrangeiros, como o Plano Regulador de Londres (1944) de Patrick Abercrombie, ou do bairro de Roehampton (1952-55), de Hubert Bennet, Leslie Martin e Robert Matthew e realizado pela London City Council. Levando o arquiteto Silva Dias a considerar que “a estrutura das novas cidades inglesas do pós-guerra (...) poderão ser encaradas como tendo servido de paradigma para o Plano dos Olivais”⁵.

Na década de 60 o GTH editava o seu Boletim onde ia dando conta da evolução dos trabalhos, e outras publicações como a Revista Municipal publicava artigos sobre o Plano de Olivais Sul. A propaganda dessa urbanização e desse novo Bairro era repetidamente exibida nas imagens do Noticiário Cinematográfico produzido pela SPAC - Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas, órgão de propaganda do Estado Novo.

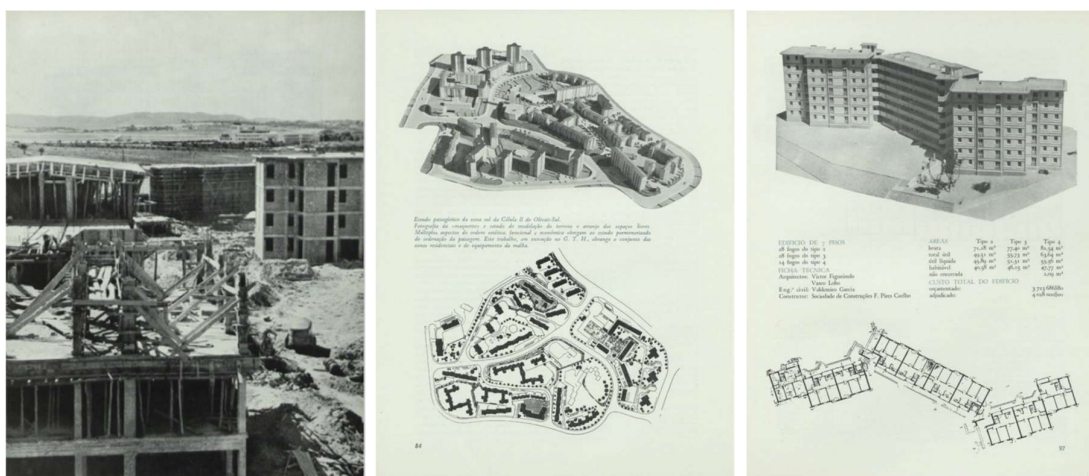


Figura 1 – Fotografias da Revista Municipal sobre o tecido urbano de Olivais Sul, retirado da Revista Municipal, nº97, 1963, consultada em 13/10/2015



Figura 2 - Olivais Sul, Imagens de Portugal 263, Actualidades Cinematográficas, 1962, retirado da Cinemateca e consultado em 13/10/2025 (<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=13979&type=Video>)

⁵ DIAS, Francisco Silva; DIAS, Tiago da Silva – **Lisboa: freguesia de Santa Maria dos Olivais**. Lisboa: Contexto editora, 1993, p.53, citado por ANDRÉ, Paula – **Mobiliário Urbano em Olivais-Sul: do desenho às realizações**, *Arte Teoria*, nº 5, 2004, p. 85.

1.1 O Terreno e a Malha Urbana

O território em estudo apresenta características que o tornam singular. A sua delimitação, estabelecida através das avenidas principais, na época denominadas de Avenida Entre Aeroportos, 2ª circular, Avenida Infante D. Henrique e a estrada de Sacavém conferindo-lhe, “Assim, o terreno tem o aspecto de um quadrilátero trapezoidal cujo pendor é condicionado simultaneamente pelos declives de sul para norte e ainda de poente para nascente, conforme a bacia geral do Tejo.”⁶

Para além da sua forma geométrica particular, o terreno apresenta um polimorfismo devido às suas características geológicas. No centro, presencia-se a existência de um planalto, o qual define uma das células dos conjuntos habitacionais posteriormente projetados. “Este planalto apresenta declives acentuados sobre as linhas de água a norte e a poente, enquanto para sul e nascente o seu declive é suave.”⁷ O polimorfismo referido materializa-se na variedade de exposições e planos que recebeu a devida atenção por parte dos arquitetos e urbanistas que, posteriormente, trabalharam no terreno.

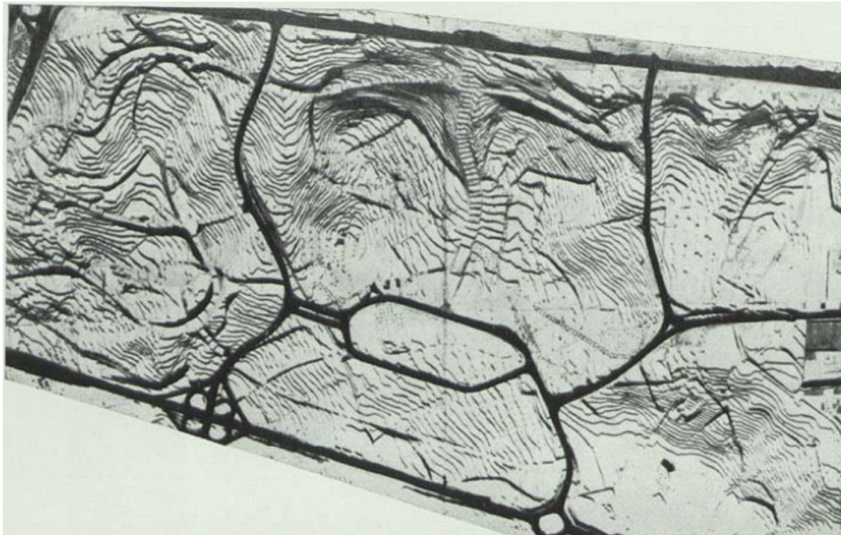


Figura 3 - Pormenor da maquete do terreno com o traçado dos arruamentos principais, retirado do artigo Olivais Sul, Revista Municipal, nº97, 1963. Consultado em 13/10/2025

Devido à sólida estrutura geológica, o território era dedicado maioritariamente à exploração agrícola, tal como acontecia nos seus arredores. Observava-se a implantação de hortas e campos cerealíferos. As hortas estavam localizadas em solos fortemente irrigados e campos cerealíferos em terras intermédias.⁸

Verificava-se a existência de Oliveiras que completam a paisagem agrária, situadas nos extremos das propriedades, limites de campos, azinhagas, entre outros. “O tipo de propriedade rústica era a

⁶ Urbanização de Olivais Sul, Serviço de Planeamento, **GTH Boletim**, nº1, Julho-Agosto 1964, p. 11.

⁷ Urbanização de Olivais Sul, Serviço de Planeamento, **GTH Boletim**, nº1, Julho-Agosto 1964, p. 11.

⁸ Urbanização de Olivais Sul, Serviço de Planeamento, **GTH Boletim**, nº1, Julho-Agosto 1964, p. 11.

quinta, centrada em torno de um núcleo edificado, quase sempre erguido em pontos elevados, rodeado de árvores e jardins.”⁹ No processo de conceção do plano de urbanização, as delimitações destas quintas foram consideradas, com o intuito de proteger as suas características e procurar a sua integração no novo tecido urbano.

Ressalva-se que o território abrange uma área de 186 hectares e conta com cerca de 36000 habitantes.¹⁰ Para além das vias estruturantes que delimitam o território, o mesmo também engloba vias secundárias, acessos e mobilidade pedonal que define as zonas residenciais e centros.¹¹

Em 1960, o GTH, que substituiu o GEU, centrou-se na distribuição dos terrenos pelas células, inicialmente nas células B e C. Antecipava-se soluções para o aproveitamento dos espaços livres e equipamento urbano. O território foi organizado em células habitacionais, cada uma possui equipamento escolar, sendo que célula central conta com um equipamento diversificado. A intenção era estabelecer equilíbrio da parte habitacional com equipamentos, rede viária, espaços verdes e espaço público. A subdivisão pelas seis células (B, C, D, E, F, G) resultou do fracionamento imposto pelas vias principais que penetram o território, estabelecendo uma autonomia entre cada célula.

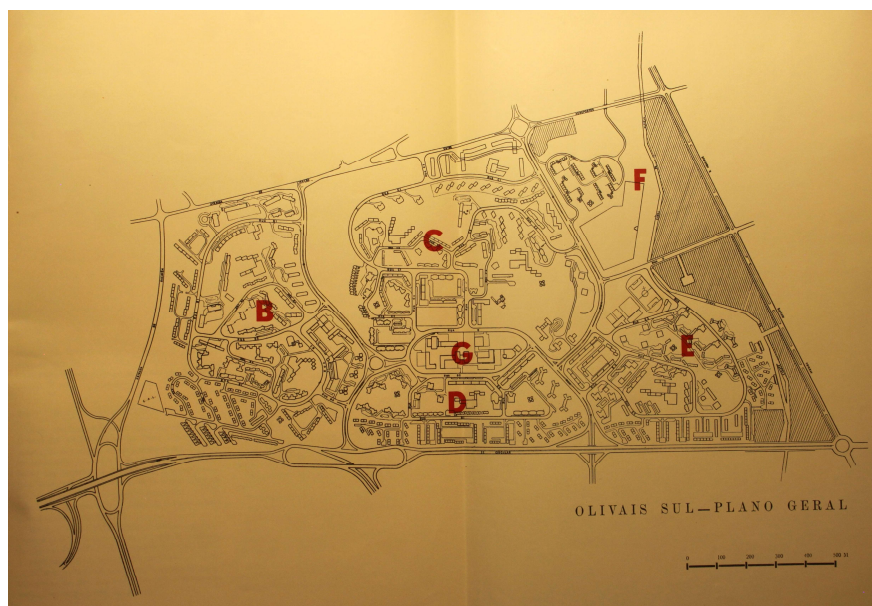


Figura 4 - Olivais Sul, Plano Geral, Urbanização de Olivais Sul, Serviço de Planeamento, GTH Boletim, nº1, Julho-Agosto 1964. Consultado em 13/10/2025

A divisão territorial por células habitacionais, com um equipamento educativo central, é influenciada pelo conceito “unidade de vizinhança” criado pelo urbanista Clarence Arthur Perry (1872-1944), inicialmente apresentado no Plano Regional de Nova Iorque em 1929. Segundo este conceito,

⁹ Urbanização de Olivais Sul, Serviço de Planeamento, **GTH Boletim**, nº1, Julho-Agosto 1964, p. 11.

¹⁰ RODRIGUES, Fernando – Habitação Social – um percurso, GTH Boletim, nº50-51, 1986, p.225

¹¹ RODRIGUES, Fernando – Habitação Social – um percurso, GTH Boletim, nº50-51, 1986, p.225

a unidade celular deve conter um equipamento educativo posicionado estrategicamente, facilitando a acessibilidade pedonal das crianças, para que estas não tenham de percorrer distâncias superiores a 800 metros ou evitar as grandes vias estruturantes.¹²

Contudo, outros equipamentos como, parques infantis, áreas de recreio, lazer e comércio local são importantes para a estruturação autónoma da célula. O objetivo visa a autonomia dos habitantes, em áreas autossuficientes permitindo o acesso ao ensino, a espaços públicos e a bens de primeira necessidade sem deslocções de longa distância. Idealmente, as vias estruturantes eram posicionadas no perímetro circundante no núcleo habitacional facilitando a redução de tráfego no interior da célula¹³ e privilegiando a acessibilidade, distância, segurança, tal como o sentido de coletividade e comunidade através da criação de centros cívicos que promovem ambientes sociais e de civismo.¹⁴

A estruturação urbana apresentada surge de influências das cidades inglesas, onde era frequente esta ideologia nas áreas residenciais, tal como as *Garden City*, desenvolvidas por Ebenezer Howard (1850-1928) em 1878 e apresentadas na sua obra “To-morrow: A Peaceful Path to Social Reform”.¹⁵ O conceito advém da necessidade de mudar o tecido urbano devido ao descontrolado desenvolvimento industrial e demográfico, propondo um equilíbrio entre o construído e o espaço verde, controlando o crescimento da cidade que na época era uma problemática a resolver.

O controlo do crescimento da cidade traduz-se na criação de *green belts* que remetem a um cinturão verde agrícola, delimitando a cidade.¹⁶ Fatores como áreas, população, estabelecimentos e empregabilidade eram considerados neste modelo de cidade e o seu controlo promove a autonomia e autossuficiência. Atingido um limite de construção e autonomia, idealizava-se a criação de novas cidade jardim próximas, interligadas através de transporte ferroviário.¹⁷

As premissas que direcionam Howard na conceção deste modelo são proporcionais às preocupações do GTH quando se projetava os OS: em ambos os contextos, as preocupações remetem

¹² REGO, Renato Leão – Unidade de vizinhança: um estudo de caso das transformações de uma ideia urbanística. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**. Brasil: Universidade Estadual de Maringá (UEM). Vol.9 nº3 (2017), p. 402

¹³ REGO, Renato Leão – Unidade de vizinhança: um estudo de caso das transformações de uma ideia urbanística. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**. Brasil: Universidade Estadual de Maringá (UEM). Vol.9 nº3 (2017), p. 403

¹⁴ SILVA, Luiz António Medeiros da Silva – **Unidades de vizinhança socioambientais e seus recortes espaciais integradores – um estudo sobre experimentações, teoria e práticas do urbanismo**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2021. p.46. Tese de pós-graduação

¹⁵ SILVA, Alessandra Rosa Da – **A cidade-jardim de Ebenezer Howard: um estudo de sua influência para a circulação de ideias e modelos no urbanismo do século XX**. Brasil: Universidade Federal do Rio Grande Do Norte, 2014. p. 29. Tese de mestrado.

¹⁶ SILVA, Alessandra Rosa Da – **A cidade-jardim de Ebenezer Howard: um estudo de sua influência para a circulação de ideias e modelos no urbanismo do século XX**. Brasil: Universidade Federal do Rio Grande Do Norte, 2014. p. 35. Tese de mestrado.

¹⁷ SILVA, Alessandra Rosa Da – **A cidade-jardim de Ebenezer Howard: um estudo de sua influência para a circulação de ideias e modelos no urbanismo do século XX**. Brasil: Universidade Federal do Rio Grande Do Norte, 2014. p. 38. Tese de mestrado.

para o equilíbrio entre o ambiente construído e o natural, a deslocação dos habitantes e consequentemente o acesso aos serviços.

O arquiteto Francisco Silva Dias em entrevista que nos concedeu refere que, “Os Olivais é uma estrutura celular; acreditava-se que as cidades cresciam como os seres vivos, com unidades mínimas de vizinhança e havendo uma hierarquia de centros, no centro está a loja, o mercado, a escola, a igreja. Depois há onde está o comércio ocasional e outra que é o centro principal. Esses núcleos nunca chegaram a ser feitos porque havia equipamento que era feito pela Câmara, as escolas, os mercados foram feitos, mas o centro principal foi durante anos e anos, um vazio.”¹⁸

O Plano de Urbanização de Olivais Sul, apresentado pelo GTH em 1963 sob responsabilidade dos arquitetos Rafael Botelho e Carlos Duarte, visava a construção habitacional, desenhada, projetada e integrada na cidade por um vasto conjunto de arquitetos.

Para além da construção habitacional integrada, o plano pretendia ligar a malha ao esquema viário, privilegiando as grandes vias, seguindo as diretrizes da “unidade de vizinhança”. Previa-se, a segunda circular com duas ligações principais (Poente-Nascente, ligando os Olivais com o Vale de Chelas e a segunda mais a nascente). Para obedecer à parte urbanística foram realizados novos arruamentos e o melhoramento do existente, estabelecendo-se quatro perfis: vias de circulação local (1 faixa com 6.50m de largura), circulação no interior da célula (1 faixa com 9.75m de largura), vias que rodeiam o equipamento comercial (1 faixa com 13m de largura) e as vias principais que atravessam o território (2 faixas de 7.50m que são divididas por uma faixa verde de 2.50m)¹⁹.

As diretrizes do plano incluíam: criação de zonas para equipamentos de primeira necessidade, zonas verdes, equipamento escolar, centro cívico; zona habitacional para todas as classes sociais; evitar zonas socialmente segregadas através da mistura controlada das categorias de habitação por dois grupos: primeiro grupo engloba a categoria I e II e o segundo a III e IV; melhoramento dos microclimas locais tendo em atenção a implantação dos edifícios e das faixas verdes propostas entre eles; rede de caminhos pedonais, livre do tráfego automóvel, que conecta os centros e enaltece a parte paisagística²⁰.

Para a conceção dos espaços verdes, concretizou-se o planeamento para as áreas plantadas e zonas verdes. Para além da contribuição dos arquitetos urbanistas Rafael Botelho e Carlos Duarte existiram outras figuras igualmente importantes como os arquitetos António Freitas, Celestino da Costa e Mário Bruxelas. A criação dos espaços verdes foi pensada e desenhada pelos arquitetos paisagistas, Álvaro Ponce Dentinho e Gonçalo Ribeiro Telles.

¹⁸ ANEXO A – Entrevista a Francisco Silva Dias, 25 de julho de 2025

¹⁹ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.85.

²⁰ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.78.

1.2 A Forma Circular no Espaço Público

O espaço público é dotado de várias funções fundamentais para a estrutura urbana, destacando-se a conectividade entre espaços e acessibilidade, a promoção da sustentabilidade e beneficiar a interação social, atividades de carácter coletivo e recreio. No âmbito do Plano de Urbanização dos Olivais, estas funções e objetivos foram materializados através da criação de diversos espaços nas células. De modo a enfatizar a importância destes espaços, os arquitetos e urbanistas recorreram à forma circular, utilizando-a como elemento diferenciador face ao contexto urbano restante. Esta opção assume principal relevância no bairro dos OS e Olivais Norte, fruto da intervenção do arquiteto Álvaro Ponce Dentinho e o artista plástico António Alfredo.

Nos ON, a geometria circular manifesta-se de diversas formas ou até funções como estacionamento (**Figura 5**) e desenho do pavimento de praças (**Figura 6**). Para o Arquiteto Álvaro Ponce Dentinho era importante a funcionalidade da obra, mas também a estética que apresentava para o desenho urbano.²¹ Deste modo, a forma circular assume versatilidade e equilíbrio entre a tradição dos antepassados e a contemporaneidade.

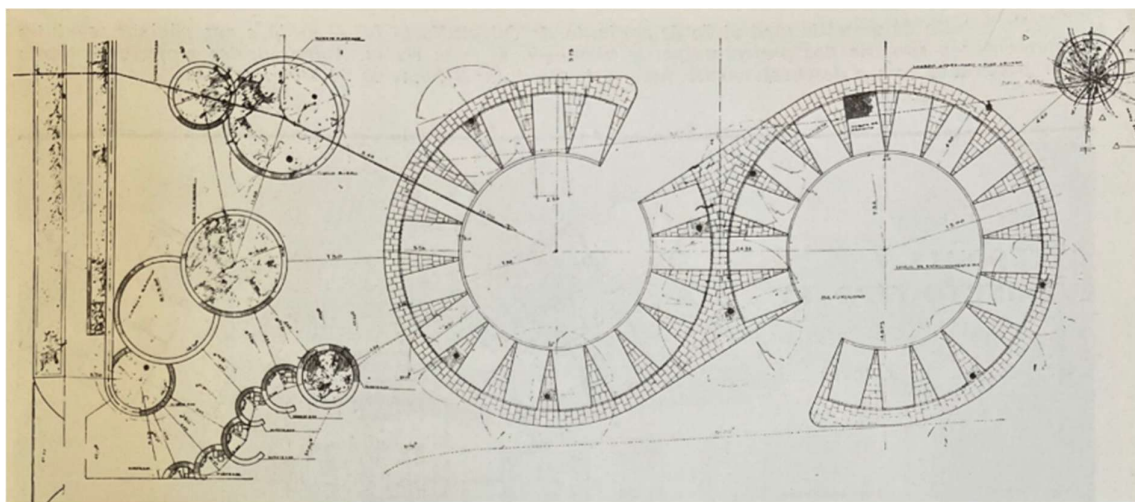


Figura 5 - Planta de um estacionamento em Olivais Norte da autoria do Arquiteto paisagista Álvaro Dentinho retirada do artigo Arranjos dos espaços exteriores na Revista Arquitetura nº81, pág.17. Consultado 08/06/2025

A forma circular utilizada no estacionamento permite uma proximidade com o centro cívico, desenhada para trânsito controlado. Para além da proximidade, as circularidades contêm um valor estético do ponto de vista dos andares superiores. O desenho da praça em Olivais-Norte permite a utilização de moldes simples que rodam em torno dos centros.

²¹ DENTINHO, Álvaro Ponce – Arranjo dos espaços exteriores. **Revista Arquitetura nº81**. Lisboa: Rui Mendes Paula. Nº81 (1964), p. 15-17

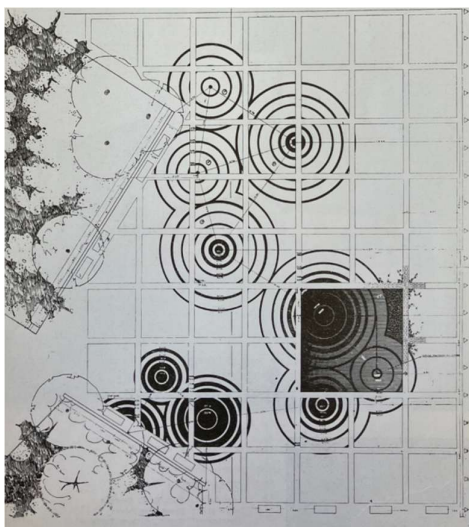


Figura 6 - Planta da Praça Álvaro Ponce Dentinho em Olivais Norte da autoria do Arquiteto paisagista Álvaro Dentinho retirada do artigo Arranjos dos espaços exteriores na Revista Arquitetura nº81, pág.17 Consultado em 08/06/2025.

António Alfredo, interveio nos OS na conceção dos espaços livres adjacentes a edifícios, áreas de recreio e espaços de convívio. Para os diferentes espaços, o artista plástico tinha abordagens diferentes como pinturas de murais, desenho de pavimento, conceção de esculturas, estruturas e pinturas. Esta dimensão plástica e artística torna cada espaço com uma identidade especial e individual. É importante ressaltar que, embora o artista tenha sido o autor de algumas destas intervenções, todo o processo de criação destes espaços ou elementos que contribuem para o desenho do território, foram realizados em colaboração com a equipa que estava encarregue pelo desenho do espaço público e espaço verde dos OS.²²

Um exemplo da arte nos OS, é o Miradouro e área de recreio infantil na célula B. O artista delimitou a área e dividiu-a para uso das crianças e adultos. A intervenção incluiu modelação do terreno, volumes e pormenorização de pavimento e mobiliário urbano. Considerou-se importante a integração de todas as faixas etárias, criando-se uma área destinada a recreio infantil e outra como miradouro, situada numa cota superior com uma escada em espiral que liga as duas áreas.²³ Relativamente ao mobiliário urbano, destacam-se os bancos ondulares com pérgula para garantir

²² MARQUES, Inês Andrade – Quando o artista “se apropria do Espaço como coisa sua”: António Alfredo e os espaços públicos de Olivais-Sul. **Revista Gama, Estudos Asiáticos**. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. Nº7 (2016). p. 127

²³ MARQUES, Inês Maria Andrade – **Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. p.389

sombra, bem como nos percursos projetou-se passadeiras labirínticas e orgânicas. Contudo, verifica-se que apenas o miradouro foi construído.

Outra intervenção realizada por António Alfredo foi na Praça Cidade do Luso, na célula C, área idealmente pensada para albergar estabelecimentos comerciais, lojas e cafés, considerando como um dos núcleos comerciais locais. Este espaço foi desenvolvido mais detalhadamente, destacando-se a sua elevação em relação à Rua de Moçâmedes, resolvida através de degraus e muros de suporte e no desenho do pavimento. No pavimento projetou-se desenhos de espirais e círculos em que a paleta de cores variava entre o vidro branco e preto e tijolo de cutelo.²⁴

As formas circulares e espiraladas estavam inseridas num perímetro retilíneo e geometrizado correspondendo à posição dos edifícios que apresentavam ângulos a Norte/Este e reto a Oeste.²⁵ Foi ainda projetado um lago em forma circular, mas atualmente não existe. Para enfatizar as formas referidas, o artista transpôs essa ideia formal para o exterior da praça, através de plataformas circulares e muretes que poderiam ser utilizadas como bancos.

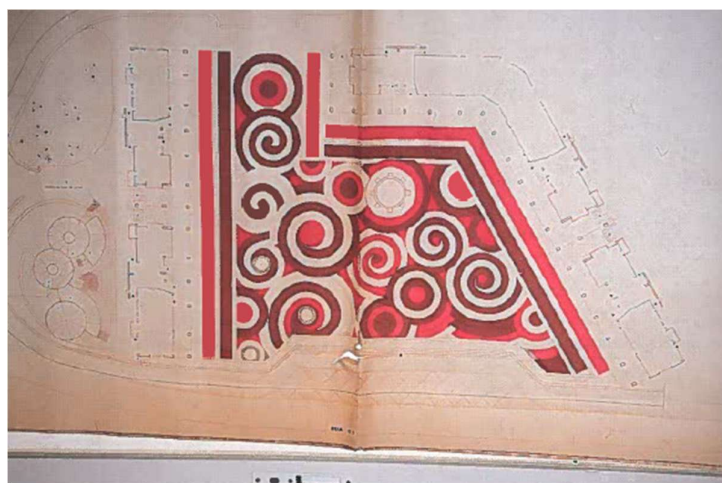


Figura 7 – Desenho do pavimento da Praça Cidade do Luso realizado pelo artista António Alfredo retirado do da Revista ArteTeoria nº5, 2004. p. 92, da autoria de Paula André. Consultado em 08/06/2025.

A Praça Cidade de Salazar, presente na célula C foi outro exemplo de espaço público que contou com a contribuição de António Alfredo. A intervenção do artista foi, uma vez mais, através do pavimento desenhando a preto e branco formas circulares em espiral rotacionais dentro de uma forma circular, contrariando a linha reta que acontece na sua perpendicular que conecta as duas estradas do

²⁴ MARQUES, Inês Maria Andrade – **Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. p.391

²⁵ MARQUES, Inês Maria Andrade – **Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. p.391

espaço livre. A forma circular transmite a centralidade e dita a área como espaço de permanência. A materialidade do pavimento é em calçada portuguesa a vidraço preto e branco.²⁶

Para além do pavimento, o artista projetou elementos escultóricos destinados às crianças, que nunca chegaram a ser concretizados. Atualmente não se verifica a existência de um parque infantil, como estava planeado.

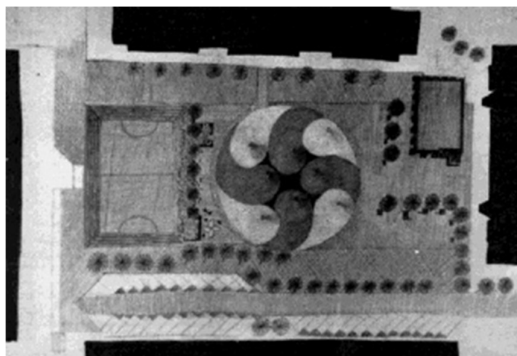


Figura 8 - Fotografia da planta da Praça Cidade de Salazar, realizada pelo António Alfredo retirada da tese *Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública*, 2012.p.396, da autoria de Inês Maria Andrade. Consultado em 17/07/2025

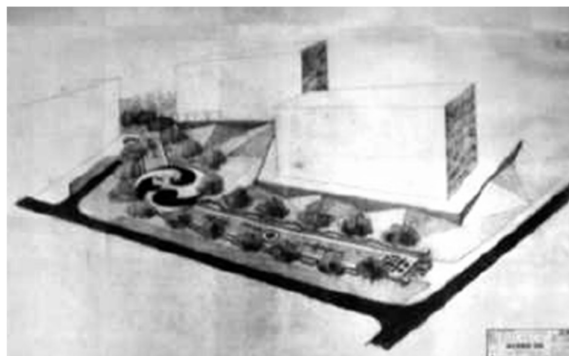


Figura 9- Fotografia do desenho perspetivado da Praça Cidade de Salazar, realizada pelo António Alfredo retirada da tese *Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública*, 2012.p.396, da autoria de Inês Maria Andrade. Consultado em 17/07/2025

A Praça Cidade de São Salvador, também situada na célula C, foi a última que contou com a intervenção do pintor neste contexto. É uma praça de planta retangular delimitada por quatro edifícios em banda, onde se planeava espaço destinado a parque infantil. Diferenciando das anteriores este espaço público contava com um espaço destinado à prática de atividade física através de um campo de jogos e ringue de patinagem.

O artista plástico projetou a praça em conjunto com o arquiteto Joaquim Castro, definindo os espaços com a implantação de árvores ou modelações de terreno verificando dar algum dinamismo. Para estruturação da área, dividiu-se o espaço em três áreas, o campo de jogos e o de patinagem em extremos opostos da área e no centro a praça com as modelações de terreno propostas.²⁷ As modelações e o tratamento do pavimento, foi mais uma vez, onde se destacou António Alfredo. O desenho do pavimento assemelha-se à Praça Cidade de Salazar, com a mesma paleta de cores e

²⁶ MARQUES, Inês Maria Andrade – *Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. p.395

²⁷ MARQUES, Inês Maria Andrade – *Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. p.397

materialidade. As modelações de pavimentos já referidas, destinava-se a volumes no solo dando relevo à praça, sendo elementos escultóricos integrados no próprio terreno.

A zona central da praça remete para um círculo que resolve a diferença de contas com degraus, que formava um ligeiro anfiteatro. Embora tivesse previsto um lago, o mesmo não chegou a ser concretizado. O ringue de patinagem deu lugar a um parque infantil.

A utilização da forma circular poderá ser uma estratégia de aproximação metafórica da natureza com o ser humano através da forma geométrica mais orgânica.



Figura 10- Fotografia da Praça Cidade São Salvador em 1971, realizada pelo António Alfredo retirada da tese *Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública*, 2012.p.396, da autoria de Inês Maria Andrade. Consultado em 17/07/2025



Figura 11 - Fotografia atual da Praça Cidade São Salvador. Fotografia da autora, 8/11/20214

Na entrevista feita ao arquiteto Francisco Silva Dias, que colaborou proximamente com o pintor António Alfredo, oferece um testemunho sobre a equipa do GTH que ficou responsável pelo projeto urbanístico dos Olivais. O arquiteto refere que “Sim o António Alfredo era uma personagem. Falando dessas três personagens que trabalharam no espaço público: o Dentinho, o António Alfredo e o Jorge Vieira. Depois foi contratado o Joaquim Rodrigo que era agrónomo e a quem se deve o parque da Bela Vista. Estas três personalidades eram muito diferentes. O Jorge Vieira senti-o sempre deslocado do grupo, não sei porquê. Enquanto o António Alfredo era de um grande entusiasmo e trabalhava com o barro, aqueles muros, umas maquetes enormes”²⁸. O empenho e entusiasmo do pintor refletiu-se nos arranjos dos espaços livres dos Olivais e muitas das suas experimentações em barro e maquetes tornavam-se reais em OS. O território é fruto de uma equipa que incluiu arquitetos, engenheiros e artistas plásticos que projetam cidade, verificando-se uma coesão entre espaços e percursos.

²⁸ ANEXO A – Entrevista a Francisco Silva Dias, 25 de julho de 2025

No entanto, na célula E, observa-se a escassez de espaço público consolidado e uma falta de intencionalidade de projetar uma centralidade, visíveis nas restantes células. Consequentemente à carência de consolidação de espaço público, constata-se a fraca intencionalidade de articular o tecido urbano e a arte. Verifica-se com o Plano de Urbanização dos Olivais Sul, a intencionalidade de integrar as áreas verdes no território, promovendo o contacto direto com a natureza.

1.3 Espaços Verdes

A Câmara Municipal de Lisboa ficou encarregue do planeamento e tratamento de todas as zonas verdes públicas de OS. Assim sendo, o GTH iniciou o planeamento destas áreas, considerando a pouca manutenção destes espaços, o que influenciou a escolha dos materiais para pavimento, muros de suporte e parques infantis.

Nos conjuntos habitacionais do primeiro escalão, previa-se terrenos de jogos para as crianças do pré-escolar e que seriam divididos em duas categorias: a primeira para as crianças com menos de 6 anos, a segunda para crianças dos 6 aos 10 anos e intencionavam albergar cerca de 30 a 40 crianças. Relativamente ao convívio de adultos, pensou-se em zonas ao ar livre com algum equipamento elementar.

O segundo escalão, remete para a unidade de vizinhança, com principal foco nos campos de jogos localizados junto às escolas pré-primária e primária. O equipamento ao ar livre estava ligado às áreas para jogos, atividades culturais e artesanais como teatro, biblioteca, etc. Estavam previstos quatro parques destes na célula B, dois parques da célula C e na célula E, complementados por jardins tipicamente lisboetas em todas as células.

A célula C, integra dois parques: o maior, com 9.87Ha, estabelece uma separação entre a célula B e C, permitindo acesso facilitado dos residentes; o segundo, tem 4.1Ha e situa-se na encosta norte-nascente, apoiando os habitantes da zona oriental.²⁹

As zonas verdes para além de melhorarem a qualidade espacial e de vivência na cidade ajudam na vertente higiénica, sanitária e psicológica. O Plano de Urbanização tinha em vista integrar a natureza com a malha urbana, através do planeamento dos jardins e faixas arbóreas nas zonas habitacionais, nos perfis dos arruamentos e na fronteira da zona industrial intencionava combater a poluição vinda das indústrias.

Contudo, este objetivo só foi concretizado parcialmente, devido à elevada ocupação do solo para habitação. A presença da poluição justifica a localização do parque principal do território, criando o mesmo uma cortina de vegetação capaz de atenuar os ventos poluentes vindos das indústrias. A

²⁹ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.92.

mistura de espécies arbóreas permite uma paisagem diversificada, mantendo também a conservação das oliveiras que fazem parte do lugar tornando-o único.³⁰

Respetivamente à modelação do terreno, manteve-se as características da paisagem natural que já existia fazendo um equilíbrio com o construído. Foi possível manter algumas azinhagas, preservação dos taludes arborizados.³¹

1.4 Edificado

Relativamente ao edificado, a malha urbana teve de obedecer a exigências do Decreto-Lei 42 454, no âmbito do investimento de habitação económica. O setor de habitação foi distribuído por diversas instituições que investiam na parte social como Instituto Nacional do Trabalho, Fundo de Casas Económicas, instituições que faziam parte do Ministério das Finanças, mais direcionadas para pessoas que trabalhavam para o Estado, Serviços Sociais das Forças Armadas e ainda o interesse relacionado com o fomento de habitação económica³².

Era do interesse do plano de urbanização incluir todas as categorias de habitação na malha urbana, evitando a segregação social. “O que deu algum resultado porque há uma grande mistura social nos Olivais. Essas quatro categorias tinham inclusivamente regras um bocadinho diferentes, pode-se discutir se as paredes para os ricos têm 40 centímetros e para os pobres têm 25, mas isso correspondeu a uma mistura social interessante, não houve grandes conflitos.”³³, reforça o arquiteto Francisco Silva Dias relativamente aos resultados obtidos da mistura social que se pretendia.

Os blocos de habitação de categoria I, foram concebidos até quatro pisos, embora o objetivo não se tenha concretizado em todos os blocos, existindo blocos até ao sétimo andar e o mesmo para a categoria II. As habitações das diferentes categorias poderiam ser para arrendamento ou para compra.

As moradias tinham um limite de construção, uma vez que a maior parte do solo seria utilizado para construção de habitação coletiva. O trabalho dos arquitetos encarregues de projetar estas edificações foi acompanhado pelo GTH, resultando num trabalho de equipa de referência.

Previa-se a construção de 7996 fogos na totalidade para 38 250 habitantes.³⁴

No que concerne aos equipamentos, o modelo da Unidade de Vizinhança previa áreas definidas para o equipamento escolar pré-primário (em todas as células habitacionais), primário e mais tardiamente escolas técnicas e de ensino secundário em Olivais-Norte. Para além do ensino pré-primário estar previsto em todas as células, considerava-se que deveriam estar implantadas longe das

³⁰ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.93.

³¹ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.93.

³² Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.81.

³³ ANEXO A – Entrevista a Francisco Silva Dias, 25 de julho de 2025

³⁴ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.82.

vias de tráfego principal, dentro de um raio de 150 a 200m, distância adequada para crianças entre os 5 e 7 anos poderem fazer o percurso autonomamente.

A implantação das escolas obedecia à orientação do terreno, proteção dos ventos dominantes e zonas de menos ruído. Em algumas escolas projetou-se algumas instalações como ginásio, sala de festas, biblioteca e campo de jogos promovendo a interação social e cultural.³⁵ As áreas das escolas dependiam do número de crianças, sexo masculino e feminino, pois existia a separação por secção.

A prioridade do GTH no setor escolar era responder às necessidades de ensino primário no território em estudo. Carlos Duarte, influenciou a forma como a equipa correspondeu as estas necessidades, através da influência do London County Council, de estabelecimentos escolares em Itália, os parques “Robinson Crusoe” na Suíça, e da escola de Crow Island³⁶. Na verdade, vários fatores foram considerados; nomeadamente a dimensão da sala de aula, os espaços amplos, os equipamentos dentro da própria escola como bibliotecas ou ginásios, proporcionando outras atividades e a dimensão do mobiliário adequado a cada faixa etária.

Para a concretização das diretrizes apresentadas, a equipa dividiu-se por dois setores principais: o setor consultivo que trabalhava a vertente psicopedagógica, com equipas do Ministério da Educação Nacional e o Instituto Nacional de Educação Física;³⁷ e o setor dedicado à economia da construção através do controlo de custos, trabalho este realizado pelos técnicos do GTH e também técnicos do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC).

Analisando cada célula podemos considerar: na célula B: bloco escolar sul abrangia 420 crianças numa área de 12 900 m² e o bloco escolar norte tinha o mesmo número de crianças, mas numa área de 12 000 m²; na célula C: bloco escolar ponte tinha 300 crianças numa área de 9400 m² e no bloco escolar nascente, 500 crianças numa área de 12 500 m²; na célula D, era apenas um bloco escolar com 400 crianças e uma área de 11 300 m²; na célula E, também era só um bloco escolar para 600 crianças, numa área de 15 000m² onde a mesma reservava uma possibilidade da construção de outra escola, e nas células B e E previa-se a instalação de tanques para aulas de natação não só para estudantes, mas também para os habitantes das células.³⁸

Para além do equipamento educativo estar presente no planeamento, consideraram-se outros equipamentos, um deles o equipamento comercial. Este dividiu-se em escalões: o primeiro escalão remete para lojas com produtos de necessidades básicas como alimentos, que se situam num raio de 150-200 metros; o segundo escalão é direcionado para bens semanais ou mensais situados nos centros

³⁵ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.86-87.

³⁶ MARQUES, Inês Maria Andrade – **Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. p.355

³⁷ MARQUES, Inês Maria Andrade – **Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. p.356

³⁸ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.89.

cívico-comerciais das células, num raio de 400 metros; e um terceiro, um centro cívico-comercial, com um raio de 1000 metros com comércios, diversos serviços de apoio, armazéns e mercado principal. A intenção do primeiro escalão concretizou-se, pois existem várias lojas de pequenos comércios locais em OS, localizadas maioritariamente no piso térreo dos conjuntos habitacionais. A preocupação da acessibilidade pedestre não foi só referente às escolas primárias e ao edificado, mas também a estes estabelecimentos.³⁹

O equipamento cultural e recreativo, estava planeado nos centros cívico-comerciais, os quais albergavam o centro de ação sociocultural, as instalações para coletividade de cultura e recreio e a biblioteca municipal. No centro principal, planeava-se ainda a criação de museu e galerias de arte, cineteatro municipal e cinemas de pequena lotação. No âmbito do equipamento cultural, foram previstos dois complexos paroquiais, um no centro cívico-comercial principal e outro na célula B.⁴⁰

No setor da saúde, foram previstos infantários, creches, dispensário antituberculoso e saúde mental, centros de ação social e centros médicos⁴¹.

Por fim, o equipamento desportivo previsto incluía dois parques desportivos, um junto da zona industrial e outro próximo da Rotunda da Encarnação. Estes parques contêm dois campos de futebol, três campos de andebol, dois campos de basquetebol, dois campos de voleibol, dois campos de ténis, áreas livres para jogos de organização e recreios⁴².

³⁹ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.89.

⁴⁰ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.90.

⁴¹ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.91.

⁴² Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.93.

CAPÍTULO 2 | ÁREA DE INTERVENÇÃO: A CÉLULA E E OS OLIVAIS SUL



Figura 12 - Mapa de Identificação de Olivais-Sul (cor azul), célula E (cor rosa) e a área de intervenção extra (cor laranja) modificada pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) numa base retirada do Google Earth Pro, 10/12/2024

Após a contextualização histórica do Plano de Urbanização dos Olivais Sul, elaborou-se uma cartografia temática com a finalidade de compreender o contexto natural onde o território está inserido. Foi realizado coletivamente, um estudo da exposição solar e da rede de festos e talvegues com base na planta cartográfica Silva Pinto de 1911. Esta análise permitiu compreender e comparar os Olivais-Sul com a área de intervenção (célula E e zona industrial).

Adicionalmente, para complemento do estudo morfológico, recorreremos a informação referente a tipologia do solo, densidade arbórea existente e à sua tipologia. A aquisição destes dados foi retirada do site da Câmara Municipal de Lisboa e trabalhada com recurso à ferramenta digital Sistema de Informação Geográfica (SIG), Qgis.

Para além da análise morfológica, procedemos a uma reflexão da observação in situ da situação existente relativa aos espaços e ao espaço público.

2.1 Análise e Diagnóstico da Situação Existente (SWOT)

Iniciámos a análise e diagnóstico da situação existente com um estudo de exposições solares do território e posteriormente na célula de intervenção e a área industrial adjacente.

De um modo geral, Olivais-sul apresenta uma exposição maioritariamente orientada a norte, (**Figura 13**) o que justifica a orientação dos conjuntos habitacionais. Estes não seguem uma malha ortogonal e simétrica, estando orientados para receberem a melhor exposição solar possível.



Figura 13 - Mapa de exposições solares dos Olivais-sul, realizado com base na cartografia Silva Pinto de 1911. As cores apresentadas representam os pontos cardeais: Norte (cor azul-escuro), Nordeste (cor azul-claro), Este (cor verde-escuro), Sudeste (cor verde-claro), Sul (cor amarelo), Sudoeste (cor laranja), Oeste (cor vermelho) e Noroeste (cor roxo). Trabalho realizado pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins), georreferenciado na base retirada do Google Satélite através da ferramenta digital Qgis, em 8/11/2024

Analisando em pormenor, a célula E (**Figura 14**) apresenta uma exposição solar mais favorável relativamente às restantes células. A zona industrial é uma área que se encontra maioritariamente a norte. Na célula, áreas de cariz natural como o campo desportivo e o canal do Alviela estão orientadas de modo a receberem maior exposição solar.

Com o presente estudo das exposições solar, retiramos várias conclusões sobre o território, como a orientação dos edifícios, implantação das zonas verdes e os ventos predominantes provenientes de norte que posteriormente, foram estudados e demonstrados graficamente na carta solar.

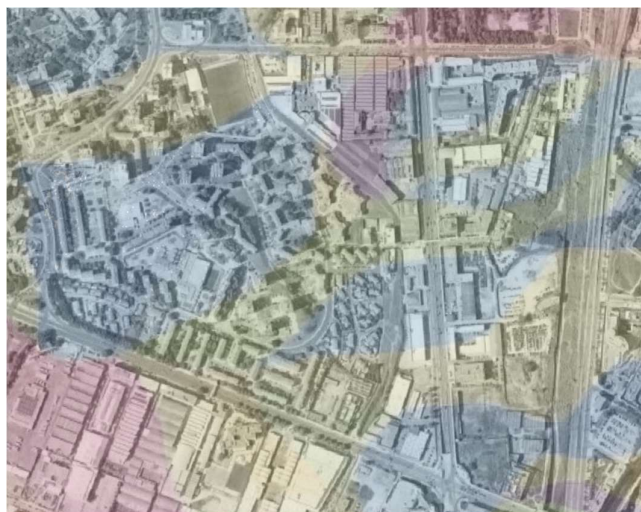


Figura 14- Mapa de exposições solares da célula E e zona extra de intervenção, realizado com base na cartografia Silva Pinto de 1911. As cores apresentadas representam os pontos cardeais: Norte (cor azul-escuro), Nordeste (cor azul-claro), Este (cor verde-escuro), Sudeste (cor verde-claro), Sul (cor amarelo), Sudoeste (cor laranja), Oeste (cor vermelho) e Noroeste (cor roxo). Trabalho realizado pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins), georreferenciado na base retirada do Google Satélite através da ferramenta digital Qgis, em 8/11/2024.

Com o objetivo de aprofundar o estudo da exposição solar na área de intervenção, realizou-se uma carta solar. **(Figura 15)** Graficamente permite visualizar a diferença da trajetória solar entre o solstício de Verão e Inverno, verificando-se maior incidência solar no Solstício de Verão. Para complemento da carta solar, procedeu-se ao estudo dos ventos predominantes. Foram ainda identificadas as zonas de maior impacto acústico que coincidem com as vias estruturantes do território em análise, nomeadamente a Avenida Pádua e Avenida Infante Dom Henrique.

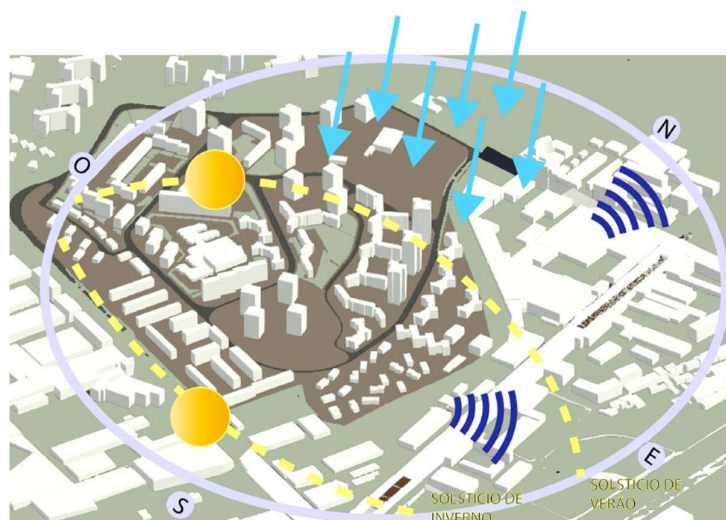


Figura 15 – Carta Solar da área de intervenção (célula E e zona extra de intervenção), realizado numa base 3D da ferramenta digital Revit 2025. Desenho realizado pela autora através da ferramenta digital Adobe Illustrator 2021 em 4/09/2025

Com a base cartográfica Silva Pinto de 1911, procedeu-se à análise relativa às linhas de festo e talvegue no território em estudo. (**Figura 16**) Deste modo, compreende-se que as vias estruturantes, nomeadamente a Avenida de Berlim e a Avenida de Pádua, encontram-se em linhas de água. Este facto justifica a presença de espécies arbóreas no alinhamento das avenidas e corredores verdes existentes, devido à forte aptidão do solo nestas áreas que favoreceu a implementação de vegetação.

Esta disposição contribui para o bom funcionamento do meio urbano e ambiente, potenciando o combate à poluição causada pelo tráfego. O mesmo princípio justifica a localização do Parque do Vale do Silêncio, campos de jogos e espaços públicos arborizados.

Relativamente às linhas de festo no interior de Olivais-Sul, estas permitem compreender a implantação elevada de edifícios, bem como de miradouros situados nos promontórios. Aproveitando as linhas de cumeada, o Plano de Urbanização dos Olivais Sul projetou e estudou os percursos pedonais que usufruísem da topografia do terreno. O aproveitamento do terreno propôs caminhos longos e pouco íngremes, beneficiando perspetivas visuais e reduzindo o risco de inundações.



Figura 16- Mapa de Festos (cor vermelho) e Talvegues (cor azul), realizado com base na cartografia Silva Pinto de 1911. Trabalho realizado pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins), georreferenciado na base retirada do Google Satélite através da ferramenta digital Qgis em 2/11/2024. Na célula E e na zona extra de intervenção a situação não difere muito das restantes células.

Os espaços verdes e o campo de jogos encontram-se implantados em zonas com um solo favorável, beneficiando a drenagem dos mesmos. A célula em análise segue a mesma lógica da implantação dos edifícios e miradouros, pois encontram-se em cotas mais elevadas, devido aos promontórios, rodeadas de zonas verdes e vistas privilegiadas para a cidade de Lisboa.

No âmbito deste contexto natural, está presente na célula em estudo um elemento hidrográfico fundamental na zona: o canal do Alviela. Esta infraestrutura, construída entre o século XIX e XX, teve como finalidade o aproveitamento das águas vindas do rio Alviela para resolver a problemática de abastecimento de água na área metropolitana de Lisboa. Tendo origem no distrito de Santarém, o rio Alviela, em conjunto com o canal são elementos fundamentais para a história da cidade de Lisboa.

Salientando o contexto urbano onde a célula é está inserida, através da cartografia apresentada é possível observar na célula E as características apresentadas. A vermelho as vias estruturantes, localizadas estrategicamente, minimizando de forma significativa o seu impacto sobre o peão no interior da célula, reforçando ao conceito de «passeante»⁴³. Constata-se a importância da deslocação pedonal segura através dos percursos estabelecidos entre os conjuntos habitacionais e equipamentos, bem como dos caminhos integrados na vegetação, que se encontram representados a amarelo.



Figura 17 – Planta de Layers de rede viária (cor vermelho), espaço verde (cor verde), passeio (cor amarela) e edifícios (cor cinzento) realizado pelo grupo de trabalho (Pedro Franco, Carolina Chalana, Marta Catela e Ian Rodrigues) sobre base desenhada através da ferramenta digital AutoCAD consultado em 14/11/2024.

Curiosamente, o amarelo manifesta-se com clareza no interior da célula E, mas dissipa-se na transição para a área industrial. Neste contexto industrial prevalece, sem dúvida, edificado e rede viária. Apesar da intenção, pelo GTH, de autonomia dos habitantes dentro da célula tornando-a autossuficiente, a célula E não contém equipamentos suficientes para concretizar esta autonomia.

⁴³ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.95.

A centralidade na célula em estudo, que contém atualmente a Escola Básica Sarah Afonso e o mercado da célula E, apresenta uma desconexão física entre estes dois equipamentos. O mercado encontra-se degradado e com pouca ocupação e utilização.

Verifica-se bastantes espaços verdes no estudo cartográfico analisado, mas atualmente são espaços visivelmente degradados e com falta de manutenção. A fraca consolidação dos espaços verdes e equipamentos fragiliza a noção de percurso, de vivência do espaço livre e público tirando o dinamismo que poderia acontecer na célula E.

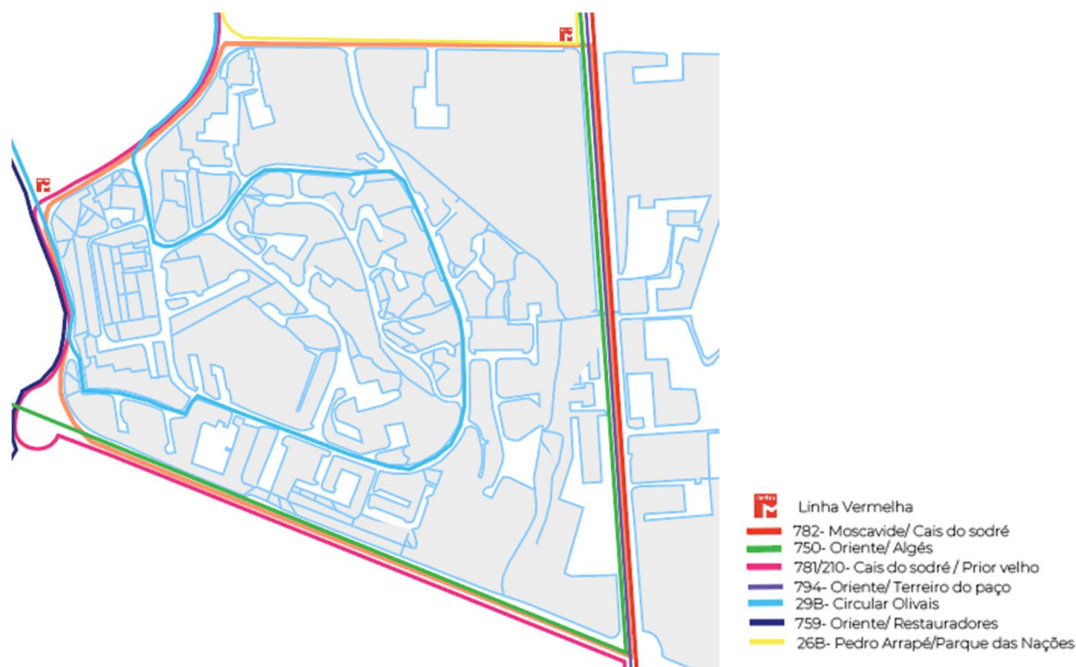


Figura 18 – Mapa da rede de Transportes (metro e autocarro) na célula E nos Olivais Sul, realizado pela autora em 16/11/20215

Posteriormente, elaboramos um estudo da rede de transportes existente (**Figura 18**) na célula de intervenção. Conclui-se que esta possui uma boa rede de transportes, caracterizada por uma linha metropolitana que articula a célula com a grande Lisboa, complementada por diversas linhas de autocarros que conectam a área de intervenção com vários pontos centrais da cidade.

Para além da forte articulação com o tecido urbano, existe uma linha de autocarro integrada no interior da célula. Esta ajuda contribui para o objetivo do baixo tráfego automóvel e para a livre locomoção pedonal no interior da célula.

2.1.1 Espaços Verdes

Os espaços verdes desempenham um papel importante na mitigação de problemáticas associadas ao meio urbano. As suas funções contribuem para a diminuição gases poluentes, a libertação de oxigénio, a criação de microclimas mais frescos, a redução da possibilidade de cheias e a melhoria da qualidade

do ar. Além disso, estes espaços ajudam a controlar os ventos, tornando sítios como ruas e praças em lugares mais confortáveis, fortalecendo o equilíbrio ecológico considerados refúgios para a biodiversidade.

Para além dos benefícios ambientais, os espaços verdes apresentam vantagens a nível social, proporcionando áreas de lazer e recreio que potenciam atividades de carácter educativo e pedagógico, além de promoverem o bem-estar físico e psicológico da população. Do ponto de vista económico, também é vantajoso pela possibilidade destes espaços fornecerem matéria-prima e alimentos, pela atração por parte dos residentes e a valorização local devido à boa qualidade de vida e espaço.⁴⁴

No caso específico do bairro dos OS, existiu por parte dos arquitetos paisagistas do GEU um interesse na estruturação de espaços verdes e espaços públicos dos Olivais (Norte e Sul) e de Chelas. Gonçalo Ribeiro Telles, responsável na época pelos espaços verdes no Estudos-Base da Urbanização dos Olivais em 1955⁴⁵, defendia que estes deveriam ter o propósito de conectar a cidade e quem nela vive com a natureza: “(...) uma função múltipla de ordem panorâmica, salutar, recreativa e psicológica (...) Quase todo o espaço verde previsto comporta-se como logradouro coletivo da população, que desta forma sentirá dia a dia e com intimidade o pulsar da natureza e o equilíbrio da presença de uma paisagem ordenada e humanizada”⁴⁶. A estratégia delineada para a concretização deste objetivo consistiu na proposta de hortas na periferia das células, com o propósito de proteger os habitantes dos ventos. O arquiteto propôs ainda a criação de jardins e a instalação de maciços arbóreos para separar as habitações das vias principais⁴⁷.

Embora o GTH contasse já em 1959 com os arquitetos paisagistas Edgar Fontes, Álvaro Dentinho e Sousa da Câmara, foi em 1964, numa fase em que espaços livres ainda estavam por construir, que Álvaro Dentinho ficou responsável pelo desenho desses espaços⁴⁸. A sua influência é visível em toda a área dos Olivais através da utilização da forma circular, tanto no desenho, como na delimitação espacial. Esta abordagem conceptual trouxe a este território uma nova perspetiva sobre técnicas, formas e de como este equilíbrio poderia trazer modernidade e qualidade de vida para a cidade.

⁴⁴ SÁ, Joana Feio Ferreira de – **Espaços verdes em meio urbano: uma abordagem metodológica com base em serviços de ecossistemas**. Lisboa: Instituto Técnico de Lisboa, 2013. p.7. Dissertação

⁴⁵ CÂMARA, Maria Teresa Pinto de Mesquita Cabral de Moncada Bettencourt da – **Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa (1940-1970)**. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências. 2015.p.312.

⁴⁶ Citação de Câmara Municipal de Lisboa. Gabinete de Estudos de Urbanização. Urbanização dos Olivais. p.26. retirado de CÂMARA, Maria Teresa Pinto de Mesquita Cabral de Moncada Bettencourt da – **Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa (1940-1970)**. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências. 2015.p.312.

⁴⁷ CÂMARA, Maria Teresa Pinto de Mesquita Cabral de Moncada Bettencourt da – **Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa (1940-1970)**. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências. 2015.p.313.

⁴⁸ CÂMARA, Maria Teresa Pinto de Mesquita Cabral de Moncada Bettencourt da – **Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa (1940-1970)**. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências. 2015.p.313.

Para a realização destes espaços foi importante a seleção de espécies de crescimento rápido e que não necessitassem de cuidados de manutenção. A vegetação selecionada são árvores (crescimento Livre): *Acacia dealbata*; *Acacia melanoxylon*; *Brachychiton populneum*; *Buxus sempervitens*; *Casuarina spp.*; *Cedrus atlântica*; *Ceratonia síliqua*; *Cocos nucifera*; *Cupressus lusitânica*; *Cupressus macrocarpa*; *Cupressus sempervirens*; *Eucaliptus botryoides*; *Eucaliptus cornuta*; *Ficus rubiginosa*; *Grevilles robusta*; *Magnolia grandiflora*; *Metrosideros florida*; *Myoporum acuminatum*; *Olea europaea sylvestris*; *Phoenix dactílfera*; *Phytoloca dioiça*; *Pihus canariensis*; *Pinus pinea*; *Quercus ilex*; *Quercus lusitânica*; *Quercus pyrenaica*; *Quercus rubur*; *Quercus suber*; *Salix babylonica*; *Schinus molle*;⁴⁹

Com o objetivo de mitigar a poluição proveniente da zona industrial, projetou-se cortinas verdes nas faixas de separação entre as áreas habitacionais e industriais. No entanto, foi apenas concretizado parcialmente. As faixas de vegetação foram implementadas nos arruamentos principais, visando diminuir a poluição atmosférica e sonora. As áreas verdes do Plano de Urbanização são representadas por parques e jardins públicos, faixas verdes e espaços verdes ajardinados. Previa-se junto às habitações terrenos destinados a jogos para crianças e recreios.⁵⁰

O Plano de Urbanização dos Olivais previu a implantação de parques, dos quais apenas um foi concretizado, localizado entre a célula B e C, o Parque Vale do Silêncio (**Figura 19 e 20**). Concebido entre 1966 e 1968 pelo arquiteto paisagista Manuel de Sousa da Câmara, pelo engenheiro agrônomo Edgar Sampaio Pontes e pelo pintor António Alfredo. O parque em estudo ocupa uma área de 9,78h.⁵¹

O projeto visava uma simplicidade formal, seguindo as linhas de água existentes e respondendo às necessidades do território e da população. Do ponto de vista vegetativo, o parque contém faixas de pinheiros mansos por todo o perímetro proporcionando conforto a quem se encontra no interior do parque, isolando a poluição sonora e atmosférica circundante. O projeto do Parque Vale do Silêncio, apela à sensibilidade paisagística que engloba funcionalidade, estética, integração no território e ecológica.

⁴⁹ Informação recolhida em 17/03/2025, da dissertação CUNHA, Ana Raquel Fernandes Gomes – **Os Planos de Urbanização dos Bairros da Encarnação e Olivais: O Modernismo, a Expansão da Cidade de Lisboa e a Arquitetura Paisagista**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2014. p.73. e elaborada a partir do Arquivo Municipal de Lisboa, referência PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0326

⁵⁰ Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963). p.93.

⁵¹ CUNHA, Ana Raquel Fernandes Gomes – **Os Planos de Urbanização dos Bairros da Encarnação e Olivais: O Modernismo, a Expansão da Cidade de Lisboa e a Arquitetura Paisagista**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2014. p.68.



Figura 19 - Parque Vale do Silêncio, Fotografia da autora,8/11/2024.



Figura 20 - Parque Vale do Silêncio, Fotografia da autora,8/11/2024.

Dando continuidade à análise do solo que efetuámos, esta foi direcionada para os espaços verdes e a sua composição relativamente ao existente. Na conceção do mapeamento, realizou-se levantamento cartográfico dos espaços verdes existentes, verificando-se a fragmentação destes. A maioria destas áreas verdes localizam-se na envolvente dos conjuntos habitacionais, sendo estes, os que se encontram em melhor estado de manutenção. Compreende-se através desta análise que as faixas de vegetação na Avenida Infante D. Henrique, propostas no plano de 1960, não chegaram a ser concretizadas.

Na sequência, realizou-se um estudo da Rede de Corredores Verdes (**Figura 22**) presente na envolvente de OS. Considerou-se pertinente clarificar o conceito de corredor verde e os benefícios associados para o contexto urbano.

Consideramos que os corredores verdes são estruturalmente formados por espaços verdes consolidados, que ligam áreas que não são lineares através de áreas lineares, as quais podem ter vegetação espontânea e plantada. Estes elementos tornam o espaço natural e promovem a biodiversidade. Os corredores verdes também trazem benefícios i) ambientais que proporcionam uma melhoria da qualidade do ar, água e solo através do corredor verde, ii) cultural que só acontece se houver uma preservação de património que já existe nos locais onde passam os corredores verde e iii) bem-estar e qualidade de vida pode ser promovido não só pela criação de um corredor verde, mas também pelas atividades que se podem criar no mesmo, como espaços de lazer, recreio, equipamento e.t.c.⁵²

⁵² ALMEIDA, Juscidalva Rodrigues de – **Potenciais benefícios sociais e ecológicos de vegetação urbana: o caso de Lisboa, a Capital Verde Europeia em 2020**. Lisboa; Aveiro: Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências; Universidade de Aveiro, Departamento de Biologia. 2022. p.60. Tese de Doutoramento.



Figura 21 - Mapa da área dos Olivais Sul com sinalização dos espaços verdes (cor verde) e ciclovia (cor amarelo) já existentes, realizado pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) sobre base retirada do Google Satélite e restante informação do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa, 12/11/2024, realizado na ferramenta digital Qgis. (<https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=4> e <https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ciclovias-2/explore?layer=0>)



Figura 22 - Mapa de identificação da Rede de corredores verdes (cor verde) e ciclovia (cor amarelo) já existentes na área de Olivais Sul e adjacentes, realizado pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) sobre base retirada do Google Satélite e restante informação do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa 12/11/2024, realizado na ferramenta digital Qgis. (<https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=2> e <https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ciclovias-2/explore?layer=0>)

A compreensão entre os espaços verdes projetados e a rede de corredores verde circundante de OS foi fundamental para a análise ecológica e urbana do território. Através dos espaços verdes e do sistema ciclável, verifica-se a intenção de unir toda a estrutura verde, tanto no interior como no exterior do local de estudo.

Para complemento da cartografia anterior, foi realizado um mapa para verificar a quantidade de arvoredo (**Figura 25**), nos espaços verdes e corredores verdes existentes. É facilmente identificado as zonas onde existe maior densidade e diversidade de espécies arbóreas, que coincide com a localização das linhas de água. As áreas que não apresentam arvoredo poderão dever-se à tipologia de solo inadequado, ou por serem áreas em que os objetivos propostos pelo Plano de Urbanização de Olivais-Sul não chegaram a ser concretizados.



Figura 23 - Mapa de Tipos de Solo na célula E e zona extra de intervenção, solo basáltico (cor amarelo), solo calcarenítico (cor azul) e solo carbonatados (cor verde), realizado pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) sobre base retirada do Google Satélite e restante informação do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa, 11/11/2024, realizado na ferramenta digital Qgis (https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/5bdfd983be0c46f1b96be1c7bb740691_0/explore)



Figura 24- Festos (cor vermelho) e Talvegues (cor azul), realizado com base na cartografia Silva Pinto de 1911. Sobreposição dos espaços verdes existentes (cor verde), informação retirada do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa, em 15/11/20214. Trabalho realizado pelo grupo (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins), georreferenciado na base retirada do Google Satélite através da ferramenta digital Qgis. (<https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=4>)

Na célula E, a maior concentração de arvoredo localiza-se junto ao equipamento escolar (Escola Básica Sarah Afonso), ao mercado, ao campo de jogos e entre os conjuntos habitacionais. No Plano de Urbanização dos Olivais Sul, uma faixa verde estava prevista na fronteira com a zona industrial, mas a mesma não foi concretizada. A área industrial adjacente à célula em estudo, que remete para a área extra de intervenção, não apresenta uma quantidade significativa de arvoredo. Apesar de integrar a área de Olivais-Sul, a célula F que é também uma zona industrial, mantém em funcionamento edifícios industriais.



Figura 25 - Mapa de arvoredo dos Olivais-sul, com sinalização dos corredores verdes (verde-escuro), espaços verdes (verde-claro) e forma circular a representar o arvoredo (verde-escuro) realizado pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) sobre base retirada do Google Satélite e restante informação do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa, 12/11/2024, realizado na ferramenta digital Qgis. (<https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=4>, <https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=0>, <https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=2>)



Figura 26- Mapa identificação tipológica de arvoredo na célula E em Olivais Sul realizada na base referente aos espaços verdes retirada do site GeoDados da Câmara Municipal de Lisboa e modificada pelo grupo de trabalho (Juliana Banha, Alycie Silva, Elisabete Ventura e Afonso Martins) 8/11/2024 na ferramenta digital Qgis.

(<https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=4>, <https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/CML::ambiente-dmevae/explore?layer=0>)

A fim de complementar o estudo dos espaços verdes, procedeu-se a uma análise das diferentes espécies de árvores existentes na célula E, onde se identificou catorze espécies diferentes onde as mais frequentes são as Olaias, Plátano e Tília-prateada. Salienta-se a inexistência de vegetação em todas as zonas verdes, uma vez que dependem da impermeabilidade do solo.

2.1.2 Espaço Público

A observação in situ da área de Olivais-Sul permitiu verificar a existência de vários espaços públicos, nomeadamente praças, consideradas por parte dos arquitetos urbanistas envolvidos no Plano corresponder às necessidades da população com a criação de espaços amplos ao ar livre promovendo a socialização e lazer. Contudo, a criação destes espaços não se verifica em todas as células, como estava proposto no plano urbanístico.

Encontram-se praças e locais de convívio maioritariamente nas células habitacionais C e D. Na célula C, identifica-se a Praça Cidade São Salvador (**Figura 27**), Jardim Cidade Porto Alexandre (**Figura 28**), Praça Cidade do Luso (**Figura 29**) e a Praça Salazar (**Figura 30**). Na célula D, existe a Praça Cidade de Díli.

O mesmo não se aplica à célula E. Verifica-se ausência de espaço público para os residentes. A área de intervenção é, no setor público, maioritariamente ocupada por equipamentos de comércio, campo desportivo e um mercado.



Figura 27- Praça Cidade São Salvador, Fotografia da autora, 8/11/2024.



Figura 28 - Jardim Cidade Porto Alexandre, Fotografia da autora, 8/11/2024.



Figura 29 - Praça Cidade do Luso, Fotografia da autora, 27/03/2025.



Figura 30- Praça Salazar, Fotografia da autora, 27/03/2025.

A figura que participou na conceção dos espaços públicos nos OS foi o artista António Alfredo, cuja intervenção foi fundamental para a identidade visual do território, e tal como salienta Inês Marques “As intervenções de António Alfredo caracterizavam-se por uma fácil diluição em contextos arquitetónicos e pela versatilidade de técnicas e materiais, mostrando o artista uma grande variedade de interesses e uma particular vocação para o trabalho de equipa.”⁵³

As intenções do pintor no contexto urbano eram de influência estrangeira, tal como a de outros profissionais do GTH. Nomeadamente a visita à Dinamarca, em 1955, onde retirou várias inspirações como bairros, lares, escolas, mais especificamente no design de mobiliário e arranjos interiores.⁵⁴

Alguns dos trabalhos realizados por António Alfredo foram feitos coletivamente com o escultor Jorge Vieira. Ambos os artistas compreendiam a importância de integrar arte no meio urbano, fazendo-a funcionar com a cidade. Apesar dos artistas terem total liberdade criativa na ideologia do plano, eventualmente exerciam a sua atividade em áreas específicas.⁵⁵ Áreas de cariz público, como espaços verdes, espaços de recreio e espaço de convívio entre edifícios habitacionais.

Os espaços foram trabalhados ao pormenor, desde a modelação do terreno até ao desenho do pavimento e pintura de murais.⁵⁶ Era intenção do artista integrar a sua arte e os elementos plásticos que criava no tecido urbano. Uma das formas que o artista mais utilizou foi o círculo. O círculo é visível

⁵³ MARQUES, Inês Andrade – Quando o artista “se apropria do Espaço como coisa sua”: António Alfredo e os espaços públicos de Olivais-Sul. **Revista Gama, Estudos Asiáticos**. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. Nº7 (2016), p. 123-124

⁵⁴ MARQUES, Inês Maria Andrade – **Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. p.373

⁵⁵ MARQUES, Inês Maria Andrade – **Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. p.380

⁵⁶ MARQUES, Inês Andrade – Quando o artista “se apropria do Espaço como coisa sua”: António Alfredo e os espaços públicos de Olivais-Sul. **Revista Gama, Estudos Asiáticos**. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. Nº7 (2016), p. 127

não só na configuração das praças, mas está presente em todo o desenho de OS, incluindo a delimitação dos arruamentos, escadas, até ao pormenor de caleiras.

Ainda no âmbito de visitas feitas ao local, foi identificada a forma geométrica circular com bastante firmeza. A forma circular é visível nos arruamentos (**Figura 31**), no desenho de escadas (**Figura 32**), no desenho de praças (**Figura 34**), caleiras, (**Figura 33**) entre outros. Perante esta evidência, considerou-se necessário incorporar a presença da forma circular nas propostas.



Figura 31 - Fotografia do arruamento na Célula E nos Olivais Sul. Fotografia da autora, 27/03/2025



Figura 32 - Fotografia do detalhe da escada pública na Célula E, nos Olivais Sul. Fotografia da autora 27/03/2025



Figura 33 - Fotografia de caleira na Célula E, nos Olivais Sul. Fotografia da autora 27/03/2025



Figura 34 - Praça Cidade do Luso, Célula C. Fotografia da autora, 27/03/2025

Para além da firmeza da forma circular no território, observa-se repetitivamente o uso do tijolo maciço. O uso do tijolo é aplicado em edifícios no exterior e interior (**Figura 35, 36 e 37**), em escadarias (**Figura 38**), percursos e pormenor de caleiras.



Figura 35 – Exemplo de detalhe de Tijolo maciço na fachada do edifício em Olivais Sul. Fotografia da autora, 17/07/2025

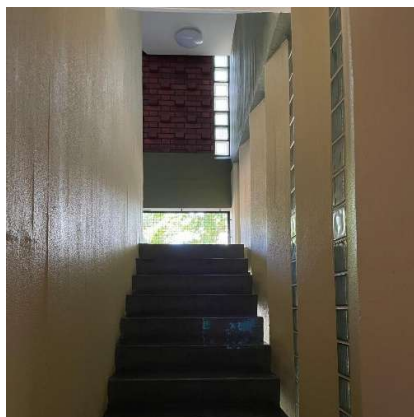


Figura 36 – Exemplo de detalhe de Tijolo maciço no interior do edifício em Olivais Sul. Fotografia da autora, 17/07/2025

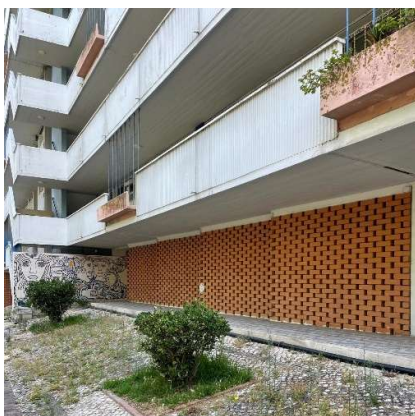


Figura 37 – E Exemplo de detalhe de Tijolo maciço na fachada do edifício em Olivais Sul. Fotografia da autora, 17/07/2025



Figura 38 – Exemplo de escadaria em Tijolo maciço em Olivais Sul. Fotografia da autora, 17/07/2025

2.1.3 Património Industrial

“A Revolução Industrial constituiu o início de um fenómeno histórico que marcou profundamente uma grande parte da Humanidade, assim como todas as outras formas de vida existente no nosso planeta, o qual se prolonga até aos nossos dias. Os vestígios materiais destas profundas mudanças apresentam um valor humano universal e a importância do seu estudo e da sua conservação deve ser reconhecida.”⁵⁷

⁵⁷ Carta Património Industrial (2003).p.2.

O património industrial preza pela preservação tanto física como histórica, para que eventualmente se possa reabilitar e dar uma nova função. “Os edifícios industriais são os testemunhos mais próximos das comunidades, impondo-se pela utilização de algumas linguagens próprias, difundidas através de diversas soluções construtivas, caso do telhado em shed ou da utilização de diversos materiais de construção, tal como o ferro, o tijolo vermelho e mais tarde o betão”⁵⁸

A zona oriental de Lisboa, para além de albergar Olivais-sul contém também uma vasta área industrial desde o início do século XIX. O programa industrial implementado veio substituir a parte rural existente na época. Foi na segunda metade do século XX que começou a projetar-se edifícios industriais modernos. Em 1934, surgiram os primeiros planos urbanísticos que integravam os edifícios industriais, apenas com plantas de localização.⁵⁹

O Plano Geral de Urbanização e Expansão de 1948, projetado por Étienne Gröer, foi o primeiro a propor áreas exclusivamente dedicadas ao setor industrial. Foi deste plano que sucedeu a ideia da zona oriental de Lisboa ser destinada à indústria e a proibição da mesma em zonas residenciais. O Plano Diretor Municipal (PDM) de 1994, incluiu esta ideia do urbanista e desativou indústrias na zona ocidental de Lisboa.⁶⁰ “O PDM atualmente em vigor, de 2012, introduz o termo de indústria compatível, limita a utilização industrial da zona ribeirinha e define os espaços de atividades económicas destinados à fixação da indústria.”⁶¹

Um dos edifícios industriais que faz parte da área em estudo é a Fábrica Barros (**Figura 39**), projetada entre 1947-1952 e construída em 1958. A fábrica na época tinha a função de fiação e tecelagem. É um edifício que se adapta à morfologia do terreno e compõe o gaveto, delimitando a área industrial dos Olivais. Os autores deste edifício modernista foram os arquitetos José Cottinelli Telmo e o Jorge Segurado.⁶² A área do edifício é de 14 600,14 m² e conta com uma parte exterior de 4949.06 m². A sua altura varia entre os 7 e 10 metros. O edifício atualmente apresenta estado de conservação precário, com sinais evidentes de degradação e abandono. Estes sinais manifestam-se nas fissuras em paredes, degradação de vãos, sinais de vandalismo.

⁵⁸ Rota do Património Industrial: rotas culturais / arquitectura. **Cultura Portugal** [em linha]. Lisboa: Cultura Portugal [Consult. 15 Mar.2025]. Disponível em <https://culturaportugal.gov.pt/pt/conhecer/rota/mmp-rotas/rota-do-patrimonio-industrial/>

⁵⁹ AZEVEDO, Carolina Sofia Lopes de – **Reconversão de Património Industrial: A Realidade das Cidades de Lisboa e São Paulo**. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2017.p.22.

⁶⁰ AZEVEDO, Carolina Sofia Lopes de – **Reconversão de Património Industrial: A Realidade das Cidades de Lisboa e São Paulo**. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2017.p.25.

⁶¹ AZEVEDO, Carolina Sofia Lopes de – **Reconversão de Património Industrial: A Realidade das Cidades de Lisboa e São Paulo**. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2017.p.26.

⁶² DOMINGUES, Susana; MARQUES, Sandra – **Circuitos pela tardia industrialização portuguesa: Lisboa entre dois mundos**. Instituto de História contemporânea, 2018



Figura 39 – Fotografia da Fábrica Barros nos Olivais Sul. Fotografia da autora, 28/03/2025.

Para além da contextualização histórica, análise biofísica e reflexão da observação in situ, realizou-se uma análise SWOT na qual foram avaliadas forças, fraquezas, oportunidades e ameaças da área em estudo.

Verifica-se que as oportunidades identificadas estão relacionadas com as fragilidades apresentadas. Evidencia-se um potencial de conexão da rede de corredores verdes existente, da junção dos espaços verdes, da reconfiguração do espaço público, do estabelecimento ligações pedonais com o exterior da célula em estudo e da intervenção no património industrial inativo. Da análise histórica e do mapeamento realizados de Olivais-sul, em particular da célula E, conclui-se que este território apresenta um elevado potencial de regeneração urbana.

Evidencia-se a recuperação do espaço público e espaços que, atualmente, se encontram ao abandono. Salienta-se a identificação da oportunidade da conexão à rede de corredores verdes e à ciclovia, bem como a re-funcionalidade do património industrial atualmente inativo. Para além destas potencialidades, existem elementos que valorizam este lugar, dos quais salientamos: i) a rede viária, ii) a variedade arquitetónica dos edifícios, iii) a presença dos equipamentos escolares de todas as células habitacionais, iv) a boa drenagem dos solos e v) os espaços verdes e área de comércio local e vi) boa rede e diversidade de transportes.

O resgate das premissas do Plano de Urbanização de 1960 é uma oportunidade para o território, uma vez que as suas diretrizes mostram contemporaneidade face às temáticas atuais.

2.2 Enquadramento Legal da Célula E

A comparação dos objetivos do Plano de Urbanização dos Olivais, concebido e implementado em 1960 e o Plano Diretor Municipal atual, permite observar que não ocorreram alterações significativas relativas à estruturação do território.

No Plano de Urbanização dos Olivais Sul, na célula E planeava-se que a consolidação da área do canal do Alviela para zona industrial, na altura já existente. Pretendia-se ainda, áreas para equipamento educativo, nomeadamente escola pré-primária e primária e centro desportivo. No setor comercial previa-se um centro cívico, comercial e recreativo e núcleos de comércio. A localização dos equipamentos educativos e comerciais estava planeada para o centro da célula definido pelo arruamento de circulação local. A zona restante definida, ter-se-ia em vista zonas de habitação.

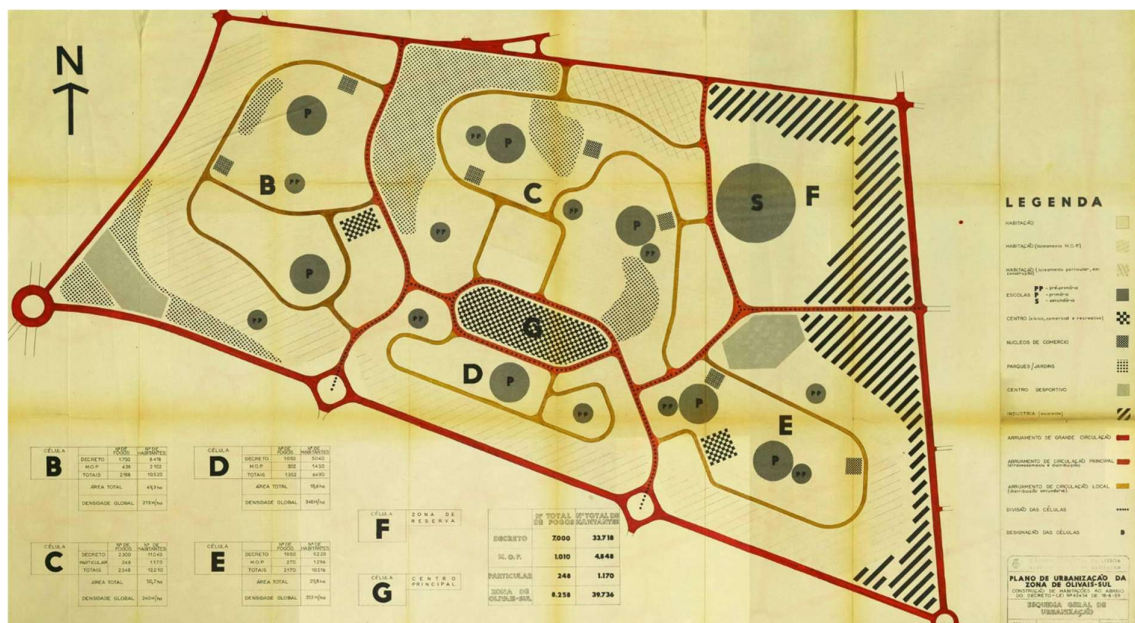
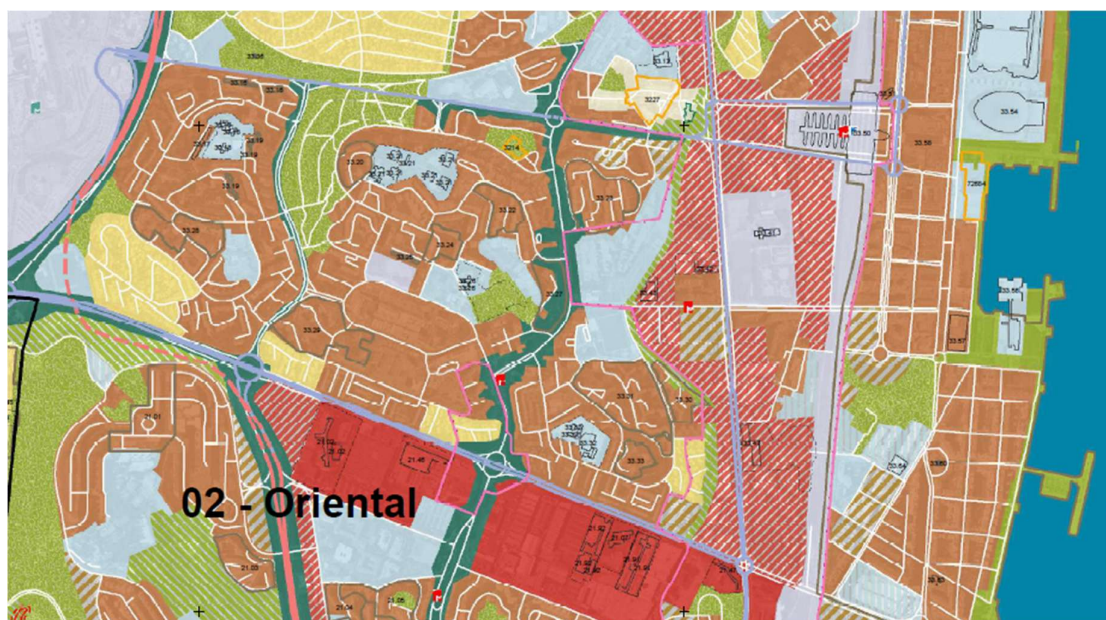


Figura 40 – Planta do Plano de Urbanização dos Olivais Sul de 1963, realizado pelo Gabinete Técnico de Habitação, consultado em 25/09/2025 (<https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/plano-de-urbanizacao-dos-olivais-sul-14125>)

Atualmente, os Olivais-Sul caracteriza-se por conjuntos habitacionais, com equipamentos escolares em cada uma das células habitacionais, lojas de comércio local para bens de primeira necessidade, parques infantis e um centro cívico-comercial principal na célula G. As definições morfológicas das células mantêm-se alinhadas com o Plano de Urbanização, sendo definida pelos arruamentos principais e zonas de espaço livre.

A célula E, no PDM em vigor, existem duas áreas qualificadas como “Espaços consolidados – Espaços de uso Especial de Equipamentos” onde estão localizados atualmente o centro desportivo e o Mercado da Célula E. A área do canal do Alviela está classificada como “Espaço a consolidar – Espaço de atividades económicas” e, por último no âmbito de espaços a consolidar, a área referente à atual

Fábrica Barros, património industrial, classifica-se no PDM como “Espaço a consolidar – Espaços centrais e habitacionais”. A restante célula encontra-se na categoria de “espaços consolidados” que são maioritariamente zonas habitacionais e espaços verdes.



Espaços Consolidados

- Espaços Centrais e Habitacionais - Traçado Urbano A
- Espaços Centrais e Habitacionais - Traçado Urbano B
- Espaços Centrais e Habitacionais - Traçado Urbano C
- Espaços Centrais e Habitacionais - Traçado Urbano D
- Logradouros verdes Pêrmeáveis a preservar
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos com Área Verde Associada

- Espaços de Atividades Económicas
- Espaços Verdes de Recreio e Produção
- Espaços verdes de Proteção e Conservação
- Espaços Verdes de Enquadramento a Infraestruturas
- Espaços Verdes Ribeirinhos
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos Ribeirinho
- Espaços de Uso Especial de Infraestruturas Estruturantes

Espaços a Consolidar

- Espaços Centrais e Habitacionais
- Espaços de Atividades Económicas
- Espaços Verdes de Recreio e Produção
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos Ribeirinho

Figura 41 - Planta de Ordenamento - Qualificação do Espaço Urbano de Olivais Sul e zonas adjacentes, 2012. Fonte: Câmara Municipal de Lisboa consultado em 22/03/2025 (<https://www.lisboa.pt/temas/urbanismo/plano-diretor-municipal/pdm-em-vigor>)

Analisando os dois planos apresentados, retiramos que, na célula E, a zonas previamente definida para a implantação de equipamento educativo foi concretizada, espaço atualmente qualificado como espaço consolidado, tal como o centro desportivo. O mesmo se verifica em relação ao centro cívico, comercial e recreativo previsto, onde atualmente está situado o Mercado da célula E e uma escola básica.

A principal divergência do Plano de Urbanização para o atual Plano Diretor Municipal reside na zona do canal do Alviela. Enquanto o plano original era proposto ser uma zona industrial, atualmente

é um espaço a consolidar com finalidade de atividade económica, não desfazendo da Fábrica Barros, a qual se prevê a funcionalidade de espaço central e habitacional.

No entanto, as zonas habitacionais, estradas principais e locais propostas inicialmente no Plano de Urbanização mantêm-se.

2.3 Quadro Conceptual e Modelos de intervenção

O quadro conceptual foi fundamental para sustento do plano de estrutura, visando consolidar e orientar a proposta de intervenção. Este quadro fundamenta teoricamente o projeto em curso através de um conjunto de conceitos operativos centrados na conectividade urbana potenciada por zonas verdes, na re-funcionalização de espaços industrializados atualmente em estado de abandono e sem função, na naturalização de espaços baldios e na criação de novas oportunidades de espaço público.

Deste modo, o enquadramento conceptual justifica as opções de planeamento, mas também orienta uma proposta de intervenção urbana consolidada e sustentada, capaz de corresponder aos desafios atuais de regeneração urbana.

O primeiro conceito referido é o Corredor Verde, criado no fim do século XIX e início do século XX visando trazer para as cidades uma maior presença da natureza, cuja presença se perdeu devido à Revolução Industrial e ao crescimento das cidades. Este conceito foi aplicado em várias cidades europeias incluindo Lisboa,⁶³ conceito este aplicado pelo arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1922-2020) com o Corredor Verde de Monsanto no final dos anos 70.⁶⁴ Gonçalo Ribeiro Telles defendia que: “Os espaços verdes da cidade devem prolongar-se para o exterior, ou melhor, as penetrações verdes com origem na paisagem limítrofe da cidade devem prologar-se até à sua zona central”,⁶⁵ promovendo o equilíbrio entre o construído e a natureza de forma contínua.

Valorizando o princípio da conectividade ecológica no tecido urbano, resgatamos o conceito “Colar de esmeraldas” criado entre 1878 e 1895 pelo arquiteto paisagista Frederick Olmsted (1822-1903), que defende um sistema de parques através da conectividade ecológica, espaço público como espaço verde urbano, junção de ciclovias a este sistema verde e também a ligação com a Rede Hidrográfica.⁶⁶ Numa das cartas que Frederick Olmsted escreveu enquanto projetava o Colar de esmeraldas o arquiteto refere “A clear distinction is thus to be made between two classes of the public

⁶³ LIMA, Elsa da Silva – **Expansão do Corredor Verde Oriental de Lisboa: Quinta da Montanha**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2016. Relatório de Estágio. p.5

⁶⁴ CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA – **Corredores Verdes** [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. [Consult. 12 maio 2025]. Disponível em <https://www.lisboa.pt/temas/ambiente/estrutura-ecologica/corredores-verdes>

⁶⁵ TELLES, Gonçalo Ribeiro – A cidade e a natureza viva. **O Tempo e o Modo**. Lisboa: 1ª série, nº 34-35 (1966). p.43

⁶⁶ BONZI, Ramón Stock – **Emerald Necklace - Infraestrutura Urbana Projetada como Paisagem**. Artigo nº6. Universidade de São Paulo: Revista LABVERDE. Nº9, 2014. p.111-112.

grounds of a town, and for the present purpose this distinction may be indicated by referring to grounds of one class as urban and to those of the other as rural.”⁶⁷

O *Continuum Naturale* é um conceito criado em 1980 pelo arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral (1908-1992), congregando os princípios fundamentais da conservação da Natureza e dos recursos naturais, procurando garantir a livre circulação dos elementos Naturais (água, solo e organismos vivos) e a conectividade ecológica.⁶⁸ O arquiteto paisagista defendendo que na cidade o espaço verde deve existir com maior abundância do que o construído⁶⁹, alertava também que “É preciso que haja uma continuidade de todos estes elementos, a água o ar etc. Essa continuidade que eu chamei o *Continuum Naturale* e que se refere a todos os elementos da paisagem tem de estar presente também na cidade. (...) Se o conjunto das zonas verdes constitui ou não um conjunto congruente que consegue trazer a paisagem exterior até ao centro da cidade”⁷⁰.

O conceito de Terceira Paisagem, criado em 2004⁷¹ pelo arquiteto paisagista e jardineiro Gilles Clément (1943-) com o intuito de preservar a diversidade, apresentando uma nova perspetiva dos espaços degradados e abandonados, e desenvolver a promoção de atividade biológica e a relação entre a cidade e a biodiversidade. Esse entendimento fica expresso quando refere: “I decided to call those abundant ground in the word the Third Landscape because the first one was forest, the darkness etc. The second was the light, the clear, the public space maybe. (...) The third one is the places where the humans being or not making anything, they don’t do nothing, just like that nature do what they have to do. (...) All the diversity come here”⁷². Gilles Clément conceptualiza a terceira paisagem como algo anteriormente feito pelo Homem, mas que se encontra atualmente ao abandono e degradado. O arquiteto reforça que estes espaços sem função, possuem potencial para uma nova funcionalidade no domínio da sustentabilidade e da promoção da biodiversidade. Nesta perspetiva, é como se a paisagem que existe no exterior da cidade, penetrasse e se apropriasse destas estruturas edificadas esquecidas, tornando-as refúgios para a diversidade ecológica.

⁶⁷ OLMSTED, Frederick Law – **To Francis Amasa Walker** [Em linha]. Virginia: The University of Virginia Press. [Consult. 14 maio 2025] Disponível em <https://rotunda.upress.virginia.edu/founders/default.xqy?keys=OLMS-chron-1890-1895-02-05-1>

⁶⁸ CABRAL, Francisco Caldeira – **O Continuum Naturale e a conservação da natureza** – Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente. 1980. p.37.

⁶⁹ CABRAL, Francisco Caldeira – **Caldeira Cabral** [Registo de vídeo]. Portugal: RTP Arquivos, 1988. 1 vídeo online (26:44min.) 4:3 PAL.

⁷⁰ CABRAL, Francisco Caldeira – **Caldeira Cabral** [Registo de vídeo]. Portugal: RTP Arquivos, 1988. 1 vídeo online (14:39min.) 4:3 PAL.

⁷¹ BATISTA, Desidério; MATOS, Rute Sousa – **O Jardim Planetário: Uma Utopia para o Século XXI?** – Algarve e Évora: Várzea da Rainha Impressores, S.A. 2013. p. 5 – 8.

⁷² CLEMENT, Gilles – **From the Garden in Motion to the Third Landscape** [Registo do vídeo]. AA School of Architecture, 2021. 1 vídeo no Youtube (41:39min.)

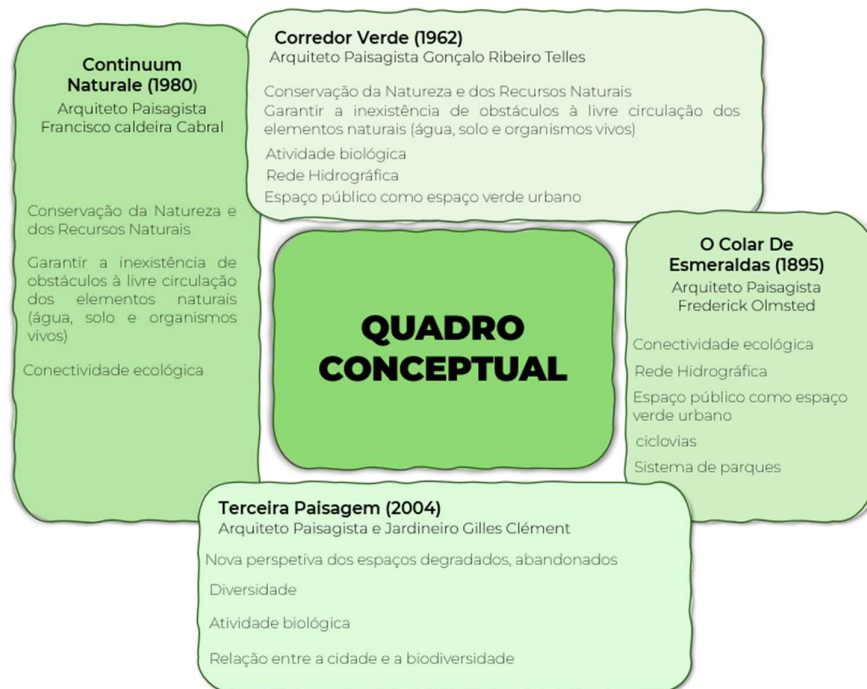


Figura 42 - Diagrama do Quadro Conceptual realizado pela autora em 18/03/2025

2.3.1 Corredores Verdes

“O rápido crescimento das cidades tem resultando em dramáticas mudanças, alterando não só a forma urbana das cidades, mas criando uma expectável pressão sobre a paisagem urbana, que na maioria das vezes resulta numa carência de espaços verdes de uso público. Por outro lado, é possível identificar-se um conjunto de espaços vazios, que representam um potencial para a criação de novos espaços verdes públicos.”⁷³

O crescimento demográfico e da cidade ao longo dos anos, provocaram uma evolução significativa na morfologia urbana, resultando na diminuição dos espaços verdes. Esta problemática deriva do rápido desenvolvimento industrial e na forma como as cidades procuraram acompanhar essa evolução, privilegiando o crescimento da construção habitacional e de infraestruturas, deixando para segundo plano a importância do espaço verde.

O equilíbrio enfraquecido entre a relação do espaço verde e a construção, motivou arquitetos paisagistas e urbanistas a restabelecer o equilíbrio na cidade, através do conceito de corredores verdes. Os corredores verdes são sistemas contínuos que promovem a ligação com zonas de cariz ecológico, cultural e a atividade humana.

⁷³ LIMA, Elsa da Silva – **Expansão do Corredor Verde Oriental de Lisboa: Quinta da Montanha**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2016. p.5. Relatório de Estágio

O conceito de corredor verde está intrinsecamente relacionado com o conceito de estrutura ecológica urbana, que promove a interligação das áreas verdes existentes, construindo uma estrutura coesa e ligando-a com o tecido urbano envolvente.⁷⁴ “Porém, os Corredores Verdes possuem para além dessa função, um uso social, harmonizando-se com a atividade humana. Deste modo, para além de colaborarem na criação de uma paisagem de qualidade, também fornecem qualidade de vida à população, uma vez que compatibilizam espaços de proteção, produção e recreio.”⁷⁵ Neste sentido, os corredores verdes podem ser idealizados como uma infraestrutura verde, tanto pelos benefícios ecológicos que oferecem, mas também pela qualidade de espaço público que permitem.

Os conceitos que convocámos foram aplicados no PDM, através da criação de um Plano Verde (PV) em 1993, da autoria de Gonçalo Ribeiro Telles. O Plano Verde visava um sistema contínuo natural, aplicando o conceito de *continuum naturale*, que promove o desenvolvimento dos ecossistemas e biodiversidade, do conceito *continuum culturale* onde existe “um sistema contínuo de espaços edificados e seus vazios”⁷⁶, que integra os lugares que possuem valor histórico, paisagístico e simbólico, promovendo a autorregeneração dos recursos naturais.

Tal como refere Gonçalo Ribeiro Telles “A Estrutura Ecológica Fundamental (EEF) é um sub-conjunto do Plano Verde e tem por função contribuir para a estabilidade física e sustentabilidade ecológica da cidade.”⁷⁷ Esta estrutura promove o equilíbrio entre a malha urbana e o sistema contínuo, tendo como principais funções o fornecimento de oxigénio, conforto ambiental, proteção dos ventos, fixação das poeiras, criação de zonas propícias à biodiversidade e a possibilidade de criar caminhos pedestres e ciclovias de longa distância em contacto direto com a natureza.

A estrutura ecológica está dividida em dois sistemas: o sistema húmido que se subdivide em sistemas húmidos interiores e Margem Ribeirinha do Tejo e o sistema seco. Os sistemas húmidos interiores, incluem o sistema de linhas de água, fazendo parte as quintas, hortas e bacias de retenção. Os objetivos principais do sistema é a circulação de água desde a bacia de retenção até à foz, promover infiltração da água, diminuir da velocidade de escoamento.⁷⁸ O sistema Margem Ribeirinha do Tejo, articula as ribeiras dos vales no interior da cidade com a margem ribeirinha do Tejo. Face às atuais alterações climáticas, tem sido necessárias intervenções na margem para reter as águas pluviais

⁷⁴ LIMA, Elsa da Silva – **Expansão do Corredor Verde Oriental de Lisboa: Quinta da Montanha**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2016. p.6-7. Relatório de Estágio

⁷⁵ LIMA, Elsa da Silva – **Expansão do Corredor Verde Oriental de Lisboa: Quinta da Montanha**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2016. p.7. Relatório de Estágio

⁷⁶ TELLES, Gonçalo Ribeiro – **Plano Verde, Estruturas Ecológicas e Componentes Ambientais**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2001. p.9.

⁷⁷ TELLES, Gonçalo Ribeiro – **Plano Verde, Estruturas Ecológicas e Componentes Ambientais**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2001. p.9.

⁷⁸ TELLES, Gonçalo Ribeiro – **Plano Verde, Estruturas Ecológicas e Componentes Ambientais**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2001. p.10.

através de bacias de retenção e abrir canais de aterro permitindo a entrada de água salgada.⁷⁹ O sistema seco, contém os percursos dos corredores verdes, os cemitérios e também as linhas de fecho do território. Apesar dos dois sistemas terem componentes e ações diferentes, ambos contribuem para o bom funcionamento ecológico do corredor verde.⁸⁰

A rede de corredores verde “agrega áreas privadas e públicas consolidadas ou a consolidar, que determinam as ligações existentes e demarcam reservas para as conexões a promover no âmbito de projetos ou planos.”⁸¹ Ou seja, esta rede transcende o cariz público, incorporando espaços privados, espaços com potencial de serem naturalizados e assumirem uma nova função na cidade.

Gonçalo Ribeiro Telles em 1966, defende que “Em face do panorama acima exposto (evolução dos espaços verdes), o planeamento tem que considerar, nas zonas mais antigas da cidade, todos os espaços livres e promover neles a construção de «pulmão verde».”⁸² O «pulmão verde» a que o arquiteto paisagista se refere deve ser pensado não só com a criação de espaços verdes ou a naturalização dos existentes, mas também incluir espaços e ligações verdes nos espaços públicos como alamedas e praças existentes na cidade. Desta forma é possível criar uma estrutura verde continua que promova a ecologia, espaços de lazer e recreio. O arquiteto revelou preocupação com a defesa destes espaços, por acompanhar a sua degradação que transformava espaços com potencial em áreas de estacionamento ou armazenamento, sobretudo na periférica da cidade. Com a preservação dos espaços verdes existentes e a inclusão da mancha verde nos espaços públicos, traz à cidade uma vivência e contacto com a natureza, criando espaços de recreio e passeio permitindo uma proteção atmosférica que não era habitual para a época.

“Lisboa necessita de olhar pelas suas crianças e juventude. Não é com lugares sentados em estádios desportivos que se resolve o problema do desporto e do recreio.”⁸³ Para Gonçalo Ribeiro Telles, a criação de uma estrutura verde transcende o equilíbrio ecológico na cidade, é também um fator determinante de estabilidade dos habitantes. A sua implementação contribui para uma maior qualidade de vida no meio urbano, não referindo os pequenos espaços verdes pontualmente distribuídos, mas sim as amplas estruturas verdes que criam espaço de convivência, prática de atividade física e a possibilidade de refúgio à confusão da cidade.

⁷⁹ TELLES, Gonçalo Ribeiro – **Plano Verde, Estruturas Ecológicas e Componentes Ambientais**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2001. p.11.

⁸⁰ TELLES, Gonçalo Ribeiro – **Plano Verde, Estruturas Ecológicas e Componentes Ambientais**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2001. p.11.

⁸¹ LIMA, Elsa da Silva – **Expansão do Corredor Verde Oriental de Lisboa: Quinta da Montanha**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2016. p.13. Relatório de Estágio

⁸² TELLES, Gonçalo Ribeiro – A cidade e a natureza viva. **O Tempo e o Modo**. Lisboa: 1ª série, nº 34-35 (1966). p.43.

⁸³ TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa Assassina: O verde natural e o verde municipal. **Távola Redonda**. Lisboa: Gabriela Castelo Branco. nº20 (1962), p.3.

Este facto aplica-se particularmente às crianças, uma vez que estes espaços verdes promovem a liberdade e criatividade e também parte social e cultural. É importante que, dentro do centro urbano, exista refúgio acessível, que proporcione serenidade e tranquilidade, sem deslocamento para o exterior da cidade.

A preocupação referida por Ribeiro Telles designa-se de Design Biofílico. Este conceito, surgiu em 1964 pelo psicólogo e filósofo Erich Fromm, mas só em 1984 houve aprofundamento do conceito pelo biólogo Edward Wilson.⁸⁴ O conceito relaciona-se com o equilíbrio entre a natureza e o ser humano, destacando a necessidade de integrar elementos naturais no ambiente construído para promover o bem-estar e a qualidade de vida dos habitantes. Neste sentido, o conceito promove ligações e lugares específicos, incentiva a coletividade e defende um design ecológico com conexões entre eles.⁸⁵

De acordo com Elizabeth Kellert, “A aplicação bem-sucedida do design biofílico também deve resultar em um amplo espectro de benefícios físicos, mentais e comportamentais. Os resultados físicos incluem maior aptidão física, pressão arterial mais baixa, maior conforto e satisfação, menos sintomas de doenças e melhora da saúde. Os benefícios mentais variam de maior satisfação e motivação, menos estresse e ansiedade, até uma melhor resolução de problemas e criatividade.”⁸⁶

Assim é possível relacionar a ideologia do design biofílico com as intenções do arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles. Para além da componente sustentável, há também uma intenção de promoção de bem-estar e de reconhecimento da importância da saúde mental, enfatizando influência positiva que o meio natural tem no ser humano, que consideramos importante promover.

2.3.2 Colar de Esmeraldas

O arquiteto paisagista Frederick Olmsted (1822-1903), apelava à conservação e proteção dos espaços verdes. O seu projeto, designado por “Colar de Esmeraldas” (**Figura 43**), desenvolvido entre 1878 e 1895, tinha o objetivo de conservar de espaços verdes, nomeadamente os parques já existentes na cidade de Boston, mas também a ligação dos mesmos com a rede hidrográfica. A ligação da infraestrutura verde é evidente, mas ao longo do tempo não foram tão claros os restantes objetivos que o arquiteto queria para a cidade com este projeto.⁸⁷

⁸⁴ COSTA, Carlos Eduardo Felix da; SOUZA, Carlos leite; MUNIZ, Evânia de Paula – Design biofílico para todos: ressignificação de espaços na comunidade do Vidigal/RJ. **Brazilian Journal Development**. (25 maio. 2023) 18006

⁸⁵ CALABRENSE, Elizabeth; KELLERT, Stephen – **A prática do Design biofílico**. p.7

⁸⁶ CALABRENSE, Elizabeth; KELLERT, Stephen – **A prática do Design biofílico**. p.8

⁸⁷ BONZI, Ramón Stock – Emerald Necklace - Infraestrutura Urbana Projetada como Paisagem. Artigo nº6. Universidade de São Paulo: **Revista LABVERDE**. ISSN: 2179-2275. Nº9 (2014), p.107.



Figura 43 - Mapa do Colar de Esmeraldas (<https://arboretum.harvard.edu/about/the-emerald-necklace/>) consultado em 20/03/2025

Para além da conectividade entre parques, a proposta inicial do projeto contém objetivos de conectar os bairros periféricos, os quais, só foi concretizado em parte. O projeto conta com 10km de extensão, iniciando-se em Back Bay Fens (**Figura 44**), espaço redesenhado pelo arquiteto, não como um parque, mas sim um momento de passagem e caminhada.⁸⁸ Posteriormente, o parque foi conectado com o Leverett Park (**Figura 46**) e o Lago Jamaica (**Figura 45**).

Em Leverett Park, as intervenções limitaram-se à circulação pedestre, com o objetivo de preservar a beleza natural existente. No caso do Lago Jamaica, existiram intervenções a nível dos acessos públicos onde foram construídos edifícios como o museu, o centro de artes e o refeitório.



Figura 44 - Back Bay Fens, Boston. (<https://www.tclf.org/landscapes/back-bay-fens>) consultado em 20/03/2025



Figura 45 - Lago Jamaica, Boston. (<https://www.tclf.org/landscapes/jamaica-a-pond>) consultado em 20/03/2025

⁸⁸ BONZI, Ramón Stock – Emerald Necklace - Infraestrutura Urbana Projetada como Paisagem. Artigo nº6. Universidade de São Paulo: **Revista LABVERDE**. ISSN: 2179-2275. Nº9 (2014), p.111.



Figura 46 - Leverett Park, Boston. (<https://www.tclf.org/landscapes/olmsted-park>) consultado em 20/03/2025



Figura 47 - Arnold Arboretum, Boston. (<https://www.tclf.org/landscapes/arnold-arboretum>) consultado em 20/03/2025

Dando continuidade a esta infraestrutura verde, o Lago Jamaica liga também com o Arnold Arboretum e, por sua vez, o Franklin Park. Arnold Arboretum é um jardim botânico que separa Boston de Brookline e que contém a coleção científica de árvores da Universidade de Harvard. Existe ainda o Boston Park que não sofreu nenhuma intervenção por parte do arquiteto, apenas foi conectado ao Colar de Esmeraldas. O Public Garden, é um parque e jardim botânico e a Avenida Commonwealth que faz a ligação de Boston Common/Public Garden com o Back Bay Fens.

Boston não foi a única cidade onde Olmsted aplicou o conceito “Colar de Esmeraldas”. Em 1876, em Buffalo, Nova Iorque, surgiu o projeto não só da criação de um parque para a cidade, mas também interligar todos os parques por extensas avenidas arborizadas, refletindo que um espaço verde na cidade não deveria ser apenas um objeto único, mas sim algo contínuo e extensível por toda a cidade. Com a sua proposta aceita, desenhou três parques: o Front, o Parade, e o The Park.⁸⁹ (**Figura 48**)

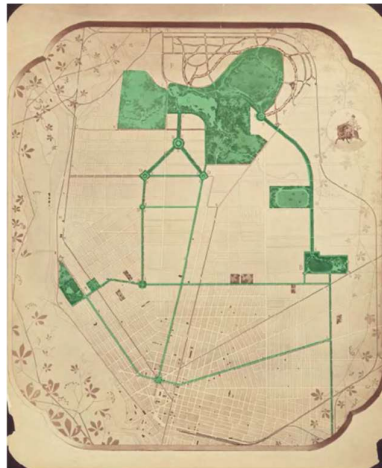


Figura 48 – Desenho do sistema de parques no Norte de Buffalo em Nova Iorque em 1876 realizado pelo Frederick Law Olmsted onde propõe a criação de três parques e a arborização de vias principais (cor verde), retirado do artigo da revista *Journal of Planning History* volume 12 p. 299. Consultado em 8/06/2025 no site (<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1538513212474227>)

⁸⁹ EISENMAN, Theodore S – Frederick Law Olmsted, Green Infrastructure, and the Evolving city. *Journal of Planning History* [Em linha] Volume 12, nº4 (2013), p. 299 [Consult. 8. jun. 2025]. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1538513212474227>

“Los dos problemas básicos y urgentes que se han de resolver son la congestión de los espacios públicos derivada de la atividade cotidiana y la falta del espacio libre y ventilado que necesita cada persona. Problemas que, siendo de tipo eficiente y de salubridade, generan mayores problemas de tipo social al afectar psicologicamente al ciudadano. La solución aportada por Olmsted busca la universalidad previendo, en los desarrollos urbanos, el espacio público suficiente para disponer calles amplias que eviten la congestión del tráfico, y espacios abiertos que proporcionen aire libre suficiente para cada ciudadano”⁹⁰.

As soluções propostas por Olmsted pretendiam, promover não só espaços públicos de qualidade, mas também o bem-estar psicológico. Estes princípios, que na época apresentavam uma visão inovadora do planeamento urbano, mantêm-se pertinentes, sendo uma preocupação dos arquitetos e urbanistas na formação da cidade.

2.3.3 Continuum Naturale

Continuum Naturale, criado em 1980, surgiu de uma preocupação pelas espécies animais, vegetais e paisagens que se encontravam em vias de serem destruídas para possíveis construções industriais e expansão agrícola. A expansão agrícola é onde nasce a paisagem rural, que se distingue da paisagem natural, pela intervenção do homem. Foi criado este conceito, não de forma isolada, mas em paralelo com o *Continuum Cultural*, que está inevitavelmente ligado com o *Continuum Naturale*, visando alcançar um equilíbrio entre o homem e a natureza.⁹¹

Foram nomeados princípios para a aplicação do conceito *Continuum Naturale*. O principio da relação do circuito da água, que deve funcionar de forma equilibrada, fornecendo à natureza e seres vivos os recursos que necessitam, servindo como exemplo de continuidade igualmente aplicável na fauna.⁹² O principio de elasticidade defende que “Todos os elementos fundamentais da paisagem têm de ser capazes de adaptação à diversidade de situações que caracterizam a vida.”⁹³ O principio da meandrização defende que, quando uma parte da paisagem é humanamente utilizada, reduzindo assim a sua naturalidade, a parcela que se mantêm natural deve ser preservada e conservada. Por fim,

⁹⁰ LUQUE, José; ASEGUILAZA, Izaskun; MARDONES, Nuño – Frederick Law Olmsted. In **El abecé de la teoría urbana**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2018. p.160

⁹¹ CABRAL, Francisco Caldeira – **O Continuum Naturale e a conservação da natureza** – Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente. 1980.p.36-38.

⁹² CABRAL, Francisco Caldeira – **O Continuum Naturale e a conservação da natureza** – Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente. 1980.p.39.

⁹³ CABRAL, Francisco Caldeira – **O Continuum Naturale e a conservação da natureza** – Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente. 1980.p.41.

o princípio de intensificação, ligado com o anterior, advoga a otimização dos elementos que compõe a natureza, como o solo, a água, ar, fauna e flora na área que se mantêm natural.⁹⁴

“(…) uma paisagem em continuado equilíbrio dinâmico, nomeadamente na procura permanente de uma resolução balanceada entre trocas dentro/fora dos ciclos e sistemas abertos seus constituintes, é aqui considerada como o motor que alimenta as maiores realizações criativas provenientes do pensamento de base ecológica.”⁹⁵

Um dos exemplos de obras em que o conceito *Continuum Naturale* é aplicado foi no Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, projetado entre 1959 e 1960, onde o mesmo se conecta com a rede de corredores verdes, mantendo a continuidade de verde, promovendo a biodiversidade.⁹⁶

Dentro do próprio jardim, encontram-se quatro blocos de equipamentos para funcionamento da fundação e um anfiteatro. “A horizontalidade permite que as edificações sejam vistas como uma continuação do espaço verde, o que proporciona harmonia do complexo da fundação com a natureza.”⁹⁷ Este jardim é mais um exemplo que procura isolar a poluição sonora da cidade através da densa arborização no perímetro do jardim, valorizando a experiência no interior das volumetrias subtis que se ligam com a natureza e os jogos de sombra e luz que a mesma proporciona.⁹⁸



Figura 49 – Fotografia do Jardim Da Fundação Calouste Gulbenkian. Autor: Ricardo Oliveira Alves, (<https://gulbenkian.pt/fundacao/edificios-e-jardim/>) consultado em 27/03/2025

⁹⁴ CABRAL, Francisco Caldeira – **O Continuum Naturale e a conservação da natureza** – Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente. 1980.p.43.

⁹⁵ MATOS SILVA, Maria; BEJA DA COSTA, Ana – Cultura em ecologia – uma tradição revolucionária. **Estudo Prévio** 25. Lisboa: CEAAT/UAL - Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa. 2024.p.240

⁹⁶ LAMPERT, Tarsila da Costa – **Os Espaços verdes na promoção de uma vida urbana mais sustentável. Caso de Estudo: O Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian.** Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura. 2014. p.68. Dissertação

⁹⁷ LAMPERT, Tarsila da Costa – **Os Espaços verdes na promoção de uma vida urbana mais sustentável. Caso de Estudo: O Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian.** Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura. 2014. p.68. Dissertação

⁹⁸ LAMPERT, Tarsila da Costa – **Os Espaços verdes na promoção de uma vida urbana mais sustentável. Caso de Estudo: O Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian.** Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura. 2014. p.73. Dissertação

2.3.4 Terceira Paisagem

O conceito a “Terceira Paisagem” foi criado em 2004 pelo arquiteto paisagista, botânico, engenheiro agrônomo, escritor e filósofo Gilles Clément, focando-se na possibilidade de aproveitar os processos de crescimento espontâneo da vegetação para naturalizar a cidade, e numa proposta ativa de paisagem que permite a naturalização espontânea das construções que ficaram obsoletas e a sua renovação a partir das condições proporcionadas pela própria natureza⁹⁹.

Após uma análise paisagística de Vassivière em Limousin, observou-se a diferença entre florestas e pastagens, onde uma mais controlada e cuidada que a outra. O conceito refere-se aos espaços que se encontram ao abandono pelo ser humano, que carecem de utilidade para a cidade onde estão inseridos. Tais espaços, podem ser terrenos agrícolas, espaços urbanos, espaços industriais, estradas e espaços baldios.¹⁰⁰ Caracterizam-se por terem possuído, em determinado momento histórico, uma importância e utilidade. Contudo, com a evolução da sociedade, perderam o interesse de serem utilizados novamente.

O conceito em análise defende o potencial destes espaços, propondo uma nova perspectiva e utilidade. Deste modo, é possível reconfigurar não só os espaços em questão, mas também a fragmentação territorial de que são vítimas, resultante da intervenção humana.

O exemplo físico da aplicação deste conceito feito pelo autor é o Parque Henri Matisse em Lille, mais em específico a Ilha Derborence, em 1990 (**Figura 50 e 51**). A ilha está localizada no centro o parque, com 7 metros de altura e que apresenta uma floresta na sua superfície com 3500m². Este projeto não é acessível ao público, mas pode ser observado como uma continuação da biodiversidade existente no restante parque.¹⁰¹

⁹⁹ DOMINGO SANTOS, Juan – Reconversiones industriales y brownfields en la ciudad naturalizada, in, MATÍNEZ-MONEDERO, ed. lit. – **Textos gráficos: paisaje, cartografía, patrimonio y proyecto**. Madrid: ediciones Asimétricas, 2024, p. 27.

¹⁰⁰ VIDEIRA, Mónica; FRUTUOSO, Viviana – **O Jardim do Telhado da Base de Submarinos em Saint-Nazaire como exemplo do princípio da Terceira Paisagem de Gilles Clément**. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: 2015.p.2-3.

¹⁰¹ **Tiers-Paysage** [Em linha] Gilles Clément: França: Gilles Clément [Consult. 26 Mar. 2025] Disponível em <https://www.gillesclement.com/index.php?k=page&v=9>



Figura 50 - Fotografia Parque Henri Matisse, França.
(<https://visitandojardines.com/2019/07/14/parc-henri-matisse-lille/>) consultado em 26/03/2025



Figura 51 – Fotografia Parque Henri Matisse, França.
Ilha Derborence, França.
(<https://visitandojardines.com/2019/07/14/p-arc-henri-matisse-lille/>) consultado em 26/03/2025

Mas tal como bem sublinha o arquiteto Juan Domingo Santos naturalizar a cidade não consiste só em desenhar jardins ou parques, plantar árvores e dispor fontes de nova criação; mas sim em estabelecer um ideário ambiental sobre os próprios elementos abandonados e obsoletos para conceber o desenvolvimento urbano e o que entendemos por paisagem.¹⁰² Juan Domingo refere o exemplo alemão da intervenção no Parque Duisburg de Peter Lutz (**Figura 52 e 53**) realizada em 1991 no qual apresenta a reconversão de uma antiga indústria siderúrgica de inícios do séc. XX mediante a criação de um grande parque publico conectado com a cidade.¹⁰³



Figura 52 – Fotografia Parque Duisburg de Peter Lutz
(https://pt.wikipedia.org/wiki/Landschaftspark_Duisburg-Nord) consultado em 27/09/2025



Figura 53 - Fotografia Parque Duisburg de Peter Lutz
(https://pt.wikipedia.org/wiki/Landschaftspark_Duisburg-Nord) consultado em 27/09/2025

¹⁰² DOMINGO SANTOS, Juan – Reconversiones industriales y brownfields en la ciudad naturalizada, in, MATÍNEZ-MONEDERO, ed. lit. – **Textos gráficos: paisaje, cartografía, patrimonio y proyecto**. Madrid: ediciones Asimétricas, 2024, p. 23.

¹⁰³ DOMINGO SANTOS, Juan – Reconversiones industriales y brownfields en la ciudad naturalizada, in, MATÍNEZ-MONEDERO, ed. lit. – **Textos gráficos: paisaje, cartografía, patrimonio y proyecto**. Madrid: ediciones Asimétricas, 2024, p. 27.

CAPÍTULO 3 | PLANO DE ESTRUTURA PARA A CÉLULA E

O Plano de estrutura para a célula E fundamenta-se na análise e mapeamento realizados coletivamente na primeira fase do estudo, assim como na análise SWOT, com enfoque na célula E e na sua extensão para a área industrial. Das fragilidades que identificámos no território, destacamos: i) inexistência de um sistema ciclável dentro da célula; ii) espaços verdes fragmentados e grandes áreas pavimentadas; iii) fraca ligação pedestre do interior da célula E para o exterior e iv) escassez de espaço público.

Assim, o Plano de estrutura para a célula E apresenta uma proposta para mitigar as problemáticas apresentadas. Neste contexto, a intenção proposta visa a implementação de uma infraestrutura verde com um sistema ciclável que para além de i) ligar a rede pré-existente de corredores verdes no perímetro de OS, ii) conecte os três parques e jardins (Parque Vale do Silêncio, Jardim do Cabeço das Rolas e o Parque Vale do Fundão), iii) articule de forma mais direta e eficiente o interior da célula com o exterior, resultando no conjunto numa maior coesão territorial melhorando a qualidade de espaço público, e iv) conecte as células C, D, F e G de Olivais-Sul, através do equipamento educativo presente nas células habitacionais.

Consideramos por isso fundamental resgatar o espírito lembrado pelo arquiteto Carlos Duarte ao referir que: “As grandes linhas de estruturação do plano partiam de algumas ideias fundamentais, uma delas era a ideia de unidade de vizinhança. A organização dos vários núcleos habitacionais era feita a partir da unidade de vizinhança que por sua vez pressupunha a existência do núcleo central organizativo que era a escola primária”¹⁰⁴.

Para o GTH, a integração de um equipamento escolar em cada célula habitacional de OS era fundamental para o planeamento urbano. Esta estratégia visava potenciar a mobilidade pedonal infantil, enquadrando-se no conceito “unidade de vizinhança”, que considerava importante a deslocação em segurança e a acessibilidade entre os vários equipamentos, espaços de lazer e áreas recreativas. A delimitação da unidade de vizinhança nos OS é definida pelas vias estruturantes que circundam, mas também das vias principais internas, as quais estruturam e organizam a malha urbana e materializam o conceito de unidade de vizinhança.

Olivais Sul é composto por cinco células (B, C, D, F, G) das quais B, C, D e E são células habitacionais. As células B, D e E integram uma escola básica cada uma e a célula C integra uma escola básica e uma escola do ensino secundário. Na célula B existe a Escola Básica Arco-íris, na célula C a Escola Básica Fernando Pessoa com crianças entre os 10 e os 15 anos (**Figura 15**), Escola Secundária Eça de Queirós que inclui 3º ciclo, ou seja, a faixa etária varia entre os 10 e os 18 anos (**Figura 16**), na célula D existe a Escola Básica dos Olivais (**Figura 17**) e por último a célula E que integra a Escola Básica

¹⁰⁴ DUARTE, Carlos – **Olivais Sul** [Registo vídeo]. Lisboa: RTP Arquivos, 1994. 1 vídeo (09:10min) 4:3 PAL

Sarah Afonso (**Figura 18**) ambas rondam as faixas etárias entre os 10 e os 15 anos. Dentro deste raio a intervenção proposta apenas alberga as escolas das células C, D e E. As escolhas mencionadas serão integradas na proposta apresentada.

Salienta-se que a célula E, apresenta escassez de espaço público contrastando com as restantes células referidas. As células C e D contêm maior diversidade de espaço público incluindo praças, parques, jardins e parques infantis.

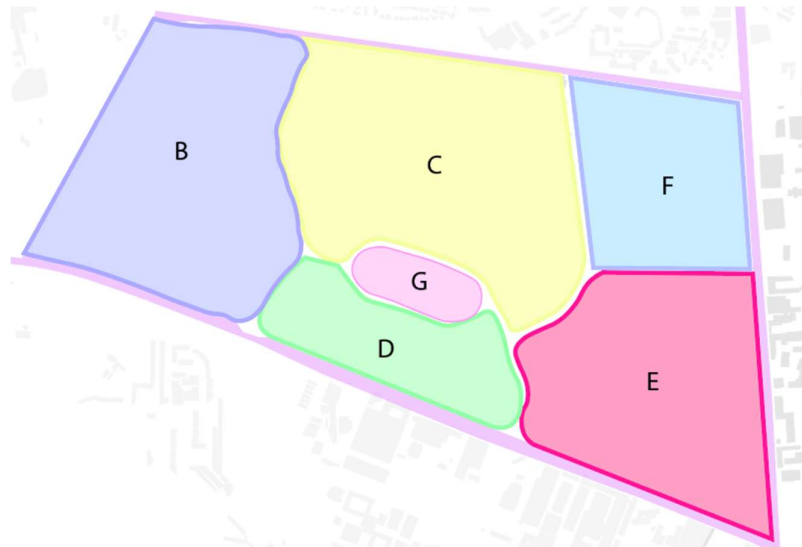


Figura 54 - Mapa de Identificação das Células B (cor lilás), C (cor amarelo), D (cor verde), E (cor magenta), F (cor azul) e G (cor rosa) presentes em Olivais Sul, com uma base retirada através do Google Satélite na ferramenta digital Qgis e modificado pela autora em 22/03/2025

3.1 Propostas | Plano de Estrutura para a área de Olivais Sul



LEGENDA:

- Edificado
- Escolas Básicas e Ensino Secundário
- Proposta Estrutura Verde
- Espaços verdes existentes
- Espaço públicos de apoio às escolas
- Ciclovia existente
- Proposta de Ciclovia
- Jardins existentes integrados na proposta

Figura 55 - Plano de Estrutura realizado pela autora 1/08/2025

Com base num estudo detalhado das temáticas que consideramos fundamentais ancorar ao plano de estrutura, propomos a criação de uma infraestrutura verde articulado com um sistema ciclável que conecta os espaços verdes existentes, bem como jardins e parques circundantes de OS.

O objetivo da proposta é i) implementar uma melhor qualidade de vida aos habitantes da célula E, reforçando o contacto com a natureza e espaços de lazer, alinhando-se com os princípios do Plano de Urbanização dos Olivais (1960) e com as premissas do design biofílico que reforça a relação do ser humano com a natureza, ii) conectar espaços que promovam a biodiversidade, iii) melhorar os microclimas locais, iv) criação de espaços de lazer, vi) sistema de mobilidade contínuo facilitando o

acesso e segurança, vii) utilização de mobiliário urbano de materiais duradouros e recicláveis e existentes na área de estudo.

Deste modo, a infraestrutura verde proposta conecta as escolas anteriormente referidas, promovendo o conceito unidade de vizinhança através da criação de um percurso mais seguro, distante de vias estruturantes. Esta intervenção é reforçada com a implementação de faixas arbóreas que contribuem para a criação microclimas mais agradáveis e reduzem o ruído originado pelo tráfego.

(Figura 56)



Figura 56 – Desenho explicativo das estradas existentes (imagem à esquerda) e a sua alteração com base na infraestrutura proposta (imagem à direita), realizado pela autora em 27/09/2025

Para corresponder ao objetivo do sistema de mobilidade e criação de espaços de lazer e recreio, projetou-se espaços de lazer num raio de 200 metros das escolas. **(Figura 57)** Os espaços são plataformas de madeira, que podem ter três abordagens distintas: i) plataforma onde o mobiliário urbano são bancos e simultaneamente iluminação que podem servir para períodos de espera dos encarregados de educação das crianças; ii) plataforma onde os habitantes possam realizar refeições, piqueniques inclusive a faixa etária mais jovem e iii) plataforma composta por uma estrutura em betão com uma cobertura verde que tem a funcionalidade de estacionamento de bicicletas, apoiando o sistema ciclável proposto.



Figura 57 – Planta da identificação das plataformas de madeira no percurso proposto no plano de estrutura. Desenho realizado pela autora em 26/06/2025

As plataformas com os bancos iluminados, são intencionalmente projetadas para o raio de 200 metros perto de cada escola e as plataformas seguintes são intencionalmente projetadas para o canal do Alviela, conectando o percurso verde criado com espaços de estar e lazer.

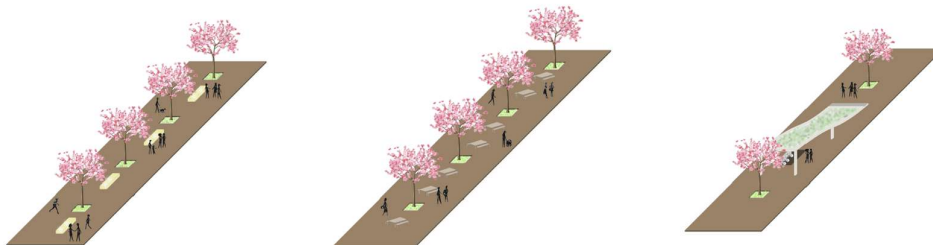


Figura 58 – Proposta de plataformas de madeira ancoradas ao circuito verde projetado. Plataforma com bancos como iluminação (à esquerda), plataforma com mesas de madeira (centro) e plataforma com estacionamento de bicicletas. (à direita) Desenho realizado pela autora em 19/06/2025.

Na fase de estruturação da infraestrutura verde proposta, analisámos as espécies arbóreas que mais prevalecem nos OS. Conforme as suas características de adaptabilidade aos tipos de solo existentes, foram selecionadas as espécies mais apropriadas para implantar ao longo do corredor, exemplificando com a célula de intervenção, E.

As características de cada espécie são importantes, uma vez que determinam o seu comportamento ao longo das estações, o seu crescimento e, conseqüentemente, o ambiente que podem dar a cada espaço.

No mapa seguinte dividimos o percurso proposto na célula E em três zonas: vermelha, azul e amarela. Cada uma destas zonas corresponde a uma espécie arbórea. A zona vermelha representa a árvore Olaiá, conhecida também como Árvore-Do-Amor ou Árvore-De-Judas (*Cercis siliquastrum*), espécie nativa de Portugal com boa resistência a climas secos e frios, são árvores de pequeno porte e podem crescer até 8 metros de altura e 6 de diâmetro. A zona azul representa a árvore Acer Negundo ou Bordo-Negro (*Acer negundo*), árvore que preferencialmente estão em locais como planícies ou perto de lagos e rios, mas é uma planta que também é muito resistente a todo o tipo de solos até os mais arenosos e calcários. É uma árvore de folha caduca, cresce até 10 metros de altura e entre 8 a 10 metros de diâmetro. É bastante usual nas cidades em zonas como avenidas, passeios e jardins. Por último a zona amarela, onde propomos a árvore Ligustro ou Azinheiro-Do-Japão (*Ligustrum lucidum*), árvore exótica do Japão que se encontra muitas vezes junto a linhas de água e em zonas agrícolas. Apesar disso é uma árvore que suporta todo o tipo de solos e suporta bem a poluição, sendo também uma das razões de propormos esta espécie junto á fronteira com a zona industrial e com a Avenida Infante Dom Henrique. É uma árvore de pequeno porte e a sua altura varia entre os 6 a 8 metros de altura e 6 de diâmetro.

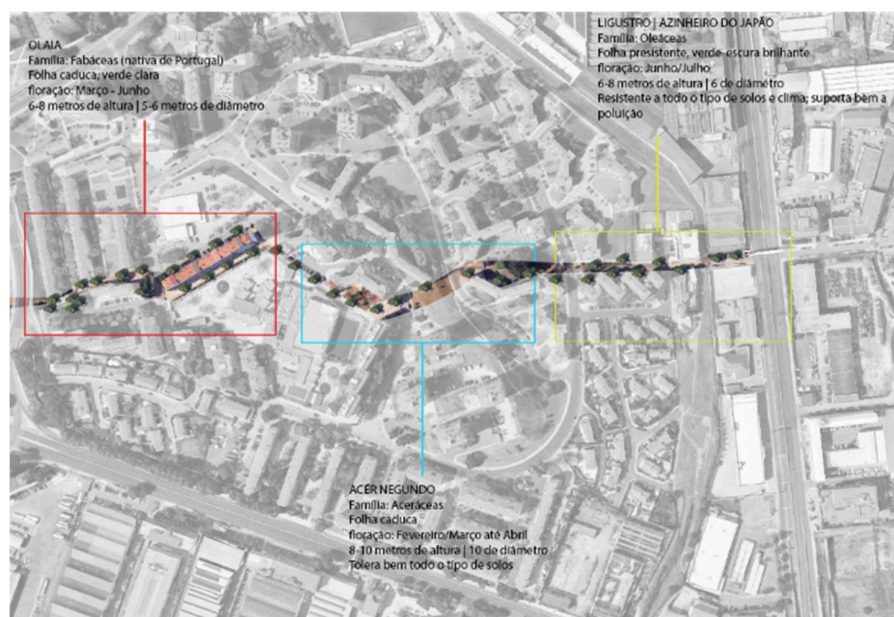


Figura 59 - Mapa de proposta das espécies arbóreas por zonas no corredor verde na célula E. Árvore Olaiá (cor vermelha), árvore Acer negundo (cor azul), árvore Ligustro (cor amarela) utilizando uma base retirada do Google Earth Pro e alterada na ferramenta digital Photoshop, realizado pela autora a 29/05/2025

Para obediência das premissas e complemento do percurso, propomos espaços de lazer e intervenção pontual em três áreas de cariz público: i) situa-se na extremidade da célula, propondo a re-funcionalização do património industrial, neste caso a Fábrica Barros e na área envolvente atualmente ocupada por edifícios indústrias; ii) centra-se em conectar dois equipamentos, o Mercado Olivais-Sul – Célula E e a Escola Básica Sarah Afonso através de uma praça onde atualmente se encontra em construção um infantário e ainda propomos a nova implantação do mercado. Esta intervenção será complementada pela criação de uma faixa verde que atravessa os dois equipamentos, conectando-os; iii) situa-se na área extra de intervenção, mais especificamente no fim da Rua da Centeeira, onde atualmente está um espaço exterior que é utilizando como parque de estacionamento. A intenção é requalificar e naturalizar este espaço com a criação de um parque urbano e parque infantil.

Posteriormente será desenvolvido em plano de pormenor a área envolvente do património industrial Fábrica Barros e o Mercado da célula E juntamente com a área circundante, enquanto a intervenção na Fábrica Barros e na Rua da Centeeira ficará uma intervenção conceptual.



Figura 60 – Mapa sinalizado onde propomos as intervenções conceptuais (Fábrica Barros e fim da Rua da Centeeira). Mapa retirado do Google Earth Pro, modificado pela autora em 27/09/2025

3.2 Proposta da Estufa agrícola na atual Fábrica Barros

Na Fábrica Barros, edifício a consolidar como espaço central ou habitacional no Plano Diretor Municipal, intencionamos a sua re-funcionalização, atribuindo-lhe uma nova vocação que se enquadre no conceito do projeto. A sua re-funcionalização limita-se a uma estratégia de coesão urbana e valorização do património industrial existente que promove a sustentabilidade.

A nova função proposta centra-se na implementação de uma estufa agrícola de modo a corresponder às necessidades dos residentes da área, criando um equipamento de cariz público que permite uma nova valorização do edifício industrial.

A implantação do edifício existente tem uma área atualmente de 14 600,14 m² em que apenas iremos utilizar 12416,76 m². Propomos manter a materialidade atual, como a estrutura em betão e uma cobertura suportada por treliças, os vãos seriam substituídos para janelas em alumínio e portas em madeira.

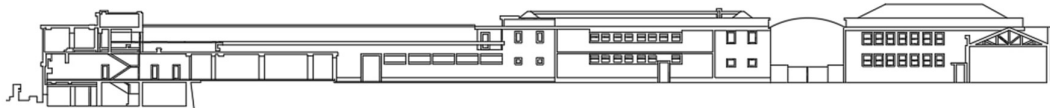


Figura 61 – Desenho Corte/Alçado do existente da Fábrica Barros realizado pelo Pedro Gouveia através da ferramenta digital AutoCAD e consultado pela autora em 12/02/2025

O exterior da área a intervir será naturalizado para um jardim, funcionando como um pátio interior e uma zona de transição entre a fábrica e a área adjacente, localizada a nascente. A área adjacente também será objeto de intervenção através criação de um anfiteatro exterior que promove atividades no setor artístico para os habitantes e estudantes. Para além do anfiteatro, planeia-se a criação de um café que conecta o edifício industrial com o canal do Alviela.



Figura 62 - Fotografia da Fábrica Barros nos Olivais Sul. Fotografia da autora, 28/03/2025.



Figura 63 - Planta esquemática da implantação da fábrica com o corredor verde proposto (cor verde) e o sistema ciclável (cor vermelha) realizado na ferramenta digital Adobe Illustrator pela autora em 10/06/2025

O projeto de reconversão do património industrial, neste caso a Fábrica Barros como uma estufa agrícola alinha-se ao conceito a Terceira Paisagem, propondo a sua reutilização funcional e uma nova perspetiva de utilidade. A proposta potência o edifício e estabelece uma continuidade da estrutura verde criada no exterior para o interior do espaço.

Para além da estufa agrícola, a fábrica articula-se com o anfiteatro adjacente reforçando a dinâmica espacial. A fábrica contém ao todo três entradas, uma pela Avenida de Pádua, outra pela

Avenida Infante Dom Henrique e a última pela conexão com a infraestrutura verde proposta. Estes dois últimos acessos conectam-se a um jardim exterior na área da implantação da Fábrica Barros.



Figura 64 - Planta da intervenção na Fábrica Barros como estufa agrícola e do jardim exterior, realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 26/06/2025

A fábrica foi projetada para integrar um novo programa planejado apenas num piso térreo. Inclui a própria estufa na área central do edifício, área de administração, casas de banho públicas, refeitório, área de arrumos, área de canteiros e o lado esquerdo da fábrica inclui áreas de apoio ao anfiteatro.

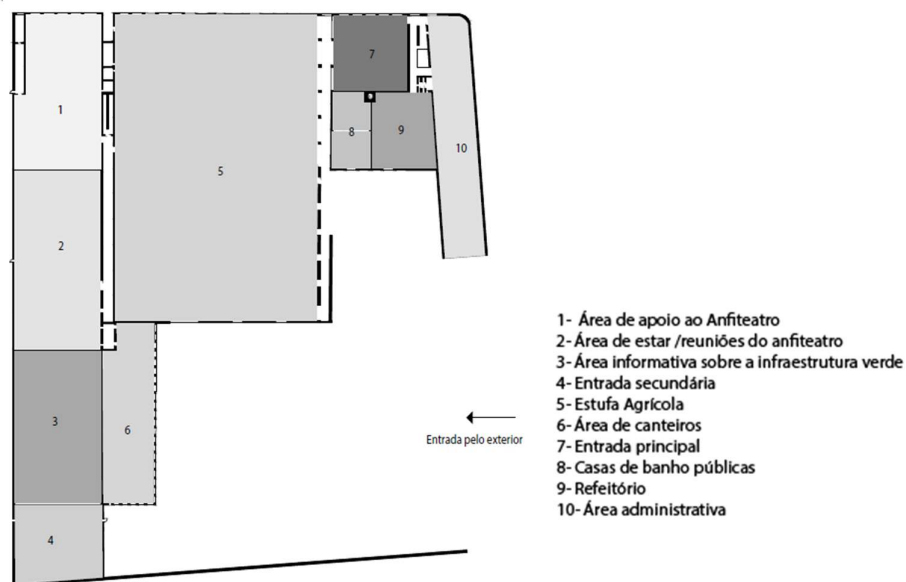


Figura 65 – Planta da proposta do programa para a Fábrica Barros. Numericamente descrito cada área e a sua funcionalidade. Desenho realizado pela autora na base na ferramenta digital AutoCAD, em 9/9/2025

A espécie arbórea escolhida para a o pátio interior da fábrica Barros foi Lingustro, Azinheiro-do-Japão (*Ligustrum lucidum*). Propomos a implantação desta espécie por ser adaptável a vários tipos de solo e por suportar bem a poluição. Enquadra-se na zona a intervir pois é uma área que recebe bastante poluição devido às indústrias circundantes e pelas grandes avenidas que criam poluição atmosférica e sonora.

3.3 Proposta do Parque Urbano na Rua da Centeeira

A última intervenção conceptual da fase do Plano de estrutura, situa-se no fim da Rua da Centeeira onde atualmente está um estacionamento. Propomos um parque urbano, naturalizando toda a área do parque.



Figura 66 - Fotografia do estacionamento, Rua da Centeeira. Fotografia da autora, 27/03/2025

O projeto do parque urbano abrange uma área de 4365,6 m², é desenvolvido ao nível do desenho do pavimento com intenção de recriar uma das obras de António Alfredo na atual Praça Cidade do Luso. (**Figura 61**) Nesta, o artista usa a forma circular como desenho do pavimento, com uma paleta de cores que varia entre o branco, vermelho e preto. Num perímetro retilíneo, tenta essa geometria com formas circulares e em espiral no interior. No seu interior propomos bancos de madeira circulares em que no seu centro estão plátanos.

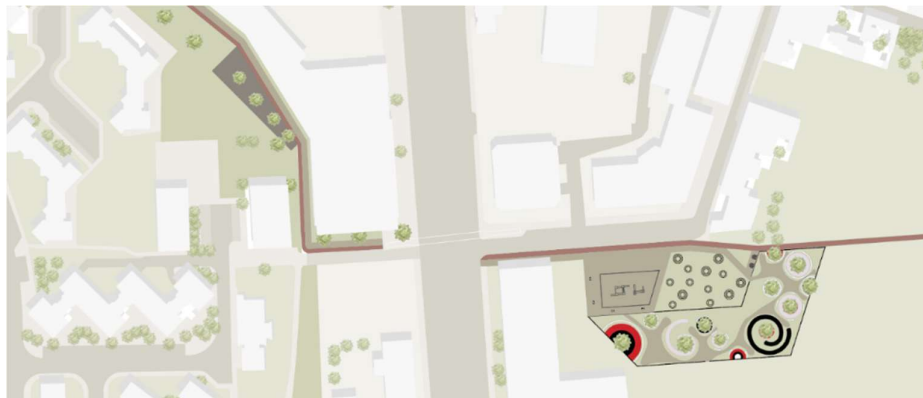


Figura 67 - Planta da proposta do Parque Urbano com base no desenho do pavimento da Praça Cidade do Luso realizada pelo artista plástico António Alfredo e parque infantil da Rua da Centeeira com o prolongamento da ciclovia (cor vermelho) realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 26/06/2025

Para além do parque urbano, propomos a implementação de um parque infantil destinado as crianças e habitantes da Rua da Centeeira, bem como o prolongamento da ciclovia materializada em alcatrão liso. Considerou-se pertinente intervir na parte industrial, pois encontra-se pouco consolidada e com fraca conexão pedonal entre a Rua da Centeeira e a célula E.

Com a criação deste espaço, visa trazer aos habitantes maior qualidade de vida com a implementação de um espaço de lazer e recreio sem um deslocamento obrigatório para a célula E. Pretende-se assim, proporcionar o espírito que se vive em OS promovendo a vivência do espaço público na sua conexão com a vegetação no fim da Rua da Centeeira.



Figura 68 – Desenho do mobiliário urbano proposta para o Parque Urbano da Rua da Centeeira realizado pela autora através da plataforma Adobe Illustrator e Adobe Photoshop em 28/09/2025

Na área de transição entre o parque infantil e a entrada para o parque urbano, propõe-se uma solução semelhante ao que acontece na Praça Cidade de São Salvador, projetada pelo pintor António Alfredo. Planeia-se um jogo de volumetrias no solo, observando-se relevo no terreno. Este jogo de volumes, ao contrário do projeto da praça que recorre à calçada portuguesa como materialidade, esta proposta idealiza naturalizar, com a utilização de relva. Deste modo, promove-se a integração da área com conexão ao parque.

Para além disto, o tratamento mais natural proposto garante acessibilidade e segurança, permitindo utilizar não só o parque infantil, mas também a zona mais dinâmica que estimula o movimento e interação.



Figura 69 - Desenho do corte referente à proposta do parque urbano e parque infantil localizado no fim da Rua da Centeeira. Realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 26/06/2025

Espécie arbórea utilizada no parque urbano proposto *Platanus Hispanica*, maioritariamente conhecido como Plátano e *Ligustrum lucidum*, mais conhecido como Lingustro, Azinheiro-do-Japão. As implantações destas duas espécies seguem as mesmas diretrizes da proposta anteriormente referida, são espécies que têm uma boa resistência à poluição e ambiente urbano e têm fácil adaptabilidade ao solo.

O projeto do espaço público na célula E e na Rua da Centeira está ancorado nos princípios da infraestrutura verde, promovendo qualidade ambiental e social. As propostas visam incentivar a sociabilidade através de convívio, sentido de vizinhança, o uso dos espaços pelos adultos e crianças e cooperação entre os habitantes. Potencia atividades diversificadas, como o lazer ou recreio e prática de atividade desportiva e promoção de negócios locais. Na mobilidade, propomos facilidade de acessos e conexões, incentivando os percursos pedestres e criando proximidade e conectividade entre espaços. Por último, o conforto, estimulando a criação de sítios seguros, sustentáveis e atrativos para a população.

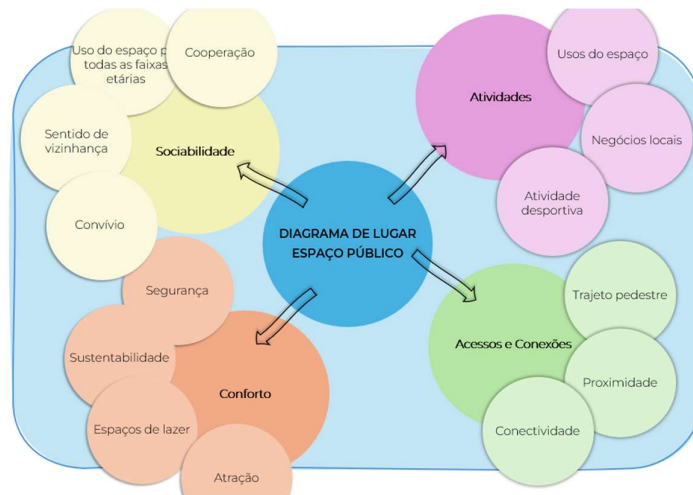


Figura 70 – Diagrama de Lugar relativo ao espaço público proposto na infraestrutura verde do plano de estrutura. Diagrama realizado pela autora em 30/07/2025

CAPÍTULO 4 | PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

A proposta do Plano de Pormenor enfatiza a importância do espaço público nas suas múltiplas vertentes, estabelecendo um objetivo principal da conexão com a infraestrutura verde proposta no território. Esta infraestrutura conecta a rede de corredores verdes e os jardins adjacentes à área.

A opção de intervir no espaço público da célula em estudo justifica-se pela análise elaborada aos OS, da qual se verifica forte consolidação do espaço público nas restantes células habitacionais. Face a este diagnóstico, propomos a mesma qualidade espacial e vivência do espaço público, alinhando-se com os princípios do Plano de Urbanização dos Olivais Sul.

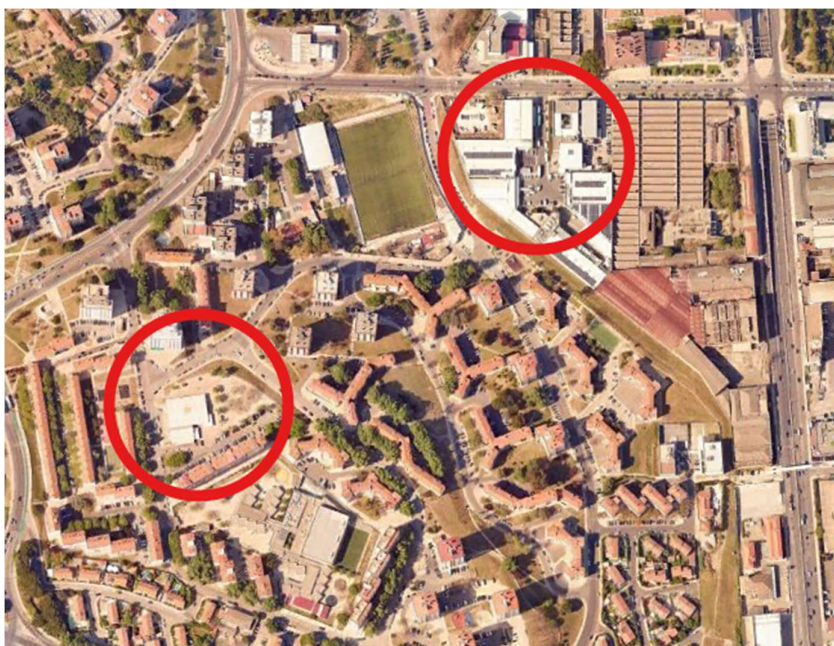


Figura 71 – Mapa explicativo da situação existente das duas áreas de intervenção pormenorizadas. Fotografia retirada do Google Earth Pro, editada pela autora em 29/09/2025

Consequentemente, definiram-se duas áreas para intervir detalhadamente: i) a zona do mercado da célula E e ii) a área envolvente à Fábrica Barros. Estas duas áreas de intervenção são conceptualizadas com influências do existente dos Olivais Sul e Norte, com elementos como a forma geométrica predominante, a tipologia de espaço público e os materiais predominantes na área.

4.1 Plano de Pormenor do Café do Alviela e Anfiteatro

Na segunda intervenção pormenorizada idealiza-se uma estrutura circular em madeira, que estabelece uma ligação entre campo desportivo e a Fábrica Barros. A estrutura proposta está posicionada na mesma cota que a rede viária.

Como na proposta anterior, esta acompanha o corredor verde e sistema ciclável, valorizando a parte pedonal de toda esta zona, reforçada pela criação de um passadiço e estrada ciclável que acompanha o canal do Alviela.

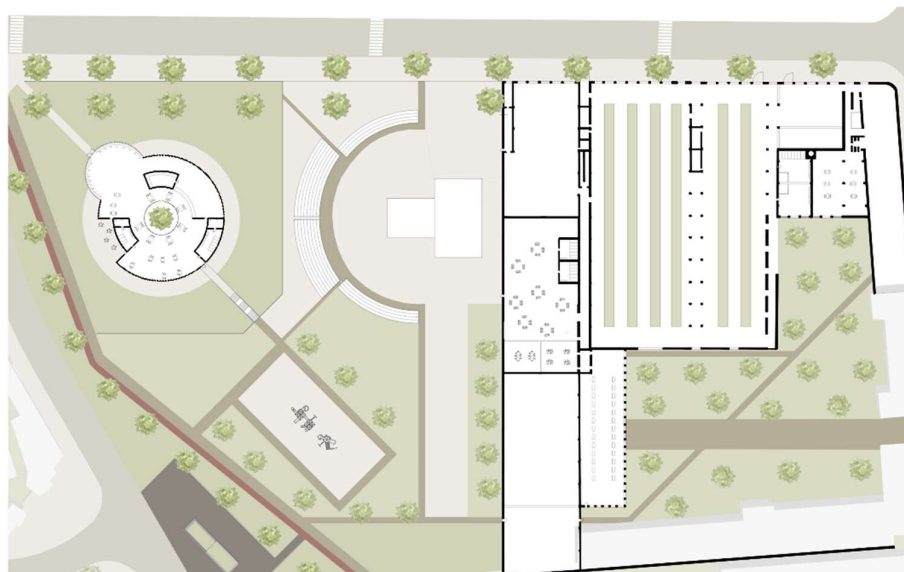


Figura 72 - Mapa da proposta para a fábrica Barros e a restante área do lado esquerdo. Sinalização da ciclovia (cor vermelha) e dos caminhos pedonais (cor amarela) realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 28/04/2025

A estrutura em madeira é idealizada como um café com uma área de 1311,12 m², assumindo a função de espaço de lazer, utilizado como complemento das atividades que acontecem ao seu redor e como elemento de ligação dos equipamentos circundantes.

No seu interior, prevê-se a implantação de uma espécie arbórea, neste caso uma *Olea europaea*, mais conhecida como Oliveira. A seleção da mesma deve-se à sua forte adaptabilidade a sistemas secos e a locais com iluminação média. Para além das características mencionadas, a escolha deve-se também à importância que esta espécie tem para o sítio de estudo e os seus habitantes.

A cobertura contém uma claraboia em vidro no centro, precisamente sobre a Oliveira. O edifício é composto por pilares de madeira que filtram a luminosidade que entra no espaço.



Figura 73 – Corte do café proposto para a envolvente da fábrica Barros, realizado pela autora em 30/06/2025

A estrutura de pilares em madeira está assente numa viga de bordadura onde os pilares são suportados por uma peça metálica com uma cobertura plana também em madeira.

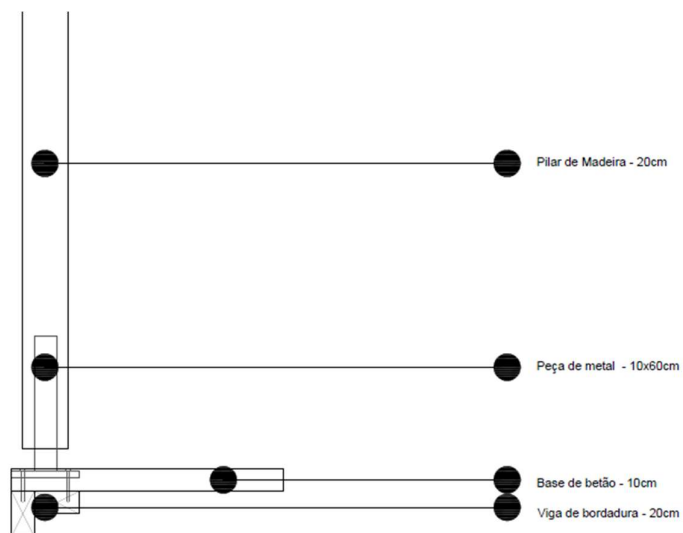


Figura 74 - Detalhe do pilar de madeira do café proposto realizado pela autora em 26/06/2025

A espécie arbórea idealizada para circundar o café é *Cercis sillquastrum*, mais conhecida como Olaia. É uma árvore predominante nesta área para uso ornamental, tal como na proposta apresentada. Para a zona do anfiteatro e a fronteira com a Avenida de Pádua são propostas *Platanus Hispanica*, conhecido como Plátano e *Ligustrum lucidum*, mais conhecido como Lingustro, Azinheiro-do-Japão. Para além do uso ornamental, o Plátano e o Lingustro estão localizados na fronteira com a Avenida de Pádua para proteger os espaços criados da poluição, reduzir a poluição sonora e proteger dos ventos predominantes. Com a proposta apresentada conseguimos diversidade arbórea e criação de diferentes ambientes.

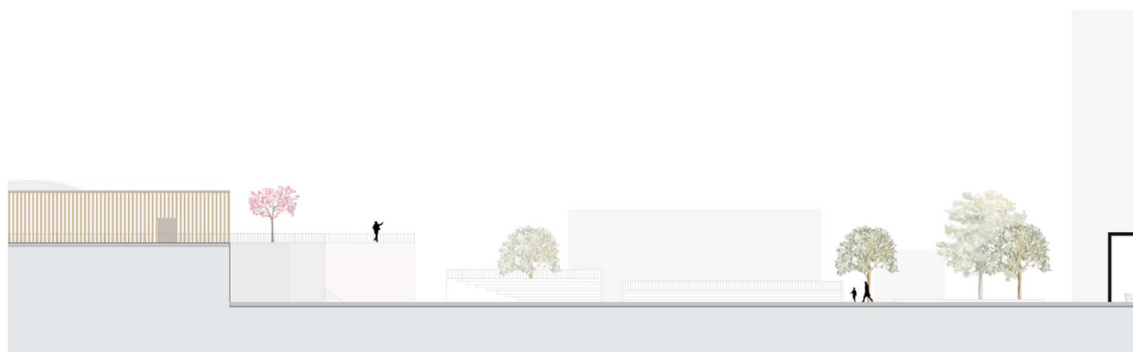


Figura 75 – Desenho de corte que mostra a relação da estrutura de madeira e a plataforma com o anfiteatro proposto e a Fábrica Barros, realizado pela autora em 27/06/2025

O café circular encontra-se numa cota superior em relação ao anfiteatro e à Fábrica barros, proporcionando uma vista para as restantes propostas. A diferença de cotas exige que a estrutura de madeira assente numa plataforma, neste caso de betão, com revestimento em relva e pavimento em pedra.

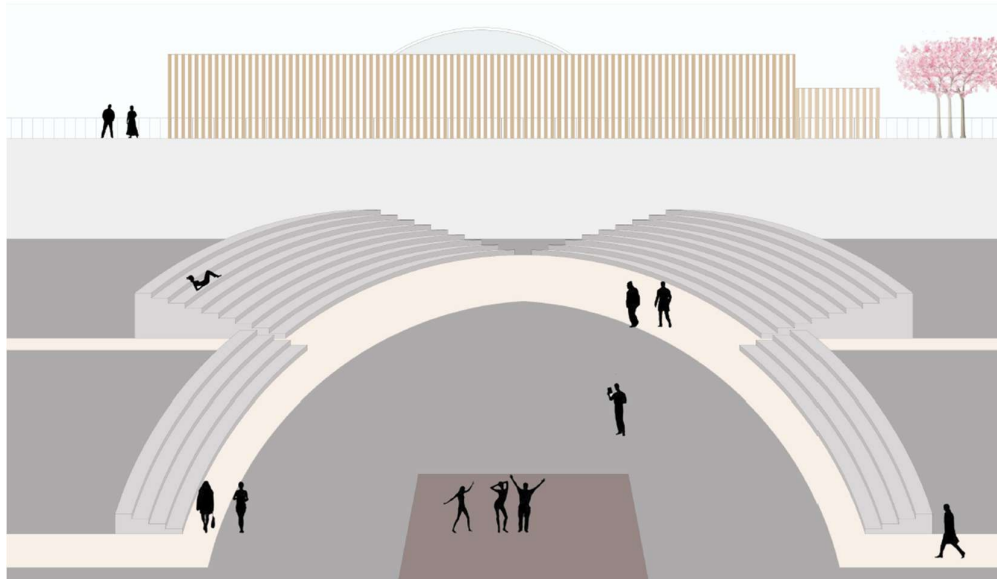


Figura 76 – Perspetiva do anfiteatro e a sua relação com o café, realizado pela autora em 28/06/2025

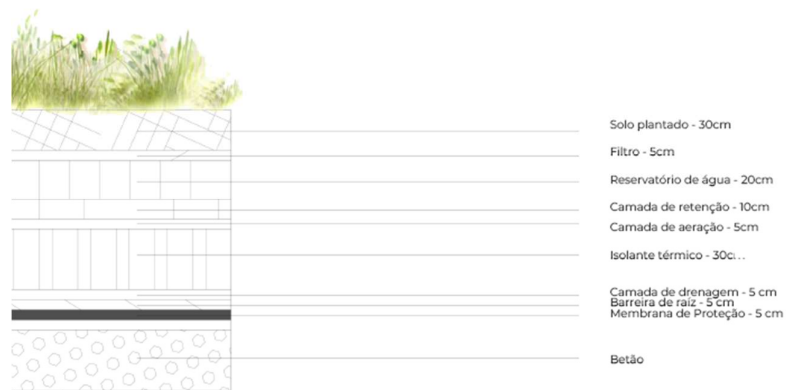


Figura 77 - Detalhe do pavimento em relva em redor do café realizado pela autora em 27/06/2025

4.2 Plano de pormenor Mercado da célula E e a Praça dos Balões-de-São-João

Uma das propostas selecionadas para pormenorização localiza-se no sítio do atual Mercado da Célula E. O projeto prevê a sua reimplantação, assumindo um mercado aberto. Esta configuração potencia a transparência entre os dois lados da rua, reforçada pela criação de uma praça pública arborizada em frente ao equipamento. O edifício tem o propósito de conectar a praça ao arruamento paralelo, através da transparência e do atravessamento.

A praça serve de apoio às atividades do mercado e incentiva a continuidade da infraestrutura verde que conecta o mercado à Escola Básica Sarah Afonso. Em termos de desenho urbano, o pavimento proposto é em tijolo maciço tal como as caleiras. O mobiliário urbano, segue a ideia circular e semicircular já referida, materializando-se em madeira. Prevê-se a existência do café localizado, atualmente, no mercado.

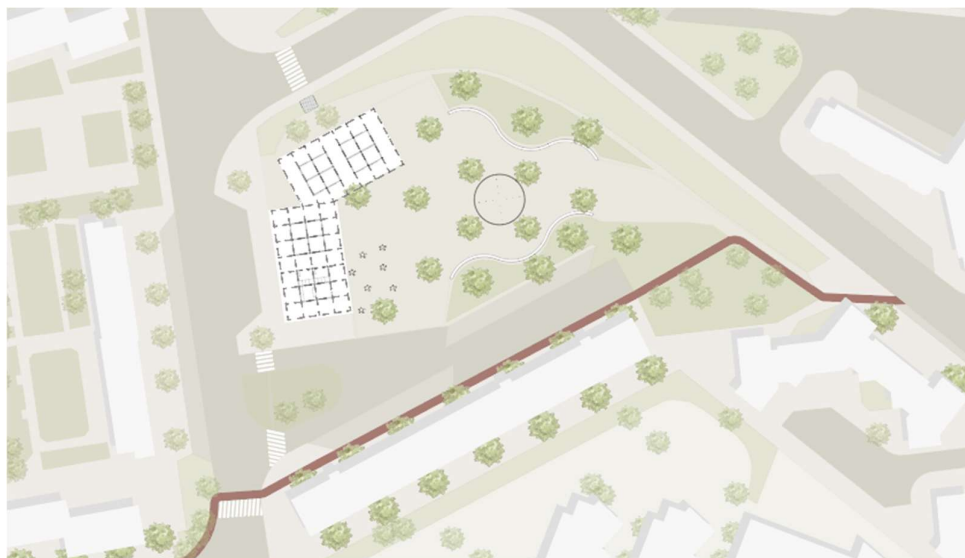


Figura 78 - Planta da proposta da nova implantação do Mercado da célula E e da praça realizado pela autora através da ferramenta digital AutoCAD em 1/05/2025

A seleção de materiais para o projeto alinha-se com o que existe atualmente nos OS, nomeadamente a utilização do tijolo maciço, presente nos arranjos exteriores e nos edifícios habitacionais. Paralelamente, a opção dos bancos em madeira relaciona-se com um dos princípios do design biofílico, que defende o uso de materiais de origem natural, criando de forma indireta o contacto entre o humano e o meio natural promovendo uma sensação de conforto.

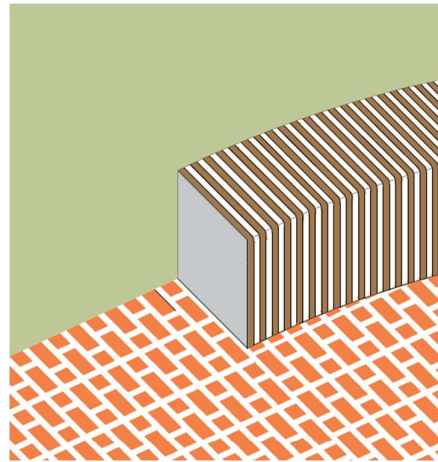


Figura 79 – Desenho perspectivado da materialidade do pavimento e do mobiliário urbano proposto na praça do mercado da célula E, realizado pela autora em 27/06/2025

A designação proposta, “Praça dos Balões-De-São-João”, deriva da espécie arbórea escolhida, a *Koelreuteria paniculata*, conhecida como “balões-de-São-João”. As razões que levaram a escolhermos esta espécie fundamenta-se pela boa tolerância a ventos fortes e resistência ao calor, características adequadas para a zona de intervenção, dada a sua localização num promontório sujeito a receber os ventos predominantes. Esta espécie tem a capacidade de atingir os 15 metros de altura o que enfatiza a sua presença no local proposto.

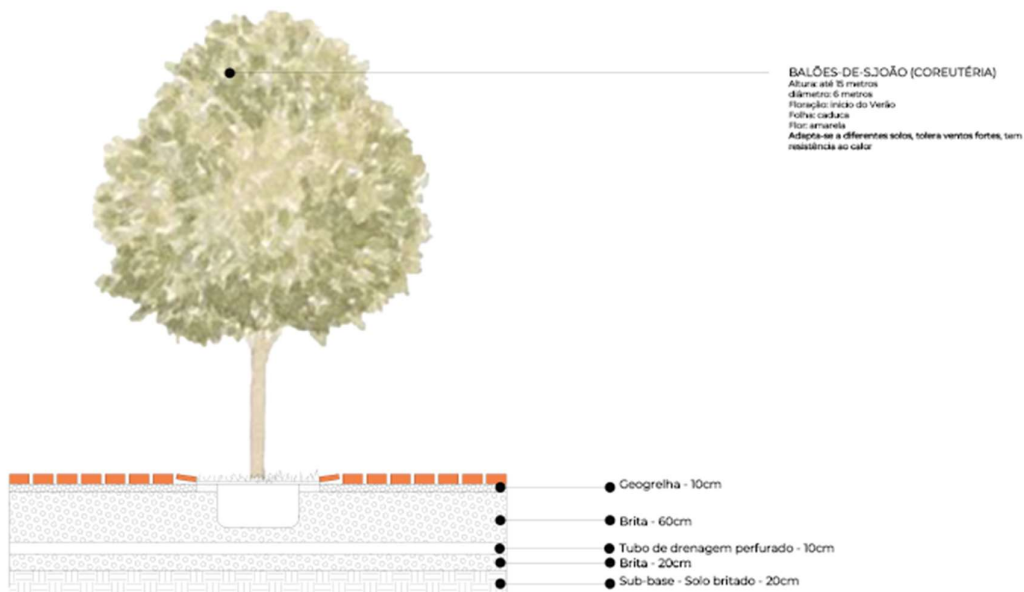


Figura 80 – Detalhe do solo proposto para a praça do mercado da célula E, realizado pela autora em 27/06/2025

Relativamente ao edifício do mercado, propomos uma estrutura em betão, com pilares quadrangulares no interior e circulares na face de todo o edifício, que define as suas fachadas.

No interior, prevê-se divisórias modulares em madeira. Por serem elementos amovíveis torna o mercado um espaço versátil e funcional a diversas necessidades que o contexto urbano necessite. A implantação, com uma área de 767,08 m², foi definida consoante o alinhamento dos arruamentos, integrando-se na envolvente. Cada módulo de divisória singular tem uma área de 15,25 m².

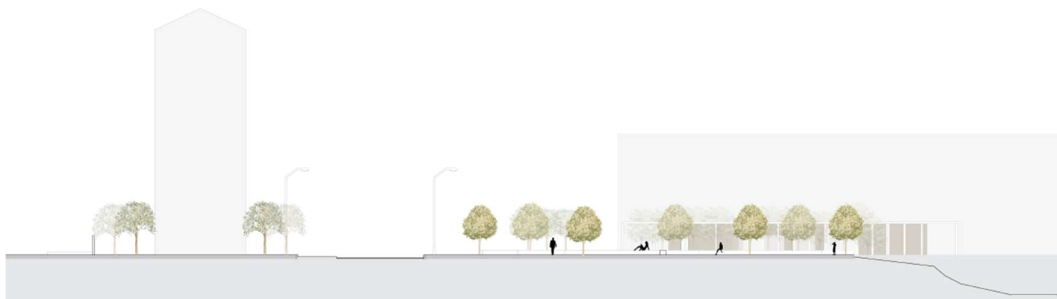


Figura 81 – Corte da Praça dos Balões-de-São-João e do Mercado da Célula E proposto, realizado pela autora em 27/06/2025

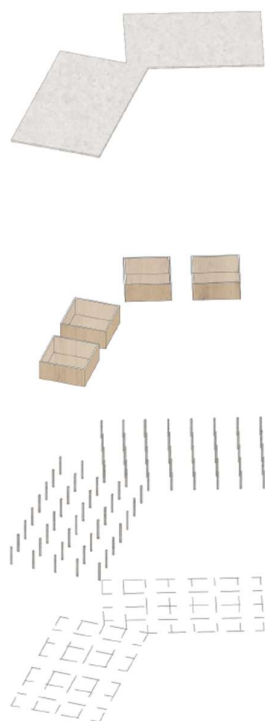


Figura 82 – Isometria do Mercado da célula E proposto que mostra a métrica da estrutura e a materialidade da mesma e das divisórias amovíveis. Realizado pela autora em 27/06/2025

O programa que propomos, concebido através de uma análise ao mercado atual, integra funcionalidades existentes e outras novas que permitem facilidade no acesso a bens de primeira necessidade.

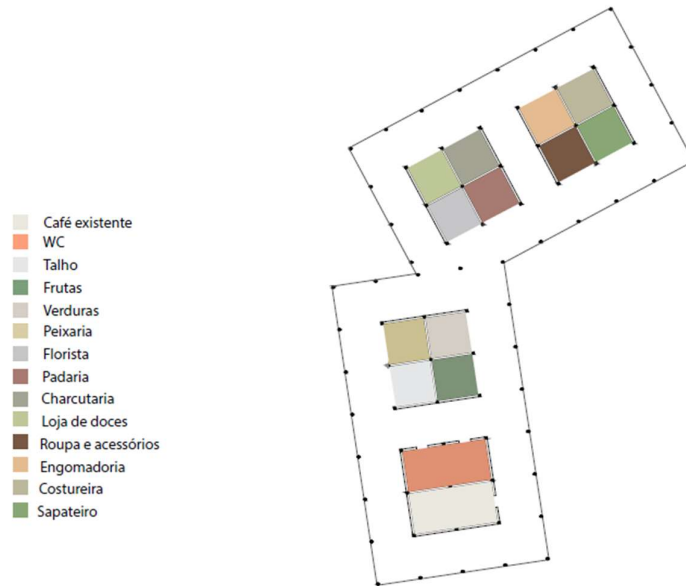


Figura 83 – Planta da proposta do programa para o Mercado da Célula E. Descrição cromática de cada área e a sua funcionalidade. Desenho realizado pela autora na base na ferramenta digital AutoCAD, em 9/9/2025

Com o objetivo introduzir centralidade à praça arborizada, concebemos uma fonte circular que permite proporcionar dinamismo ao espaço que é enfatizado com a disposição das árvores que se alinham com a fonte segundo ângulos de 90° e 45°.



Figura 84 – Corte da Praça dos Balões-de-São-João e do Mercado da Célula E proposto, realizado pela autora em 28/06/2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio teve como objetivo o estudo do espaço público e espaço verde de Olivais Sul. Centrando-se na célula E e na área industrial adjacente, a proposta apela ao novo desenho urbano do território, abordando temáticas como a reestruturação urbana, a importância da estrutura verde na cidade, a (re)aplicação do conceito unidade de vizinhança e a criação de espaço público de raiz. O conjunto de intervenções na área em análise pretende melhorar a qualidade de vida urbana, através de um desenho urbano que promova a sociabilidade e conforto.

A proposta de intervenção procurou resgatar os princípios do Plano de Urbanização de 1960, demonstrando a sua contemporaneidade ao dialogar com problemáticas da atualidade, apesar do Plano ter sido concebido num contexto urbano e social distinto. Esta realidade evidencia que a sensibilidade ambiental, social e urbana é transversal e intemporal. Para ancorar as premissas do projeto foi fundamental a pesquisa elaborada relativamente aos conceitos teóricos e modelos de intervenção, clarificando, assim, a importância da continuidade ecológica, reaproveitamento de espaços degradados e a valorização do património industrial.

Como é retirado ao longo do ensaio, a célula E apresenta fragilidades como a fragmentação de espaços verdes, escassez de espaço público e fraca conectividade com o exterior. Perante este cenário, procurámos uma solução inversa à situação existente, transformando o objeto de estudo numa área de centralidade e com vivência do espaço público, através de um planeamento urbano contextualizado e equilibrado. Dedicámo-nos a enaltecer os pontos positivos no território, como a vasta quantidade de espaços verdes existentes integrando-os na infraestrutura verde proposta. Esta infraestrutura verde propõe variados espaços públicos e parques infantis articulados por um sistema ciclável na rede municipal. Para enfatizar a singularidade do local, nas propostas pormenorizadas resgatámos materiais e elementos formais que reforçam a identidade de Olivais Sul e potenciam a sua integração com o contexto urbano atual. Destacam-se, como elementos formais e materiais a forma circular e o tijolo maciço.

Com isto, toda a proposta foi elaborada em torno de observação em situ, pesquisa história e avaliação morfológica do local que permitiu ter uma sensibilidade com o existente e a sua história. O objetivo primordial foi manter e potenciar a identidade do local, reestruturando o objeto de estudo de modo a torná-lo espacialmente rico quanto as restantes células que compõem o território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Juscidalva Rodrigues de – **Potenciais benefícios sociais e ecológicos de vegetação urbana: o caso de Lisboa, a Capital Verde Europeia em 2020**. Lisboa; Aveiro: Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências; Universidade de Aveiro, Departamento de Biologia. 2022. Tese de Doutoramento

AZEVEDO, Carolina Sofia Lopes de – **Reconversão de Património Industrial: A Realidade das Cidades de Lisboa e São Paulo**. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2017.

ANDRÉ, Paula – Mobiliário Urbano em Olivais-Sul: Do desenho às realizações. **Revista ArteTeoria nº5**. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2004), p. 83-110.

BATISTA, Desidério; MATOS, Rute Sousa – **O Jardim Planetário: Uma Utopia para o Século XXI?** – Algarve e Évora: Várzea da Rainha Impressores, S.A. 2013.

BONZI, Ramón Stock – Emerald Necklace - Infraestrutura Urbana Projetada como Paisagem. Artigo nº6. Universidade de São Paulo: **Revista LABVERDE**. ISSN: 2179-2275. Nº9 (2014), p.106-127

CABRAL, Francisco Caldeira – **Caldeira Cabral** [Registo de vídeo]. Portugal: RTP Arquivos, 1988. 1 vídeo online (27:53min.) 4:3 PAL. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/caldeira-cabral/>

CABRAL, Francisco Caldeira – **O Continuum Naturale e a conservação da natureza** – Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente. 1980. p. 35-54

CÂMARA, Maria Teresa Pinto de Mesquita Cabral de Moncada Bettencourt da – **Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa (1940-1970)**. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências. 2015. Tese de Doutoramento.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA – **Corredores Verdes** [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. [Consult. 12 maio 2025]. Disponível em <https://www.lisboa.pt/temas/ambiente/estrutura-ecologica/corredores-verdes>

CLEMENT, Gilles – **From the Garden in Motion to the Third Landscape** [Registo do vídeo]. AA School of Architecture, 2021. 1 video no Youtube (1:23:26min.) <https://www.youtube.com/watch?v=4ukll2qZOy8>

COSTA, Carlos Eduardo Felix da; SOUZA, Carlos leite; MUNIZ, Evânia de Paula – Design biofílico para todos: ressignificação de espaços na comunidade do Vidigal/RJ. **Brazilian Journal Development**. (25 maio. 2023)

CUNHA, Ana Raquel Fernandes Gomes – **Os Planos de Urbanização dos Bairros da Encarnação e Olivais: O Modernismo, a Expansão da Cidade de Lisboa e a Arquitetura Paisagista**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2014. Dissertação.

DENTINHO, Álvaro Ponce – Arranjo dos espaços exteriores. **Revista Arquitetura nº81**. Lisboa: Rui Mendes Paula. Nº81 (1964), p. 15-17

DIAS, Francisco Silva; DIAS, Tiago da Silva – **Lisboa: freguesia de Santa Maria dos Olivais**. Lisboa: Contexto editora, 1993

DOMINGUES, Susana; MARQUES, Sandra – **Circuitos pela tardia industrialização portuguesa: Lisboa entre dois mundos**. Instituto de História contemporânea, 2018

DOMINGO SANTOS, Juan – Reconversiones industriales y brownfields en la ciudad naturalizada, in, MATÍNEZ-MONEDERO, ed. lit. – **Textos gráficos: paisaje, cartografía, patrimonio y proyecto**. Madrid: ediciones Asimétricas, 2024, p.20-51.

DUARTE, Carlos – **Olivais Sul** [Registo vídeo]. Lisboa: RTP Arquivos, 1994. 1 vídeo (24:18min) 4:3 PAL

EISENMAN, Theodore S – Frederick Law Olmsted, Green Infrastructure, and the Envolving city. **Journal of Planning History** [Em linha] Volume 12, nº4 (2013), p.288-311 [Consult. 8. jun. 2025]. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1538513212474227>

GUIMARÃES, Helder Tércio; RODRIGUES, Elias Cachado – Olivais e Chelas, um percurso, **GTH Boletim**, nº 50/51, 1986

LAMPERT, Tarsila da Costa – **Os Espaços verdes na promoção de uma vida urbana mais sustentável. Caso de Estudo: O Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura. 2014. Dissertação

LIMA, Elsa da Silva – **Expansão do Corredor Verde Oriental de Lisboa: Quinta da Montanha**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2016. Relatório de Estágio.

LUQUE, José; ASEGUILAZA, Izaskun; MARDONES, Nuño – Frederick Law Olmsted. In **El abecé de la teoría urbana**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2018.

MARQUES, Inês Andrade – Quando o artista “se apropria do Espaço como coisa sua”: António Alfredo e os espaços públicos de Olivais-Sul. **Revista Gama, Estudos Asiáticos**. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. Nº7 (2016).p. 121-128

MARQUES, Inês Maria Andrade – **Arte e Habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamento entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. Tese de doutoramento.

MATOS SILVA, Maria; BEJA DA COSTA, Ana – Cultura em ecologia – uma tradição revolucionária. **Estudo Prévio 25**. Lisboa: CEACTIONAL - Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa. 2024.

Olivais-Sul. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº97 (1963)

OLMSTED, Frederick Law – **To Francis Amasa Walker** [Em linha]. Virginia: The University of Virginia Press. [Consult. 14 maio 2025] Disponível em <https://rotunda.upress.virginia.edu/founders/default.xqy?keys=OLMS-print-01-01-02&mode=TOC>

REGO, Renato Leão – Unidade de vizinhança: um estudo de caso das transformações de uma ideia urbanística. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**. Brasil: Universidade Estadual de Maringá (UEM). Vol.9 nº3 (2017), p. 401-413.

Rota do Património Industrial: rotas culturais / arquitectura. **Cultura Portugal** [em linha]. Lisboa: Cultura Portugal [Consult. 15 Mar.2025]. Disponível em <https://culturaportugal.gov.pt/pt/conhecer/rota/mmp-rotas/rota-do-patrimonio-industrial/>

SÁ, Joana Feio Ferreira de – **Espaços verdes em meio urbano: uma abordagem metodológica com base em serviços de ecossistemas**. Lisboa: Instituto Técnico de Lisboa, 2013. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Urbanismo e Ordenamento do Território

SILVA, Alessandra Rosa Da – **A cidade-jardim de Ebenezer Howard: um estudo de sua influência para a circulação de ideias e modelos no urbanismo do século XX.** Brasil: Universidade Federal do Rio Grande Do Norte, 2014. p. 29. Tese de mestrado.

SILVA, Luiz António Medeiros da Silva – **Unidades de vizinhança socioambientais e seus recortes espaciais integradores – um estudo sobre experimentações, teoria e práticas do urbanismo.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2021. Tese de pós-graduação

TELLES, Gonçalo Ribeiro – A cidade e a natureza viva. **O Tempo e o Modo.** Lisboa: 1ª série, nº 34-35 (1966).

TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa Assassinada: O verde natural e o verde municipal. **Távola Redonda.** Lisboa: Gabriela Castelo Branco. nº20 (1962), p.3.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – **Plano Verde, Estruturas Ecológicas e Componentes Ambientais.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2001.

Tiers-Paysage [Em linha] Gilles Clément: França: Gilles Clément [Consult. 26 Mar. 2025] Disponível em <https://www.gillesclement.com/index.php?k=page&v=9>

Urbanização de Olivais Sul, Serviço de Planeamento, **GTH Boletim**, nº1, Julho-Agosto 1964

VIDEIRA, Mónica; FRUTUOSO, Viviana – **O Jardim do Telhado da Base de Submarinos em Saint-Nazaire como exemplo do princípio da Terceira Paisagem de Gilles Clément.** Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: 2015.

ANEXO A - Entrevista a Francisco Silva Dias, no dia 25 de julho de 2025

Tenho aqui algumas perguntas. A primeira é: Como funcionava a colaboração entre os arquitetos que projetavam os conjuntos habitacionais e os que projetavam os arranjos do espaço público?

O GTH foi uma força tarefa a resolver o problema da habitação em Lisboa. Portanto, era uma equipa que tinha sede no campo pequeno, no antigo espaço da feira popular que era o antigo mercado geral de gados e penso que todo o êxito no GTH residiu no facto de trabalharmos numa equipa quotidianamente. O GTH tinha todas as tarefas do processo urbano, portanto era a expropriação dos terrenos que em parte já estavam expropriados pelo Duarte Pacheco, depois fazer o plano, fazer o projeto da habitação e do equipamento que correspondia às obrigações da câmara, portanto os mercados, escolas primárias. No fundo eram estes dois. Depois era fazer os projetos dos arruamentos, espaços livres.

Numa relação que havia entre as rendas e as categorias, portanto havia quatro categorias conforme as rendas. O que deu algum resultado porque há uma grande mistura social nos Olivais. Essas quatro categorias tinham inclusivamente regras um bocadinho diferentes, pode-se discutir se as paredes para os ricos têm 40 centímetros e para os pobres têm 25, mas isso correspondeu a uma mistura social interessante, não houve grandes conflitos. Também contribuiu para isso a câmara fazer as escolas e todos na primeira geração, todos os miúdos começaram primeiro nas escolas o que deu um certo cimento social. E sobre o ponto de vista conceptual, só quem souber quais são as categorias é que sabe distinguir. E havia uma proporção, 90% eram distribuídos por entidades de providencia: finanças, forças armadas, habitações económicas. Esta aí uma característica interessante, só era habitante dos Olivais quem trabalhasse. O que está um pouco em contradição por exemplo com o PER, só tem casa quem vive nas barracas. Do ponto de vista formal, ninguém é capaz de dizer “este é da categoria dois”. Os prédios do Nuno Portas, Bartolomeu e Teotónio Pereira são categoria dois, mas tem um desenho que não os estigmatiza, isso é uma grande virtude.

Depois o projeto dos espaços livres era feito no GTH. Houve vários processos de transmissão do planeamento para a arquitetura. Portanto, do urbanismo para a arquitetura que é sempre um sítio melindroso. O que é que os urbanistas pensam e o que os arquitetos querem fazer ou fazem. Nos ON essa transmissão foi muito rígida, o próprio plano dizia “aqui são torres” em forma de Y, “aqui são blocos”, foi muito impositiva. Este sistema foi contestado por alguns arquitetos. Recordo-me do Abel Manta, isto para mostrar que o conceito de cidade era distante naquela altura, que disse “eu só quero saber onde ponho o meu bloco”.

Nos ON, havia uma pessoa, neste aspeto, muito singular que era o Dentinho. Há contradições no Estado-Novo que eu não sei explicar. No GTH eram todos vermelhuscos e quando veio o 25 de abril “olha aquele é comunista”, “olha aquele é socialista” e o Dentinho era monárquico, mas com muito

mau feitorio, deve ter sido a única pessoa que me ofereceu pancada. Mas era extraordinário aqueles círculos.

Mas nessa maneira de trabalhar entre os paisagistas, os urbanistas e os arquitetos. Em termos de sequência, o desenho do espaço público era depois de estar definido a arquitetura do edifício?

Era simultâneo. Depois nos Olivais Sul o protagonismo é do António Alfredo. Era cotidiano, passávamos no gabinete do Sr. António Alfredo “olha o que estás a fazer?” “estou a fazer o projeto da celebre praça das maminhas”, portanto era simultâneo.

E depois quem dava o ok à proposta por exemplo no caso do António Alfredo?

Éramos nós mesmos. Havia uma frase que me marcou muito. Nós tínhamos muito respeito às classes económicas digamos assim, tínhamos uma certa relutância. Como disse há bocado, porque é que as paredes dos ricos têm 40 centímetros e porque é que os ricos têm armários e os outros não têm. Mas havia uma frase que digamos era culpe disso tudo que era do José Rafael Botelho, foi o primeiro responsável, que dizia “mesmo que nós não possamos dar boas casas, vamos lhe dar boa cidade” isso realmente é de lapidar. E esse foi o esforço.

Na situação atual do problema da habitação nós temos de fazer habitação expedita. Realmente hoje é difícil fazer um programa como os bombeiros, não quer dizer que se dispensa a segurança e o conforto, mas a situação é tão grave.

Sim, e falar dos Olivais hoje eu diria que tem até outro penso tendo em conta a situação atual da habitação, mas já agora voltando à questão da praça das maminhas que é a praça de São Salvador que tem o projeto de António Alfredo que era pintor. Relativamente á questão das águas, certamente ele colaborava com alguém para fazer esse estudo dos lagos terem água, para onde é que a água depois corria.

Eu suponho que a água só existe no caso do Jorge Vieira.

Essa praça do Jorge Vieira que é desenhada. Na parte de cima existem blocos que tinham de início no projeto a recolha das águas da chuva que ia para o tanque. Na maquete original não existe o desenho da praça que tem a elipse e os rasgos em pedra onde corre a água, a água depois circula. Nós não conseguimos até agora nenhuma informação sobre quem terá feito este desenho da elipse da praça. Porque depois a água vai para baixo para a praça que tem os três tanques em socalco do Carlos Duarte que era suposto ter uma escultura do Jorge Vieira.

Também não sei...

Regressando a esta parceria entre o arquiteto do edifício, quem tomava conta do espaço público, no caso do António Alfredo era pintor.

Sim o António Alfredo era uma personagem. Falando dessas três personagens que trabalharam no espaço público: o Dentinho, o António Alfredo e o Jorge Vieira. Depois foi contratado o Joaquim Rodrigo que era agrónomo e quem se deve o parque da Bela Vista. Estas três personalidades eram muito diferentes. O Jorge Vieira senti-o sempre deslocado do grupo, não sei porquê. Enquanto o António Alfredo era de um grande entusiasmo e trabalhava com o barro, aqueles muros, umas maquetes enormes. Eu era o responsável pelo prendimento e deixava o António Alfredo fazer maquete do que seria o centro dos Olivais, por exemplo. E havia um colega que dizia, “mas ele não é arquiteto” e eu dizia “não é arquiteto, mas é poeta e nós também precisamos de um bocadinho de poesia” e ele fazia umas maquetes enormes, lindas.

E essas maquetes em barro era o que depois dava origem ao espaço público?

Sim. Naquela altura ele trabalhava mais connosco e estávamos a fazer Chelas. Tinha uma maquete sobre o centro de Chelas, enfim...fantástico. O Jorge Vieira vi-o sempre um bocadinho mais constrangido.

Em termos de ideias?

Não. O Jorge Vieira era muito meu amigo, aliás eram todos meus amigos até o Dentinho embora me quisesse bater por uma história estúpida. Quando comecei a trabalhar nos Olivais, no GTH estava em Angola e o José Rafael Botelho que foi encarregue do GTH escreveu-me se eu queria voltar. E foi realmente uma grande oportunidade que me foi dada, porque realmente o GTH, marcaram-me.

O do trabalho era perceber como funcionava o circuito da água que nós não encontramos essa informação.

Não me recordo quem é que faria propriamente o projeto do circuito da água. Sei que o Jorge tinha um ribeirinho e uma ponte.

Sim, nós tivemos lá e o espaço não está a ter grande utilidade pelos habitantes. Acha que pode estar relacionado com a existência de um grande parque que é o Parque do Vale do Silêncio? Que acaba por comprometer o uso dos parques entre as habitações.

O grande drama dos Olivais é que o código de leitura da cidade foi completamente alterado. Os pontos referenciais não existiam. Recordo-me de falar com um médico que pensava ir para o céu a guiar pessoas perdidas nos Olivais e diz ele que um dia encontrou uma senhora a chorar, no fim de tarde de novembro, nevoeiro. A senhora “não sei como sair deste inferno” e eles pegavam na senhora e

levavam até à rotunda do aeroporto “olhe tem aqui o autocarro, pode ir embora”. Isso deu origem a histórias engraçadas, não deixo de as contar.

Havia da parte do GTH um cuidado de explicar aos habitantes conforme vinham como era o bairro, sobretudo depois em Chelas através das professoras, havia um grupo de professoras jovens de geografia que solicitavam e nós com muito prazer ajudávamos. E há tempos, há 4, 5 ou 10 anos, conseguimos juntar os primeiros habitantes dos Olivais, o Teotónio Pereira, o Dentinho e o Fernando Torres que morou nos Olivais e fez projetos para o GTH e foi uma sessão muito interessante numa das escolas secundárias. Foi realmente interessantíssimo porque eu contei esta história do médico que guiava as pessoas e depois houve um senhor da assistência “eu tenho uma história mais engraçada do que essa. Eu trabalhava nos correios, fazia turnos e um dia cheguei tarde a casa, já era de noite, e encontrei um senhor sentado no lancil da rua a chorar e eu disse não chore o que quer que tenha sucedido não chore e o senhor era muito castiço. E eu vi o homem a chorar até lhe disse homem chorão, ou corno ou ladrão..., mas não se lembra de nada? Não, vim para aqui há 8 dias e tive de sair à noite agora não sei onde é que moro, a família já está em cuidados.” Depois o senhor dizia-me “então é aqui mais para ao pé do batista russo?”, a ver se conseguia encontrar um ponto de referência. Na altura havia uma loja que era a loja do ferrador que vendia tudo e era uma referência.

Na praça Cidade do Luso?

Sim. O senhor “não me lembro de nada, só me lembro que perto da minha casa havia um marco do correio” e o senhor “então olhe nos Olivais existe cinco marcos do correio algum há de ser” e depois o senhor tinha muita graça “e quando a gente anda à procura de uma coisa, não é à primeira nem a segunda é a última” e pronto lá correram os cinco marcos do correio e a família já estava em pranto e ainda acrescentava “e ficámos amigos para toda a vida”.

E já agora essa questão da professora de geografia. Era os professores de geografia que pediam apoio?

Sim era, havia uma união muito grande. Os primeiros edifícios a serem construídos foram as escolas. O reitor da D.Dinis foi uma vez ao GTH pedir para pormos gravilha na rua principal e nós dissemos que era para o automóvel, Chelas tem uma separação entre os peões e os automóveis e nós queríamos que os alunos viessem pela alameda central que está ligado ao liceu e às escolas, mas pusemos lá a gravilha. Depois quando fui lá ao D.Dinis explicar o plano houve uma miúda que me disse “senhor arquiteto nós agora vamos pela alameda dos peões” e eu “muito bem, então porquê?” e ela “é porque há ali uma fábrica de bolos e quando os bolos não estão bonitos eles dão” e eu pensei que pode fazer-se toda a espécie de urbanismo, mas uma fábrica de bolos ajuda muito.

Nesta questão dos habitantes e de percorrer o espaço e de se perderem. Havia o conceito de passeante que era uma ideia principal do plano, ou seja, acaba por ser contraditório o que resultou.

Pois, quando se fizeram as duas equipas uma para os Olivais, os Olivais Norte foi uma herança que veio de GEU, Gabinete de Estudos de Urbanização. É interessante ver que aquele plano, Carta de Antenas puro e ainda bem que não mudaram o plano. Foi feito pelo mesmo arquiteto que fez a Nova Oeiras, o arquiteto Pedro Falcão e Cunha. E a outra equipa que fez Chelas. Eu sobretudo, fiquei na equipa de Chelas que começou 10 anos depois dos Olivais. O que nos permitiu ir aferindo e fazer conceitos completamente diferentes. Os Olivais é uma estrutura celular que se acreditava que as cidades cresciam como os seres vivos, com unidades mínimas de vizinhança e há uma hierarquia de centros, o centro está a loja, o mercado, a escola, a igreja. Depois há onde está o comércio ocasional e outra que é o centro. Esses núcleos nunca chegaram a ser feitos porque havia equipamento que era feito pela câmara, as escolas, os mercados foram feitos, mas o centro principal foi durante anos e anos, um vazio. Em Chelas, o conceito foi diferente. Foi uma cidade linear onde há faixas de vida urbana intensa e o equipamento está, portanto não há aquela centralidade da pessoa viver no seu centro. Em Chelas previu-se que essas ruas de faixa de vida urbana intensa teriam lojas para a rua. Nos Olivais, acabou por se fazer um centro que é um centro comercial. A crítica que se fazia aos Olivais, que eu muitas vezes me lembro daquela frase do Eça “o sonho de qualquer português é viver numa quinta com porta para o Chiado” e há pessoas que dizem que os Olivais têm quinta a mais e Chiado a menos. Durante anos e anos a nossa luta era uns pediam parques de estacionamento e os que pediam jardins modo que era incompatível. Conseguimos fazer um certo equilíbrio. Por exemplo, os jardins dos Olivais foram plantados três ou quatro vezes porque as pessoas vêm uma árvorezinha, os miúdos arrancavam. Outro problema gravíssimo eram as hortas, as pessoas...o tio o primo e o avô que vinham da província para fazer uma hortinha e depois quebraram os esgotos. Os Olivais tiveram uma juventude muito difícil, que depois foi ainda mais dificultada em Chelas por causa das ocupações. De qualquer maneira a herança do GTH é notável.

Qual era a perspetiva da população dos Olivais Sul relativamente a esta nova forma de viver cidade? Como é que viam os Olivais e como é que se adaptavam porque acabavam diferente da restante Lisboa. A primeira geração terá estranhado, mas depois entranhou-se. Toda a geração que passou pelas escolas dos Olivais é agora bairrista, o Santana Lopes...muita gente. Há um facto muito interessante, é que havia uma filarmónica nos Olivais e conseguiu sobreviver e desenvolver-se. E há uns anos a marcha dos Olivais ganhou as marchas.

E ali junto ao campo de futebol há uma pequena associação que é como se fosse uma sociedade recreativa que funciona como tal e agora quando é os santos fazem arraiais e de repente nós encontramos ali naquele núcleo algo inesperado num bairro novo.

Nós comparando os Olivais com aquele bairro que há na ajuda o dois de maio, os Olivais fizeram uma comunidade. A rua, os bairros já pertencem à memória coletiva.

E não terá contribuído para isso o facto de haver uma série de células. Estou a lembrar-me da Praça de São Salvador, os quatro módulos que formam a praça são de categorias diferentes, portanto ou a escola primária ou o espaço público acaba por fazer o caldear das diferentes classes, digamos assim. Aliás quando me falou das praças dos Olivais eu pensei “há praças nos Olivais”, formidável.

E as campanhas feitas nas escolas eram a pedido das escolas ou...?

Não me recordo. Recordo-me que havia um grupo de jovens geografas, professoras de geografia que vinham solicitar, mas por exemplo em Chelas houve uma grande comunhão entre nós e o colégio Valsassina que era o único sítio que não foi expropriado.

Que problemas se registavam nos restantes bairros lisboetas para a necessidade de a equipa do GTH trabalhar com o conceito de unidades de vizinhança? Ou a aplicação do conceito deveu-se apenas às influências das viagens feitas por Carlos Duarte e a sua vontade de introduzir uma nova forma de viver em Lisboa?

A influencia foi mais do José Rafael Botelho que trouxe o conceito das cidades inglesas, ele estagiou em Inglaterra, mas o conceito foi um pouco abandonado para o conceito de cidade linear. Teve influência depois em Santo André, a nova cidade de Sines onde também o conceito foi esse.

Porque antes tinham sido os bairros com pequenas aldeias, distantes. Alvalade realmente também é um grande salto porque antes era a Encarnação, o Alvito, portanto a igreja, o mercado. No fim a doutrina do Estado-Novo da habitação vem do Salazar que diz que o que o português gosta é da casa, herança, isolamento, enfim. E depois fala muito da internacionalização. Por exemplo, os Olivais tiveram uma grande relutância em coisas formais como a cobertura plana em vez do telhado, portanto isso era internacionalismo, comunismo. As galerias também tiveram uma grande resistência.

Que alterações faria nos Olivais Sul a nível de espaço público e áreas verdes? Depois puderam experimentar em Chelas essas diferenças que não resultaram.

Não mudava nada. Há vezes na faculdade de arquitetura fazem intervenções nos Olivais...nada.

Nós estamos na célula E, que acabou por ser a célula mais industrial e não tem tanto uso de espaço público e não houve tanta preocupação como na consolidação desses espaços como nas restantes células que é uma oportunidade de mudar o que não correu tão bem nos Olivais.

A extinção do GTH e a política do PER foi desastrosa porque o GTH fazia cidade e o PER faz casas e entrou no critério: quem tem uma barraca tem uma casa. Pode ser muito corporativista, muito estado-novista, mas para os Olivais só ia quem trabalhava. No entanto, uma das entidades que era distribuído casas era a Fundação Cardeal Cerejeira, que rejeitavam as casas embora gostassem muito delas porque a barraca tinha outra economia.